



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA - PPGT PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

SONIA MARIA GAIO

CATEQUESE COM ADULTOS:
VIVÊNCIA DA FÉ E EXPERIÊNCIA MISTAGÓGICA

CURITIBA-PR

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA - PPGT PUCPR
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

SONIA MARIA GAIO

CATEQUESE COM ADULTOS:
VIVÊNCIA DA FÉ E EXPERIÊNCIA MISTAGÓGICA

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), Área de Concentração: Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof.^a Dr^a. Clélia Peretti

CURITIBA-PR

2021

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

G143c Gaio, Sonia Maria
2021 Catequese com adultos : vivência da fé e experiência mistagógica / Sonia
 Maria Gaio; orientadora: Clélia Peretti. – 2021.
 141 f. : 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2021
Bibliografia: f. 136-141

1. Catequese. 2. Catequistas. 3. Educação cristã de adultos. 4. Querigma.
5. Mistagogia. I. Peretti, Clélia. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 268.6



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
STRICTO SENSU

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 011.2021
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos quatro dias de março de dois mil e vinte e um reuniu-se às catorze horas por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos docentes: Profª. Drª. Clélia Peretti, Prof. Dr. André Phillipe Pereira, Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes, Prof. Dr. Miguel Fernando Rigoni para examinar a Dissertação da mestranda **Sonia Maria Gaio**, ano de ingresso 2019, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teologia, Área de Concentração: Teologia Ético-Social - Linha de Pesquisa: "Teologia e Sociedade". A mestranda apresentou a dissertação intitulada "**Catequese de Adultos: vivência da fé e experiência mistagógica**". A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, foi **APROVADA** pela Banca Examinadora, com indicação de publicação de artigos. A sessão encerrou-se às 16h00. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores participaram da Banca de Defesa de Dissertação por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

Profª. Drª. Clélia Peretti - Presidente/Orientadora -

Clélia Peretti

Prof. Dr. André Phillipe Pereira - Convidado Externo

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes - Convidado Interno

Prof. Dr. Miguel Fernando Rigoni - Convidado Interno

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



DEDICATÓRIA

In memoriam aos pais
José Gregório Gaio e Calina Bichibichi Gaio
(grande catequista)
À minha família, alicerce em todos os momentos,
em especial aos meus filhos:
Vinicius e Alexandre, minha razão e força para
continuar sempre.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus revelado em seu Filho Jesus Cristo Mestre Divino.

À Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, pela Bolsa Marcelino Champagnat – a qual tive a honra de ser contemplada e continuar a trajetória acadêmica.

À Professora Dra. Clélia Peretti, minha orientadora, pela atenção, incentivo, disponibilidade, contribuições e amizade durante toda essa jornada.

À Coordenação e Professores do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia e demais departamentos pelos ensinamentos e apoio dedicados.

Aos amigos e colegas que caminharam comigo, nesta jornada, contribuindo e incentivando no decorrer da pesquisa, em especial, à Clarice Nesi Bonato e Valdirlei Augusto Chiquito, presença constante e animadora.

Ao Pároco e Reitor do Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Padre Jonacir Francisco Alessi, pela força.

A todas as pessoas que de uma forma ou outra contribuíram para esta etapa formativa.

“O amor de Cristo nos impele” (2Cor, 5-14).

RESUMO

A pesquisa *Catequese com Adultos. Vivência da fé e experiência mistagógica* está vinculada à Área de Concentração Ético-Social e à Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia – PPGT /PUCPR, e ao projeto de Pesquisa *Contribuições teológico-filosóficas para interpretação do fenômeno religioso*. Investiga o caminho de renovação e restauração do itinerário de inspiração catecumenal como iniciação mistagógica. Vários sínodos, assembleias nacionais e internacionais, encontros e eventos de diversas dimensões versaram sobre processo de renovação catequética. A Igreja, impulsionada pelo Concílio Vaticano II, avançou na reflexão do Itinerário à Vida Cristã com a produção de um grande acervo documental. A pesquisa objetiva investigar o processo de Iniciação à Vida Cristã na dinâmica histórica, antropológica e teológica da Catequese com os Adultos; percorrer sobre o itinerário de fé tendo como pressuposto o *querigma*; apresentar a experiência mistagógica, evidenciando a contribuição dos Padres da Igreja na sistematização e compreensão do catecumenato. No percurso investigativo, revisitou-se a literatura teológica, mapeando as contribuições do Concílio Vaticano II, dos documentos pós-conciliares e da CNBB, dentre outras fontes. Por este caminho, delineou-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa do tipo explicativa, com abordagem reflexiva dos dados. Como resultados, obteve-se que a Catequese com Adultos avançou em suas diferentes propostas. É um processo gradual, contínuo e adequado à história e à cultura de cada grupo. Este processo requer a aceitação da fé e o respeito à individualidade de cada pessoa. A Catequese configura-se em diálogo permanente com a comunidade de fé e como um itinerário mistagógico-litúrgico-sacramental. A mistagogia é a arte de conduzir os fiéis para dentro do mistério celebrado, revelando-o através de cada rito e gesto. A pedagogia de Jesus mestre, educador e mistagogo apresenta-se como modelo de itinerário catequético. O ponto de chegada da Catequese com Adultos não é a recepção dos sacramentos, mas tornar-se discípulo missionário de Jesus Cristo e anunciador do Reino de Deus numa sociedade em constantes mudanças. Diante do crescente número de pessoas que buscam pela Catequese de Adultos, a Igreja é convocada a abrir suas portas e colocar-se a serviço da pessoa humana. A Igreja, com Francisco, “é chamada a ser a casa aberta do Pai” e uma “Igreja em Saída”. A Catequese com Adultos atribui à Igreja uma nova tarefa pastoral. O catequista é o acompanhador e educador da fé daqueles que lhe foram confiados pela Igreja. Ele é o mistagogo que introduz o catequizando nas várias dimensões da vida cristã e revela os mistérios da salvação contidos nos depósitos da fé e atualizados na liturgia da Igreja. A Igreja, acompanhando progressivamente e respeitando a singularidade de seus filhos, manifesta sua maternidade.

Palavras-chave: Catequese com Adultos. Querigma. Mistagogia. Catequista.

ABSTRACT

The research *Catechesis of Adults: the life of faith and mystagogical experience* is related to the Ethical Social Concentration Area and to the Theology and Society Research Line, of the Master's and PhD graduation program in Theology – PPGT /PUCPR, and to the research project *Theological and philosophical contribution to the religious phenomenon interpretation*. Investigates the path to renovation and restoration of the catechumenal inspiration itinerary as mystagogical initiation. Many synods, national and international assemblies, gatherings and events of various dimensions expatiate on the catechetical renovation process. The Church, driven by the Vatican Council II, made advances on the considerations of the Itinerary to Christian Life with a vast documental collection production. The research aims to investigate the Christian Life Initiation process on a historical, anthropological and theological dynamic of the Adult Catechesis; expatiate on the itinerary of Faith using kerygma as basis conjecture; present the mystagogical experience highlighting the Fathers of the Church contribution on the systematization and understanding of the catechumenate. On the investigative journey, the theological literature was revisited, mapping the contributions of the Vatican Council II, the post conciliar documents and the CNBB, among other sources. During this path, it was outlined a bibliographic research using a qualitative approach of an explanatory type, approaching data reflectively. As a result, it was concluded that the Catechesis of Adults has made advances in its different proposals. It's a gradual and ongoing process, suitable to the history and culture of each group. This process requires the acceptance of faith and the respect to each person's individuality. The Catechesis is characterized by a permanent dialogue with the Faith community and as a mystagogical-liturgical-sacramental itinerary. Mystagogy is the art of leading the faithful inward the celebrated mystery, revealing it through each rite and gesture. The pedagogy of Jesus master, educator and mystagogue presents itself as a catechetical itinerary model. The point of arrival on the Catechesis of Adults is not the reception of sacraments, but rather to become a missionary disciple of Jesus Christ and a herald of God's Kingdom in a continuous changing society. As a consequence of the increasing number of people looking for Catechesis of Adults, the Church is summoned to open its doors and to place itself at the service of humankind. The Church, with Francis, "is called to be the Father's open home" and an "Outgoing Church". The Catechesis of Adults assigns to the Church a new pastoral task. The catechist is the faith's accompanier and educator of those he was entrusted by the Church. He is the mystagogue who introduces to those being catechized the various dimensions of the Christian life and reveals the mysteries of salvation within the deposits of Faith and updated in the Church's liturgy. The Church, accompanying progressively and respecting the singularity of its children, manifests its maternity.

Key words: Catechesis of Adults. Kerygma. Mystagogy. Catechist.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trajetória da Igreja e seu acervo documental	50
Tabela 2 - Trajetória na Igreja do Brasil de sua Caminhada Catequética... ..	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Apostolicam Actuositatem
AG	Ad Gentes
At	Atos dos Apóstolos
CAT	Catecismo da Igreja Católica
CD	Christus Dominus
CDC	Centro Diocesano de Osasco
CELAM	Conferência (ou Conselho) Episcopal Latino-Americano
CIC	Codex Iuris Canonici (Código de Direito Canônico)
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Cor	Carta aos Coríntios
CT	Catechesi Tradendae
DAp	Documento de Aparecida
DC	Diretório para a Catequese
DCE	Deus Caritas Est
DCG	Diretório Catequético Geral
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DH	Dignitatis Humanae
DNC	Diretório Nacional da Catequese
DV	Dei Verbum
Ef	Efésios
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
FT	Fratelli Tutti
GE	Gravissimum Educationis
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
GS	Gaudium et Spes
Hb	Hebreus

IM	Inter Mirifica
Is	Isaías
Je	Jeremias
Jo	João
Lc	Lucas
LF	Lumen Fidei
LG	Lumen Gentium
Lv	Levítico
Mc	Marcos
MR	Missal Romano
Mt	Mateus
NA	Nostra Aetate
NUCAP	Núcleo de Catequese Paulinas
OE	Orientalium Ecclesiarum
OICA	Ordo Initiationis Christianae Adultorum
OT	Optatam Totius
PC	Perfectae Caritatis
Pd	Pedro
PO	Presbyterorum Ordinis
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
RH	Redemptor Hominis
Rm	Romanos
SC	Sacrosanctum Concilium
SCa	Sacramentum Caritatis
Sl	Salmos
Tm	Timóteo
Tt	Tito
UR	Unitatis Redintegratio
VD	Verbum Domini

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O PROCESSO CATECUMENAL COMO PRÁTICA MISTAGÓGICA.....	22
2.1 REVELAÇÃO DE JESUS: O PROCESSO MAIÊUTICO	24
2.1.1 A Iniciação cristã na Igreja Primitiva.....	28
2.1.2 O Catecumenato pós-apostólico	32
2.1.3 A catequese na perspectiva dos Padres da Igreja	35
2.1.4 Catecumenato em queda	39
2.1.5 A catequese na perspectiva do Vaticano II	45
2.1.6 O Itinerário Catecumenal Fundamentado no RICA	51
2.2 CATEQUESE COMO PROCESSO DE EDUCAÇÃO PARA A FÉ	55
2.3 A EDUCAÇÃO DA FÉ NA CATEQUESE COM ADULTOS	59
2.4 O PROCESSO EDUCACIONAL CATEQUÉTICO COMO EXPERIÊNCIA DE FÉ ..	63
3 O ITINERÁRIO DE FÉ NA CATEQUESE COM ADULTOS	68
3.1 QUERIGMA: PRIMEIRO ANÚNCIO.....	69
3.1.1 O Anúncio.....	70
3.2 CATEQUESE COMO PROCESSO MISTAGÓGICO	76
3.3 ACOMPANHAMENTO DO ADULTO NO ITINERÁRIO DE FÉ E DE INSERÇÃO NA COMUNIDADE.....	79
3.4 A PRÁTICA DO AMOR NO ITINERÁRIO DA FÉ CRISTÃ.....	82
3.5 PALAVRA QUE ILUMINA O ENCONTRO COM MISTÉRIO DE DEUS.....	85
3.6 A FÉ VIVIDA E TESTEMUNHADA A PARTIR DA COMUNIDADE CRISTÃ.....	90
3.6.1 Um Processo de Formação Permanente	93
3.6.2 Paróquia Espaço da Comunidade Cristã	94
4 A MISTAGOGIA E O CAMINHO NA FÉ.....	99
4.1 JESUS CRISTO, PRIMEIRO MISTAGOGO	100
4.2 ITINERÁRIO MISTAGÓGICO E EXPERIÊNCIA CRISTÃ DA FÉ	103
4.2.1 A Inserção dos adultos aos Sacramentos da Iniciação Cristã.....	106
4.2.2 Os Sacramentos da Iniciação Cristã	108
4.2.3 Experiência da Fé: símbolos e sinais litúrgicos	113
4.2.3.1 Renascidos em Cristo - Batismo	115
4.2.3.2 Confirmados na Fé - Confirmação.....	117

4.2.3.3 Nutridos em Cristo – Eucaristia	118
4.3 CATEQUISTA MISTAGOGO	122
4.4 A PEDAGOGIA DO ACOMPANHAMENTO	124
4.5 MISTAGOGIA E OS DESAFIOS NA ATUALIDADE	126
4.5.1 Discipulado	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	136

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual da evangelização, mais que as crianças, os adultos são os que precisam de um processo bem definido de Iniciação à Vida Cristã. É uma necessidade religiosa, mas também antropológico-filosófica e teológica. Entrar num novo projeto de vida, religioso ou não, requer um processo sucessivo de aproximação e de conhecimento da Verdade. São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos nem se inserem ativamente na comunidade eclesial.

As estatísticas, hoje, mostram o declínio numérico de fiéis. A Igreja sente a urgência do desenvolvimento nas comunidades de um processo de Iniciação à Vida Cristã que conduza a um encontro pessoal com Jesus Cristo, que leve à conversão, ao seguimento numa comunidade eclesial e um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e missão (DAP, 2008, n. 289). Neste contexto, observa-se que a catequese com jovens e adultos avança com dificuldades, embora o Diretório Geral para a Catequese (DGC, 2003) e o Diretório Nacional de Catequese (DNC, 2007) insistem na importância da catequese com adultos.

Surge, assim, o desafio da comunidade em acolher e acompanhar homens e mulheres em busca dessa catequese e da inserção dessas pessoas na comunidade cristã. Deste modo, percebe-se a necessidade de um olhar solidário a fim de acolher aqueles que buscam a fé, independentemente de suas experiências de vida. “A Igreja deverá iniciar seus membros – sacerdotes, diáconos, religiosos e leigos – na arte do acompanhamento, para que todos aprendam a tirar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (Ex 3,5)”. (EG, 2013a, n.169).

Deste modo, as ações evangelizadoras, em seu processo de iniciação, vêm sendo objeto de atenção, estudos e avaliação da Igreja, de modo especial, da Igreja no Brasil, conforme constata-se na Apresentação do novo Diretório para a Catequese. Mais do que “delimitar de forma rígida as diferentes fases do processo catequético, a Igreja preocupa-se em promover em plenitude e alimentar cotidianamente à vida cristã dos fiéis de todas as idades” (DC, 2020, p. 13).

Além disso, o grande desafio da Igreja consiste em adequar à catequese de adultos metodologias inovadoras, que dialoguem com os novos contextos culturais e, ao mesmo tempo, levar a uma a experiência de encontro com o mistério de Cristo. Trata-se, portanto, de uma catequese atenta a cada pessoa, de encontro interpessoal e comunitário, capaz de propor um percurso em que o anúncio do querigma e o seu amadurecimento estejam unidos. “É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano” (EG, 2013a, n. 165). Além disso, é fundamental o desenvolvimento de uma catequese mistagógica, ou seja, um caminho progressivo da experiência formativa na qual a comunidade intervém com uma renovada participação dos sinais litúrgicos da iniciação cristã.

É bom lembrar que na Igreja nascente a pessoas aderiam à fé por meio de um processo de iniciação catecumenal que sustentava a adesão ao martírio e possibilitava a expansão do Evangelho. Esse processo ficou evidente, a partir do século II, com a estruturação do catecumenato que tinha como finalidade aprofundar a fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e à comunidade dos discípulos. Seu período áureo foi entre os séculos III e V a C.

A pesquisa ora apresentada percorre pela história da catequese na Igreja nascente, conhecida por Catecumenato, quando os que se convertiam ao Evangelho eram mergulhados na vida nova de Jesus Cristo. Neste primeiro processo de iniciação, a catequese era considerada como momento de instrução e aprendizado, transmissão da doutrina cristã, aprofundamento da fé, a partir das Escrituras e ensino dos Apóstolos, conduzida pelos catequistas, chamados de doutores. No período da Patrística, por volta do III e IV séculos, surgiu a catequese mistagógica. Esse processo incluía muitas outras práticas ligadas principalmente à oração, celebrações litúrgicas, ritos, exercícios de vida cristã e acompanhamento pessoal. Era um processo evangelizador e de iniciação cristã. Com o desaparecimento do catecumenato e o avanço da cristandade, a catequese tornou-se uma atividade independente dentro da Igreja, reduzida especificamente à doutrinação.

Com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e as décadas que se seguiram, a Igreja pôde voltar várias vezes a refletir sobre o processo de evangelização. São dois os documentos que marcam este percurso: *A Evangelii Nuntiandi*, do Papa São Paulo VI, em 1975, e *A Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, em 2013a. Ambos os

documentos enfatizam o compromisso cotidiano de evangelizar. “A Igreja existe para evangelizar” declara São Paulo VI na EN, n. 14, e Francisco reitera com clareza, dizendo: “Eu sou uma missão na Igreja” (EG, 2013a, n. 273). Dessa maneira, compreende-se a estreita relação entre evangelização e catequese.

Com o Papa Francisco, a Igreja, no Brasil, renovou-se significativamente na sua missão evangelizadora e no resgate da Iniciação à Vida Cristã que tem como base o RICA – Ritual de Iniciação a Vida Cristã. Trata-se da recuperação da iniciação cristã, um processo que se desenvolve no tempo e que se articula segundo quatro eixos principais: o primado da evangelização; a unidade orgânica e progressiva dos sacramentos da iniciação cristã; a referência à comunidade e a seus ministérios; a figura do cristão adulto. Assim, o processo de redescoberta das fontes cristãs, a partir do Concílio, permitiu-nos recuperar a intrínseca relação entre catequese, iniciação cristã e sacramentos.

Trata-se, portanto, de um resgate da dimensão catecumenal da própria comunidade cristã, uma vez que é ela quem anuncia, catequiza, celebra os sacramentos e gesta o novo cristão. Esse resgate supõe, por sua vez, uma nova eclesiologia, em que a Igreja é compreendida como em contínuo estado de missão ou em contínua evangelização. Assim, a dimensão catecumenal da comunidade não se realiza plenamente sem um processo mistagógico, porque, mais uma vez, o novo catecúmeno é introduzido na experiência do Mistério de Cristo e não apenas à doutrina explicativa desse mesmo mistério.

No Brasil, a Catequese tomou novo rumo à luz de uma eclesiologia e cristologia voltada para a dimensão social do povo cuja inspiração advém da realização da VI Semana Internacional de Catequese e da II Conferência Geral do Episcopado da América Latina, em Medellín (1968). A opção pelos pobres levou a catequese a rever sua metodologia e, sobretudo, seus conteúdos. Os catequistas receberam especial atenção por meio das escolas catequéticas. E, em termos de organização, houve maior articulação do trabalho catequético por meio dos organismos da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB).

No processo de renovação conciliar, as conquistas catequéticas, promovidas pelo Diretório Catequético Geral (1971), contribuíram para os avanços na Igreja, podendo contar, hoje, com um grande acervo documental. No Brasil, a Igreja

acolheu as orientações, principalmente do documento Catequese Renovada, a qual foi fruto de ampla movimentação nacional, com a participação de comunidades, catequistas, estudiosos e pastores, como veremos no decorrer desta pesquisa.

Em 2017, aprovado na 55ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Documento 107, Iniciação à Vida Cristã, após reflexões e estudos, abaliza o caminho que a Igreja no Brasil deve percorrer na sua proposta de catequese, sendo este iluminado pelas diretrizes do Documento de Aparecida. Na sua proposta de evangelização, o Documento 107 insere a catequese com adultos e a iniciação à vida cristã como prioridade. O documento aponta, também, para a necessidade de formação do catequista e do catequizando por meio de uma experiência mistagógica e de uma vivência da fé na comunidade. Além disso, assinala a necessidade de uma formação continuada, estendida para toda a comunidade, a fim de que esta esteja preparada para o acolhimento dos novos batizados.

Segundo o DAp (2008, n. 289), a Igreja sente a urgência do desenvolvimento nas comunidades de um processo de Iniciação a Vida Cristã que conduza a um encontro pessoal com Jesus Cristo “que leve à conversão, ao seguimento numa comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e missão”. Neste contexto, a catequese com jovens e adultos avança com dificuldades, embora o Diretório Geral para a Catequese (DGC, 2003) e o Diretório Nacional de Catequese (DNC, 2007) insistam na importância da catequese sendo a participação da comunidade fundamental para acolher e acompanhar, homens e mulheres em busca da catequese e de inserção na comunidade cristã.

Com base nesses pressupostos, com a presente dissertação objetivou-se, de maneira geral, investigar, a partir dos documentos do Concílio Vaticano II, a Catequese com Adultos e, conseqüentemente, o processo de Iniciação à Vida Cristã, a educação e vivência da fé e da experiência mistagógica como aprofundamento do querigma e a inserção e participação comunitária do iniciado à fé.

Assim sendo, buscou-se, de modo específico: discutir a caminhada da Catequese com Adultos, em sintonia com as várias realidades históricas e comunitárias, a evolução do processo de iniciação e o itinerário da fé do catecúmeno

e sua inserção na vida da comunidade; discorrer sobre o itinerário de fé na catequese com adultos, tendo como pressuposto o *querigma*, ou seja, o anúncio da pessoa de Jesus; apresentar a experiência mistagógica, e o caminho da fé na perspectiva da patrística evidenciando a contribuição dos padres da Igreja na sistematização e compreensão do catecumenato.

A hipótese da pesquisa é orientada pela proposta de uma Nova Evangelização, advinda do Papa Francisco, em que o anúncio do Reino de Deus deve ser marcado pela alegria e novas formas de transmissão da fé. A Igreja se depara, ainda, diante das mudanças e transformações socioculturais, com grandes desafios metodológicos no processo de transmissão da fé (EG, 2013a, n. 1,7).

A pesquisa justifica-se pela crescente demanda ao processo de iniciação à Vida Cristã em idade adulta e tem como questão central a necessidade de adequar metodologias inovadoras ao itinerário formativo de fé. O processo de Iniciação Cristã passa pela escuta e o educando na fé poderá ou não aderir a uma prática comunitária e vivenciar uma experiência mistagógica.

No percurso investigativo, revisitamos a literatura teológica, mapeando as contribuições do Concílio Vaticano II, dos documentos pós-conciliares e da CNBB, dentre outras fontes. Por este caminho, delineamos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa do tipo explicativa, com interpretação dos e abordagem reflexiva dos dados.

A partir dos dados coletados, enfatizou-se o tema da Catequese com Adultos tendo como foco a experiência mistagógica. O Papa Francisco na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* dedica vários números (167-173) sobre a catequese kerigmática e mistagógica. Além disso, elenca os desafios para a evangelização e, de modo especial, para o processo de iniciação à fé: “a economia da exclusão, idolatria do dinheiro, desigualdade social [...], cultura do provisório, [...] fragilidade dos vínculos familiares, perda do sentido do sagrado” (EG, 2013a, n. 52-75). Essas questões estimulam trilhar novos caminhos “que o Pai, pelo Espírito Santo, inspira a Igreja para chegar ao coração das pessoas”. Urge propor o querigma no mundo contemporâneo de maneira a cativar mais as pessoas a um encontro com o Messias (Jo, 1,35-51), para que possam fazer a experiência da verdadeira adesão a Jesus Cristo (CNBB, 2017, 107, n. 54).

Nesse sentido, a catequese proposta no Concílio Vaticano II e atualizada, sobretudo, no magistério do Papa Francisco, é compreendida como uma “Igreja em saída missionária” (EG, 2013a, n. 20). Sendo assim, a Igreja estará sempre disponível a colocar-se na escuta dos clamores do Povo de Deus, confiante que Ele Deus age misteriosamente no coração de cada pessoa, antes mesmo de ser alcançada pelo Evangelho (DC, 2020, n. 50).

A inspiração catecumenal é “uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística” (CNBB, 2017, 107, n. 56) que convida o catequizando a entrar sempre mais no mistério do amor do amor de Cristo, da sua morte e ressurreição. É um itinerário mistagógico contínuo, uma vez que visa à formação inicial e, ao mesmo tempo, uma educação permanente do educando, para viver e anunciar a fé cristã no coração do mundo.

Em síntese, a estrutura desta dissertação é composta por três capítulos, tendo como temas orientadores: a Catequese com Adultos, o itinerário de fé, a Experiência Mistagógica e a Vivência da Fé. Deste modo, o primeiro capítulo discute *O Processo Catecumenal como Prática Mistagógica e sua contextualização*.

Neste capítulo, a Catequese é apresentada como processo de educação para a fé. Aborda, ainda, a educação na catequese com adultos e o processo educacional como experiência de fé. A partir destes temas centrais, discute-se a caminhada da Catequese com Adultos a partir da Igreja nascente e em sintonia com as várias realidades históricas e comunitárias.

A atenção verte sobre a evolução do catecumenato, enfatizando o papel do catequista como testemunho da fé e o guardião da memória de Deus, bem como o acompanhador e o educador daqueles que lhes foram confiados pela Igreja. A catequese é uma experiência vital do Mistério de Cristo. O processo de Iniciação à Vida Cristã começa com o *querigma*, capaz de formar pessoas convictas do amor de Deus, encantadas por Jesus Cristo e seu projeto de amor, através uma mística evangélico-missionária, orante, celebrativa, vivencial, transformadora e comunitária.

O segundo capítulo discute o *Itinerário de Fé na Catequese com Adultos*; aprofunda temáticas como o Querigma; a catequese como processo mistagógico; acompanhamento e itinerário do adulto na caminhada de fé, a dimensão vivencial da iniciação cristã; a dimensão existencial da fé; a convivência na comunidade. Deste

modo, enfatiza-se o papel da paróquia em fazer ressoar a Palavra de Deus com renovado entusiasmo missionário. É necessário, portanto, que a paróquia torna-se um lugar do encontro, da solidariedade, da comunhão e da unidade mesmo em meio a diversidade de sentimentos e estilos. Paralelamente a isso, é fundamental cultivar as comunidades de fé, para o encontro e a partilha de vida, à luz da Palavra de Deus, da oração, da experiência de fé e da prática da caridade cristã. Destacam-se os avanços da catequese com os adultos com o Novo Diretório que coloca no centro dessa experiência o anúncio *querigmático* trinitário e uma prática do amor na comunidade de fé e na experiência concreta da existência humana. A catequese, portanto, torna-se uma experiência concreta de vida com Cristo.

Já no terceiro capítulo é apresentada a *Mistagogia e o Caminho de Fé*, apontando para a experiência com Cristo, através da vivência de Comunhão em comunidade. Enfatiza-se a necessidade da formação da identidade do catecúmeno durante o processo de Iniciação à Vida Cristã. Trata-se de habilitar o catecúmeno para discernir seu projeto de vida à luz da Palavra de Deus, visto que com o batismo ele é chamado a participar ativamente da missão de Cristo e a ter um novo estilo de vida. Sublinha-se a importância da escuta do Espírito Santo para o cumprimento da missão.

Isto posto, o processo de Iniciação à Vida Cristã, realizado por tempos e etapas, implica o envolvimento constante da comunidade em favor dos iniciados. Destaca-se a importância da comunidade no acompanhamento e na inserção aos mistérios de Cristo e da Igreja, mediante ritos e cultos, de modo especial as celebrações eucarísticas. Este acompanhamento garantirá a formação continuada no aprofundamento da fé, especialmente diante das novas questões e situações ao longo da vida, motivando-os no envolvimento na vida comunitária e nas grandes causas da sociedade (CNBB, 2017, 107, n. 176). Cabe ressaltar que a Palavra de Deus é essência a Iniciação à Vida Cristã. O Papa Francisco, na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* insiste no anúncio da Palavra e a integração de todas “as dimensões da pessoa, em um caminho comunitário de escuta e resposta” (EG, 2013a, n.166).

Enfim, para a continuidade da vivência mistagógica, é necessário que toda comunidade esteja envolvida no processo em favor dos novos iniciados. A

catequese com os Adultos requer, portanto, uma metodologia inovadora, capaz de envolver as pessoas no saber, sentir, optar, viver, fazer e ser dos cristãos.

2 O PROCESSO CATECUMENAL COMO PRÁTICA MISTAGÓGICA

Este capítulo discute o processo catecumenal, a partir do itinerário percorrido por Jesus no anúncio do Reino de Deus, no chamamento e na formação dos seus discípulos. O início da vida pública de Jesus é marcado com o mesmo anúncio de João Batista, da proximidade do Reino e da conversão à justiça. O evangelho de João narra este chamado já na ocasião do batismo de Jesus, quando alguns discípulos de João Batista se dispõem a seguir Jesus (Mc, 1, 7-11).

Assim como Jesus abandonou sua rotina de vida em Nazaré, seus discípulos também abandonaram seu antigo sistema de vida, não para fugir do mundo, mas para iniciar uma nova prática social de justiça e paz. Este é o aspecto destacado pelo evangelista João desde o primeiro encontro de Jesus. Os discípulos, provenientes, como Jesus, da Galileia eram homens que aguardavam a chegada do Reino de Deus, desejosos de conhecer o Messias, cuja vinda estava anunciada como iminente.

Para os discípulos, foi suficiente a indicação de João Batista de seguir Jesus como o Cordeiro de Deus (Jo 1, 36). Esse convite despertou neles o desejo de um encontro pessoal. O diálogo de Jesus com os primeiros dois futuros apóstolos é muito expressivo. À pergunta: “Que procurais?”, eles responderam com outra pergunta: “Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?”. A resposta de Jesus é um convite: “Vinde e vereis” (Jo 1, 38-39). Vinde para poder ver.

A aventura dos apóstolos começa, assim, como um encontro de pessoas que se abrem reciprocamente. Dessa maneira, inicia-se para os discípulos um caminho de conhecimento pessoal do Mestre. Eles veem onde mora Jesus e começam a conhecê-lo. De fato, os discípulos não se tornaram anunciadores de uma ideia, mas testemunhas de uma pessoa. Antes de serem enviados para evangelizar, deveriam “permanecer” e ou “estar” com Jesus (Mc 3, 14), estabelecendo com ele um relacionamento pessoal.

A evangelização é um anúncio daquilo que eles experimentaram e um convite a entrar no mistério de comunhão com Cristo (1 Jo 13). Após todo o processo de conversão e de seguimento, Jesus enviou seus discípulos para a missão: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome

do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19).

De tal maneira, a catequese na Igreja configura-se como discipulado. Os evangelhos nascem como uma nova literatura catequética e o *querigma* anunciado pelos discípulos conduz a pessoa à conversão, ao batismo e à profissão da fé no Cristo, ora não mais vivo, mas morto e ressuscitado. Com a adesão a Cristo, o novo fiel é inserido no mistério de Cristo e torna-se membro ativo da Igreja.

No desenvolvimento deste capítulo, analisaremos o percurso da Iniciação à Vida Cristã ao longo da História da Igreja. A partir do segundo século, a Igreja, aos poucos, começa a organizar um processo de iniciação para os novos membros. Este processo, mais tarde, passou a ser denominado Catecumenato (CNBB, 2017, 107, n. 42). Desde o início, a catequese reflete sobre a vida de Cristo, sobre os novos costumes, exigindo daquele que se converte a Cristo, uma preparação mais adequada mediante o sacramento do batismo. Logo, a catequese dos cinco primeiros séculos foi vista como iniciação à fé e à vida fraterna que levava os convertidos à iniciação cristã. Com a expansão da Igreja, a Catequese passou a ser considerada como processo de imersão na cristandade, o que se verificará entre os séculos V e XVI. A educação da fé realizava-se pela participação na vida social, profissional e artística, sempre marcada pelo caráter religioso.

A partir do século XVI, com a Reforma Católica, há uma preocupação com a clareza e a exatidão das formulações doutrinárias, quando, então, passou-se a valorizar mais uma catequese individual. Nesse período, surgem os catecismos inspirados¹ no Concílio de Trento, com a finalidade de instruir para a fé. Esse modelo de evangelização contínua até o século XX quando se redescobre na Catequese a importância fundamental da iniciação cristã e da comunidade de fé.

Com o Concílio Vaticano II, volta-se a pensar na Catequese como educação permanente para a comunhão e participação na comunidade de fé. A finalidade da catequese é ajudar as pessoas a construírem um itinerário de fé, inserindo-as no

¹ Embora o século XVI tenha sido definido como o século do catecismo, antes disso já existiram catecismos na História da Igreja. Tem-se no séc. I a Didaché (Doutrina p/ os batizando); no séc. II e III, as Homilias e as Cartas Pastorais; no séc. V, os Sermões (de modo particular de Santo. Agostinho); no séc. IX a Exposição Perguntas e Respostas (de Alcuíno); Alcuíno de York: convidado por Carlos Magno para o ajudar a instruir e a reformar a corte e o clero do seu reino em 780.

mundo de grandes transformações e com rápidas mudanças, mas vivenciando os valores evangélicos no mundo e, de modo particular, nas pequenas comunidades.

Busca-se, assim, nesse capítulo, compreender a caminhada da Catequese, em sintonia com as várias realidades históricas e comunitárias, à evolução da Igreja e junto com ela percorrer o itinerário da fé com conteúdos que iluminam a vida da comunidade. Destaca-se, desse modo, a evolução do catecumenato, os aspectos históricos da Catequese até o Concílio Vaticano II. Reflete-se sobre a renovação da catequese, a nova evangelização que aponta para uma experiência religiosa de fé, o caminho mistagógico e o processo de educação da fé.

2.1 REVELAÇÃO DE JESUS: O PROCESSO MAIÊUTICO

A Constituição Conciliar *Dei Verbum* afirma que nosso Deus, Pai Misericordioso, quis revelar-se a si mesmo. Em sua bondade e sabedoria, Ele dá-nos a conhecer o mistério de sua vontade (Ef 1,9). “Deus, que cria e conserva todas as coisas por meio do Verbo, oferece à humanidade, nas coisas criadas um testemunho permanente de si” (DV, 2007, n. 3), e, pelo “Espírito Santo, homens e mulheres podem participar de sua natureza divina” (2Pd 1,4; DV, 2007, n. 2). (DNC, 2007, n. 19).

A catequese, como forma de discipulado, já estava presente com Jesus, desde o início do seu ministério. Ele “proclama ter sido enviado para anunciar aos pobres a Boa-Nova” (Lc 4,18), fazendo transparecer e confirmando-o depois, com a sua vida, que o Reino de Deus é destinado a todos os homens a partir daqueles que são os menos favorecidos (DGC, 2003). E, ainda,

Ele se faz de *catequista* do Reino de Deus, para todas as categorias de pessoas: grandes e pequenos, ricos e pobres, são e enfermos, próximos e distantes, judeus e gentios, homens e mulheres, justos e pecadores, povo e autoridades, indivíduos e grupos [...] É disponível a cada pessoa e se interessa por todas as necessidades: da alma e do corpo, curando e perdoando, corrigindo e encorajando, com palavras e com fatos (DGC, 2003, n. 163).

Com efeito, a fé cristã nasce do encontro entre uma Palavra de Revelação e a vida que vivíamos sem saber. Nos convertemos ao que já esperamos obscuramente, a uma verdade que já pressentíamos sem ser capazes de percebê-

la. A Sagrada Escritura revela-nos que o Verbo encarnado, Jesus Cristo, é a plenitude da Revelação: Ele é a plena manifestação da misericórdia de Deus, e, ao mesmo tempo, do chamado ao amor que está no coração da pessoa humana.

A Constituição *Dei Verbum* sobre a revelação divina nos diz que:

A revelação se realizada por obras e palavras intrinsecamente conectadas entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam e confirmam a doutrina e os fatos significados pelas palavras, e as palavras, por sua vez, proclamam as obras e esclarecem o mistério contido nelas (DV, 2007, n. 2).

Cabe, de fato, falar de uma visão sacramental, de uma maiêutica, pois, na revelação, “palavra e acontecimento são um todo, um diálogo real, que afeta o ser humano em sua totalidade” (QUEIRUGA, 2010, p.144). É pela revelação que o homem é posto em confronto com a palavra, com a vida, com os desígnios de salvação. O conteúdo essencial da revelação é a salvação oferecida à humanidade sob a imagem do Reino de Deus, anunciado e instaurado por Cristo.

Ele atribuiu aos seus discípulos a missão de “proclamar a Boa Nova ao mundo inteiro” (Mc, 16, 15); “fazer discípulos” (Mt, 28,19) e “de ensinar tudo quanto prescrevera” (Mt 28,20). Por ocasião da ascensão, prometera-lhes seu Espírito: “Ser-me-ei testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). Testemunhar, proclamar o Evangelho e ensinar são funções dos apóstolos. Dóceis à Palavra do Senhor e cheios do Espírito Santo, os apóstolos saíram, de fato, testemunhando a Ressurreição do Senhor (At 1,22).

Como diz a *Evangelii Nuntiandi* (1975, n.14), evangelizar é, portanto, “vocalização própria da Igreja e a sua mais profunda identidade”. A Igreja existe para ensinar, para ser canal da graça de Deus e de sua misericórdia, para manifestar “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado e da misericórdia de Deus” (EG, 2013a, n. 36). A evangelização é, portanto, uma realidade “rica, complexa e dinâmica” (EN, 1975, n. 17), e, à medida que se desenvolve, incorpora diversas possibilidades: “testemunho e anúncio, palavra e sacramento, mudança interior e transformação social”. Todas essas ações são complementares enriquecem-se reciprocamente (DC, 2020, n. 16).

Na Catequese, portanto, a centralidade do *querigma* é fundamental, pois toda formação cristã deve ser, antes de tudo, o aprofundamento do *querigma*. Este é “o

anúncio que dá respostas ao anseio de infinito que existe em todo coração humano” (EG, 2013a, n.165).

Nessa perspectiva, “a Igreja, sacramento universal de salvação [...] ‘existe para evangelizar’. No entanto, nesta missão ‘a Igreja começa por se evangelizar a si mesma’ (DC, 2020, n. 28).² A Igreja “é o instrumento da redenção de todos os homens” (LG, 2007, n.9), e, ao mesmo tempo, “manifesta e atualiza o amor de Deus pelos homens” (GS, 2007, n. 45,1). Dessa maneira, a missão evangelizadora da Igreja consiste em exprimir da melhor maneira a economia da Revelação, tornando concreta a presença de Cristo, “de modo que [aqueles] que se aproximam da Igreja possam encontrar em sua pessoa o caminho para ‘salvar sua vida’ (Mt 16, 25) e abrir-se a um novo horizonte” (DC, 2020, n. 29).

A Igreja, prefigurada na criação, preparada na Antiga Aliança, fundada pelas palavras e atos de Jesus Cristo, “realiza na história a mesma missão que Jesus recebera do Pai”. (DC, 2020, n. 22). Ela é inseparável da *missão do Filho* (AG, 2007, n. 3) e da *missão do Espírito Santo* (AG, 2007, n. 4), porque essas missões constituem uma única economia da Salvação. E, assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são seres para fora de si mesmos para os outros, a Igreja também o é para o mundo. Nesse sentido, a Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma conversão permanente, “a aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério” (EG, 2013a, n. 6). A Igreja, como Corpo Místico de Cristo, “é no mundo o sacramento da salvação, sinal e instrumento da comunhão de Deus e dos homens” (CAT, 2000, n. 780).

É nessa eclesiologia que se insere até hoje o itinerário de iniciação à vida cristã. Ser iniciado à vida de Cristo, conhecer seus passos, tornar-se discípulo é a característica própria da Igreja desde suas origens. A vida das comunidades primitivas firmava-se sobre quatro pilares: o anúncio/a doutrina dos Apóstolos; a

² De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (2000, n. 751, p. 215), a palavra “Igreja”, deriva do termo *ekklésia* e do grego “*ekkaléin*” que significa “chamar fora”, “convocação”. Por *ekclesia* entende-se também assembleias do povo, geralmente de caráter religioso. É um termo frequentemente usado no Antigo Testamento para designar a assembleia do povo eleito diante de Deus, sobretudo para indicar a assembleia do Sinai, onde Israel recebeu a Lei e foi constituído por Deus como seu povo santo “vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa” (Ex 19,6). Ao denominar-se “Igreja”, a primeira comunidade dos crentes em Cristo se reconhece herdeira dessa assembleia. Nela, Deus “convoca” seu Povo de todos os confins da terra (At 19,39). O termo “*Kyriakä*”, do qual deriva “*Church*”, “*Kirche*”, significa a comunidade “a que pertence ao Senhor”.

fração do pão (ceia do Senhor/Eucaristia); a oração e a comunhão de almas e corações, que levava à partilha dos bens, ao cuidado dos pobres e dos necessitados: “vejam como eles se amam!” (At 2, 42-46; 4, 32-35). Anúncio e vida estavam intimamente ligados. A catequese e a inserção progressiva na vida da comunidade eram inseparáveis.

A prática para a inserção aos mistérios de Cristo e na Igreja era denominada “Catecumenato”. O tempo de preparação variava de um a três anos. A seguir, veremos detalhamento as fases desse processo. A Igreja primitiva percorreu vários caminhos de seguimento a Cristo: perseguições, martírios etc., mantendo-se corajosamente fiel a sua missão de anunciar Cristo Luz dos povos. Neste sentido, a história assume um valor fundamental, porque a revelação começa a ser entendida no interior das mais variadas condições históricas, pois “Deus continua comunicar-se a si mesmo e seu plano salvífico ao homem situado na história” (LIBANIO, 2012, p. 287). Para o DNC,

A história é lugar da caminhada de Deus com seu povo e do povo com Deus, embora nela se manifeste também o mistério da iniquidade. Nela e por ela, e por vezes contra ela, Deus se revela e manifesta o que Ele quer ensinar o que espera da humanidade (2007, n.60).

A revelação, como realidade, é maior que a história humana, transcende-a em nível ontológico. Ela atravessa a história no sentido de que Deus, não só como criador, mas também na sua automanifestação e autocomunicação, marca a história humana no seu ser. O Diretório Nacional de Catequese assegura que:

Jesus Cristo, o Filho de Deus, encarnou-se na realidade humana e num determinado contexto histórico, que condicionou sua vida, ensinamento e missão. Viveu, ensinou e nos salvou a partir da história e do que ela comporta, fazendo dela, marcada pela nova justiça e misericórdia, sinal da Salvação escatológica (DNC, 2007, n. 60).

No processo maiêutico da revelação, Jesus vive uma realidade histórica humana, a partir de uma profunda experiência religiosa que a faz ver como dada gratuitamente por Deus, no que ela tem de conhecimento, inteligência e de compreensão. Assim, o ser humano, com seu batismo, é inserido no processo

maiêutico da revelação de Deus (QUEIRUGA, 2010). Este processo continuará na sua história e, apesar das ambiguidades, “faz parte do conteúdo da catequese. O fiel, iniciado no mistério da Salvação, é chamado a assumir a missão de ajudar a construir a história, segundo o Reino de Deus” (DNC, 2007, n.60).

2.1.1 A Iniciação cristã na Igreja Primitiva

No tempo de Jesus, existiam mosteiros, nas proximidades do mar Morto, que abrigavam comunidades de judeus, ciosos de resgatar a religião da “época do deserto”, da pureza das origens judaicas, quando da longa caminhada do povo de Deus, do Egito para a “terra prometida” (NERY, 2019, p. 52). Esse grupo religioso, denominado essênios, rompeu com o templo de Jerusalém e com os sacerdotes considerados traidores da religião judaica.

Os essênios viviam em suas comunidades no deserto de Qumram, em cavernas próximas ao mar Morto. A comunidade dos essênios criou uma regra de vida com etapas de preparação para aqueles que desejavam ingressar nela e dentre as práticas rituais específicas estava o banho batismal. De tal modo, para ingressar na comunidade eram necessárias a conversão e uma mudança radical de vida, o que implicava no afastamento completo do mundo dissipado e na entrada na comunidade. A inserção na comunidade implicava um ano de “postulantado” e dois de “noviciado”, com um programa rigoroso de instrução, acompanhamento, exames e rituais, sendo o banho batismal obrigatório (NERY, 2019, p. 53).

No Novo Testamento, João Batista apresenta-nos Jesus às margens do Jordão, praticando o banho batismal. Além do sentido forte de “perdão dos pecados” e “vida nova”, João confere-lhe um novo sentido, o da preparação à chegada do Messias prometido. Segundo os relatos dos evangelistas, João proclama e “realiza um batismo em sinal de conversão e para o perdão dos pecados” (Mt 3,1-12). O batismo de João é dado uma só vez e não é “autobatismo”, como acontecia nos rituais de banho batismal judeu dos prosélitos e dos essênios.

Jesus cumpre o ritual: vai até o Jordão, submete-se e aceita ser batizado por João Batista (Mt 3,14-15), entretanto, assume, para si, que aquele batismo é incompleto e, por isso, denomina sua morte na cruz como o seu verdadeiro batismo

(Jo 10, 38ss). Depois da fase inicial, na qual Jesus e os discípulos também batizam (Jo 3, 24 e 4,1), batismo idêntico de João, Jesus afasta-se do rito antigo, mesmo respeitando o procedimento de João, para dar mais importância à conversão, à adesão a ele mesmo. Este gesto leva-o à condenação (NERY, 2019, p. 54).

Depois da Páscoa, no dia da sua ascensão ao Pai, Jesus, ao despedir-se dos Apóstolos, dá-lhes uma ordem: “Ide, fazei discípulos em todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Cinquenta dias depois, no dia de Pentecostes, Pedro, vendo o resultado de sua pregação querigmática, responde aos que o interpelavam a respeito do que fazer: “Convertei-vos! Receba cada um de vós o batismo em nome de Jesus Cristo para o perdão dos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2,37-38). Com o Pentecostes, o batismo foi instituído na morte e ressurreição de Jesus, e, também, na força do Espírito Santo, um batismo de fogo, tendo como fim último o Pai.

O livro dos Atos dos Apóstolos apresenta três casos de batismo, remetendo ao banho batismal no modo cristão: a) o do etíope eunuco, batizado pelo diácono Filipe (At 8,26-40); b) o de Saulo-Paulo, batizado por Ananias (At 9,1-12; 22,6-21; 26,12-23); c) do centurião Cornélio (At 10,1-11.18), batizado por Pedro. Importante ressaltar a sequência: um etíope, convertido ao judaísmo, prosélito do judaísmo; um judeu fervoroso, Saulo, e um cidadão romano, Cornélio. “Em todos eles, há o anúncio de conversão, a instrução e o rito do banho batismal, com a novidade de que não há a exigência da circuncisão para Cornélio” (NERY, 2019, p. 55).

Não há, portanto, no Novo Testamento, registros do batismo cristão. Deduz-se a sua origem no batismo de João Batista, enriquecido com a novidade da mensagem e vida de Jesus Cristo. Sabe-se que até o ano 70 a catequese era feita de forma hinológica, ou seja, com forte orientação batismal, tendo Jesus como Senhor, ressuscitado, Juiz, aquele que voltará logo. Isso ocorria porque os primeiros cristãos, em sua maioria, provinham do judaísmo, e tiveram contato pessoal com Jesus.

Os primeiros cristãos introduziram novas etapas no processo de acolhida na comunidade dos seguidores de Jesus de Nazaré. Dentre essas etapas destacam-se a evangelização e a catequese. Segundo Nery (2019, p.58), a evangelização constituía a etapa inicial, o despertar da fé, “o salto qualitativo em direção a aceitar

Jesus Cristo como o Filho de Deus, que se fez um de nós” e anuncia uma nova vida, a Boa Notícia de Deus para o mundo. É o momento do *querigma*, ou seja, do anúncio, pelo testemunho pessoal e comunitário e pela pregação.

A segunda etapa, a Catequese, é o momento de conhecimento mais profundo do Messias, portanto, a passagem de uma catequese hinológica para uma catequese fundamentada na narrativa dos fatos da vida de Jesus. Este momento é ligado “à instrução, ao ensino, à transmissão e ao aprofundamento da opção por Jesus, mas no estilo querigmático, isto é, de aprofundamento do anúncio para maior e mais profunda adesão a Jesus Cristo” (NERY, 2019, p. 58). Este momento consiste na *disdáskein* = “ensinar”; *katekchein* = “catequizar” e *homiléin* = “falar”, “conversar”, “pregar”. Conforme as Cartas aos Hebreus e a Pedro (Hb 5,12-14; 1Pd 2,3), os interessados em Jesus encontram-se na fase inicial, rudimentar.

Logo, nascem nesse contexto os evangelhos, como nova literatura catequética. O *querigma* levava a pedir o batismo e a professar a fé no Cristo e, em seguida, o batizado era inserido como membro ativo na Igreja. Todavia, com a diáspora no ano 70 que levou a dispersão dos judeus e judeu-cristãos, os cristãos mantiveram mais contato com a cultura-greco-romana, ocasionando muitas conversões de romanos e gregos ao Cristianismo. Outro fato que contribuiu para uma nova mudança na catequese foi a perseguição aos cristãos por parte do Imperador Nero (37-68).

Diante desses fatos, surge uma catequese mais exigente: o Catecumenato, um período de três anos de preparação para o batismo. Nesse período, era feita uma reflexão profunda sobre o modo de vida dos cristãos e de seus costumes. O candidato ao batismo era submetido a um escrutínio e, se fosse aprovado, passava a ser ouvinte-observador dos crentes. Depois de três anos de preparação, o candidato era submetido a um novo exame, que o tornava eleito para a preparação imediata do batismo. Nessa etapa, recebia o Creio e o Pai Nosso para estudar em oito dias. Ao receber o sacramento do batismo, o recém-batizado era chamado de neófito, que queria dizer regenerado, e recebia os sacramentos do batismo e da Eucaristia, dando, assim, início ao processo da catequese mistagógica (DROBNER, 2008). A responsabilidade de todo esse processo era de um catequista, que, em

nome da comunidade, encarregava-se não só da instrução religiosa, mas, também, da verificação do comportamento do candidato.

Outra característica desse período foi o surgimento de várias escolas de catequese, dentre as quais destacam-se a escola de Alexandria, no Egito, a mais famosa; a escola catequética de Cesareia; a escola de Antioquia, lugar onde os seguidores de Jesus foram chamados de cristãos pela primeira vez (At 11, 26). É desse período a Tradição Apostólica de Hipólito, sendo que, muitas vezes, não é colocada sob o seu nome, mas no âmbito de outras ordenações eclesiais antigas (*Didaqué, Didascalia Apostolorum*).

A obra assinala um período de maturação na afirmação e consolidação da identidade da Igreja que se vendo crescer em número e complexidade, sentiu-se obrigada a organizar melhor a sua vida litúrgica e disciplinar. Para isso, começou pelo rito da celebração da fé, da consagração de bispos, presbíteros e diáconos, as orações da ceia na santa missa, bem como da entrega de cargos e serviços de viúvas, leitores, virgens, subdiáconos e dos que possuíam o dom de curar.

A *Didaqué* é um catecismo cristão escrito entre 60 e 95 d.C, provavelmente na Palestina ou na Síria. É um dos documentos mais importantes da era pós-apostólica e a mais antiga fonte eclesial que possuímos. É fruto dos mais importantes “testemunhos” da vida e da liturgia das primeiras comunidades cristãs primitivas. Tem-se na *didaqué* um dos mais valiosos documentos, uma vez que ela testemunha os serviços e as classes na Igreja primitiva e como eram transmitidos. O documento registra, ainda, os modos de proceder para a iniciação na comunidade, para a busca dos prosélitos, catecumenato, ritos do batismo, crisma e eucaristia. Além disso, detalha as profissões e os cargos públicos que os cristãos podiam exercer e “atos litúrgicos como: ágape, jejum, sepultura, tempos diários de oração, catequese, o emprego do sinal-da-cruz” (DROBNER, 2008, p. 132).

Aos poucos, os cristãos e o cristianismo adaptaram-se à nova cultura greco-latina e a uma nova linguagem. Os cristãos e, de modo particular, os Padres da Igreja, vão adaptando termos, expressões, conceitos do mundo grego para melhor expressar a fé, facilitando o distanciamento tanto da cultura judaica como da religião de Moisés (NERY, 2019, p.63).

2.1.2 O Catecumenato pós-apostólico

Os cristãos, nos três primeiros séculos da história da Igreja, identificaram-se como um grupo pequeno conduzido por presbíteros tímidos e temerosos à arena ensurdecidora invadida pelas feras. Mas, relendo os documentos que Tertuliano, Orígenes, Clemente de Alexandria ou Hipólito deixaram-nos sobre a vida dos cristãos dos primeiros séculos, a impressão é bastante diferente. Os cristãos não se distinguiram dos outros cidadãos, pois eles também participavam da vida pública. Eram orientados, porém, pelos seus líderes a rejeitarem qualquer hábito pagão, serem fortes e manterem controle sobre seus pensamentos e gestos. “A iniciação dos catecúmenos e a reconciliação dos pecadores não são formalidades ou ritos destituídos de sentido: exigem uma força e uma humildade singular” (PIERRARD, 2006, p. 30).

A História da Igreja relata o surgimento da figura do mártir e dos *lapsus*, aqueles que traíam a fé durante as perseguições. Mas os cristãos não temiam a perseguição. Já no II século, os cristãos reuniam-se em comunidades, ou em alguma casa colocada à disposição para a assembleia eucarística com a oração da consagração, a distribuição do pão eucarístico ao povo, assembleias cotidianas de instrução, com leituras e homilias e ceias fraternais. Desde o século II, os cristãos possuíam cemitérios próprios: cemitérios de superfície e galerias subterrâneas ou catacumbas, “onde o culto cristão se refugiava em tempos de perseguição e ali se desenvolve uma arte protocristã – afrescos, mosaicos, sarcófagos –, evocando a vida cristã e fornecendo um alimento perpétuo para a catequese” (PIERRARD, 2006, p. 31). No terceiro século, já encontramos lugares de culto autônomos, como, por exemplo, as basílicas.

Quanto ao catecumenato, já no II século, ele acontecia em três etapas: a primeira, dos *audientes*, era a instrução na vida cristã e as pessoas exercitavam-se praticando; a segunda consistia na preparação imediata dos *electi* e a terceira correspondia ao batismo por tripla imersão, “precedida por exorcismos, por uma longa vigília e seguido pela imposição de mãos, verdadeiro sacramento da confirmação” (PIERRARD, 2006, p. 30).

Convém ressaltar que é desse período a figura do “introdutor” ou “acompanhador”, que apadrinhava o candidato. O candidato ficava sob a responsabilidade de um instrutor designado pela comunidade para conhecê-lo, acompanhá-lo e apresentá-lo para a preparação do batismo e inseri-lo na vida da Igreja (NERY, 2019, p. 66). A Igreja antiga teve uma grande criatividade litúrgica. Da simplicidade das origens, passou, durante esse período, para liturgias muito bem elaboradas, que permitiram celebrações majestosas. “Em ritos e fórmulas eucológicas chegaram até nós as mais venerandas expressões da fé da Igreja” (ONATIBIA, 2007, p. 69).

É necessário, porém, levar em conta que na Igreja antiga, como nos tempos do Novo Testamento, não havia uniformidade na maneira de agregar novos membros à Igreja; em nossos dias, “a pesquisa chegou à conclusão de que subsiste a pluralidade de tradições da época patrística” (ONATIBIA, 2007, p. 70). Assim, o testemunho dos documentos, em geral, vale somente para o lugar e para o tempo que foram redigidos.

A Igreja, além dos livros do Novo Testamento, tem conservado importantes textos catequéticos de Pastores (bispos) dos primeiros séculos do cristianismo, após a era apostólica, como ilustração. Depois do Novo Testamento, o escrito mais antigo é uma carta de Clemente de Roma (35 d.C. - 97 d.C., em Roma), destinada à comunidade de Corinto (NERY, 2019, p. 74). Nesse texto, aparece pela primeira vez o termo “catequese” para fazer referência à “instrução elementar dada aos que se preparam ao sacramento do batismo”.³

O segundo escritor é Santo Inácio de Antioquia (35 d.C., Antioquia – faleceu entre 98 d.C. e 107 d.C., em Roma). Dele há sete cartas que foram escritas até o ano 110 (ca. d.C.). O tema central dessas cartas é a Igreja orientando sobre a necessidade de preparação para o batismo. São Policarpo (ca. 69 d.C., - ca. 155 d.C) escreve na Carta aos Filipenses, no ano 135, exortando os cristãos à prática das virtudes cristãs. No ano de 138, aparece também a Epístola de Barnabé, a qual exorta os cristãos a viverem com heroísmo a fé cristã e apresenta dois caminhos: o caminho da luz e o caminho das trevas. Mas o tratado do Pastor de Hermas (Roma,

³ Clemente de Roma foi batizado e ordenado por São Pedro e, mais tarde, foi eleito Papa. Dele restou uma carta endereçada à igreja de Corinto e região. Esse texto é, sem dúvida, o mais antigo documento cristão da era apostólica (NERY, 2019, p. 74).

ca.140) é um dos textos cristãos mais antigos sobre a iniciação à Palavra do Senhor e apresenta as necessidades de os candidatos provarem mudanças de vida, com forte apelo à penitência e à conversão.

A catequese com adultos, ou seja, a Didaqué ou Doutrina do Senhor – por meio dos doze apóstolos aos gentios, que é um escrito judeo-cristão (Síria, por volta de 60 – a 95 d.c), é um manual do cristão-missionário, elaborado com base nos dois caminhos apresentados pela *Epístola de Barnabé: o caminho da vida e da morte*. O caminho da vida consiste em amar a Deus criador, e o segundo amar o próximo com a si mesmo.

Outro tratado importante é a Explicação da pregação apostólica (*Epideixis*), endereçada a certo Marcianus, de autoria de Santo Irineu de Lião (nascido provavelmente em Esmirna, 130, na Turquia e falecido, em 202, Lião, França). Esse livro apresenta a História da Salvação, com uma visão mais bíblica, e pode ser considerado como o *primeiro catecismo de adultos da história do cristianismo*.

A Catequese e a Preparação ao Batismo são textos da Igreja dos primeiros séculos, copiados e lidos nas liturgias com a Palavra de Deus, e utilizados nos encontros de preparação ao batismo, em escolas para catecúmenos e em escolas de teologia. Esses textos, todavia, revelam que o termo catequese limitou-se apenas à fase de preparação ao batismo, como iniciação específica, envolvendo instrução, convivência, oração, rituais e participação em alguns momentos da comunidade.

A Escola Catequética organizada por São Justino (ca. 100 d.C. – Flávia Neápolis, Samaria – ca. 165 d.C.) em Roma, uma escola dos tempos do imperador Antonino Pio (de 138 d.C. a 161 d.C.) tinha como objetivo a explicação da fé cristã aos fiéis e pagãos. Para isso, utilizou-se da filosofia para explicitar a fé. Eusébio de Cesaréia (Eusébio de Panfili, ca. 263 d.C., na Palestina – ca. 339 d.C., em Cesaréia Marítima), importante historiador da época, elogiou São Justino: “Justino que, sob a capa de filósofo, pregava a Palavra de Deus, e com seus escritos, tornou-se o campeão da fé” (*História Eclesiástica*, VI, 11,8, *apud* NERY, 2019, p.77).

A Escola Catequética de Alexandria representada por Eusébio cita, também, a criação da Escola de Catequese (*Disaskáleion*), em Alexandria, no Egito, no ano de 190, por Panteno (ca. 120 d.C., em Atenas, Grécia, ca. 216 d.C., em Alexandria, no Egito), (ca.180-200), sucedido por Clemente de Alexandria (aproximadamente

140-150 d.C., em Atenas ou Alexandria, - faleceu 215/216 na Palestina (Capadócia), que estabelece a diferença entre *querigma* e catequese. Posteriormente, a escola foi dirigida por Orígenes (185 d.C., em Alexandria, 254 d.C., em Cesareia Marítima), que introduziu uma sequência na preparação dos catecúmenos por meio de tempos ou períodos, surgindo, assim, os catecúmenos incipientes (“iniciantes”), progredientes (“os que estão avançando”) e *perfecti* (“perfeitos”, espirituais”), isto é, (“os que já vivem a fé cristã”).

Vale ressaltar que a Escola de Catequese de Alexandria foi o mais antigo centro de ciências sacras da história do cristianismo. Inicialmente, a escola era destinada aos catecúmenos, e, em seguida, passou a ser uma escola onde ensinava-se gramática grega, filosofia, teologia e exegese bíblica para preparar catequistas e mestres ou “doutores” na fé. Nessa escola, cristalizaram-se os termos catecúmeno e catecumenato. Catecúmeno é quem está sendo iniciado na fé cristã, aderindo a Jesus Cristo. Catecumenato é a organização desse processo sendo sua estrutura flexível, chegando a durar até três anos.

2.1.3 A catequese na perspectiva dos Padres da Igreja

O período da patrística foi marcado pela fecunda reflexão teológica, dando origem à teologia dos sacramentos da iniciação cristã com inspiração bíblica e de caráter histórico-salvífico (ONATIBIA, 2007). Da era Patrística, é importante destacar as catequeses mistagógicas, que visam a ajudar o cristão a entrar no caminho dos mistérios divinos da graça presente e colocada à disposição nos sacramentos. A maioria dos Padres da Igreja tratavam do assunto em suas catequeses pós-batismas. Nesse período, destacam-se as catequeses de Cirilo de Jerusalém (315 d.C., em Cesareia Marítima – 381 d.C., Jerusalém).

Com efeito, Cirilo destaca-se pelas suas catequeses aos candidatos do batismo ou para aos recém-batizados, durante a quaresma e o tempo pascal. Foram transmitidas 24 catequeses: uma pró-catequese para o início da imediata preparação como candidatos para o batismo; 18 catequeses, ao longo da quaresma para os candidatos ao batismo; 5 cinco catequeses mistagógicas para os recém-batizados durante a semana da Páscoa. Estas últimas discutem os ritos do batismo

e da confirmação, como também da eucaristia na celebração da missa. (DROBNER, 2008, p. 308-311).

Nas Catequeses de Cirilo, podemos apreciar o conteúdo de tudo quanto constituía a educação religiosa ministrada aos que se convertiam ao Cristianismo. Cirilo fez um comentário detalhado do Credo, considerado como um dos tesouros teológicos da Igreja Primitiva. Nas Catequeses pré-batismais, o Credo, muito semelhante ao Credo Niceno-constantinopolitano, é-nos transmitido com comentários e interpretações próprias da época. Nas Catequeses Mistagógicas, é explicado o culto cristão. Pelas catequeses, temos acesso ao anúncio da fé da Igreja Primitiva e às manifestações culturais desta fé. A obra de Cirilo foi considerada como sendo o registro da catequese dos primeiros séculos do cristianismo, após daquela de Agostinho, a mais completa que a antiguidade legou-nos, como se pode perceber no excerto a seguir:

Ressaltam-se, também, suas catequeses sobre Jesus Cristo, nas quais condena o arianismo, heresia liderada pelo padre Ario, que negava Jesus como Deus. São Cirilo dá ênfase à unidade entre divindade e humanidade em Jesus. Reflete sobre a encarnação do Filho de Deus, como gesto de amor de Deus, que vem morar como ser humano entre nós. Destaca o sofrimento, a morte e ressurreição e a glorificação de Jesus, como realização de nossa salvação. E desenvolve os novíssimos (os últimos acontecimentos da vida humana após a morte: Juízo Final, purgatório, céu, inferno) e a volta de Cristo, no fim dos tempos, para julgar vivos e mortos (NERY, 2019, p. 97-98).

Santo Agostinho de Hipona (354 d.C., em Tagaste, Numídia ou Argélia – 430 d.C., em Hipona) também ocupa um lugar especial na reflexão sobre a catequese. Escreve, por volta do ano 400, por solicitação de um amigo catequista, o diácono Deogratias de Cartago, por causa de dificuldades de trabalhar com pessoas analfabetas e ignorantes, um tratado de pedagogia catequética, intitulado *Como catequizar pessoas simples (De catechizandis rudibus)*, constituindo-se um rico manual com orientações pedagógicas (NERY, 2019, p. 98).⁴

As catequeses de Agostinho falam sobre a História da Salvação, levando-a até a história contemporânea da Igreja, insistem na importância da caridade – a fé

⁴ Para maior aprofundamento, consultar também FARINHA ALVES, A.L.D. A Comunicação da Fé Segundo Santo Agostinho. Catequese aos não iniciados ou principiantes. Dissertação de Mestrado em Teologia Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, Lisboa, 2014.

demonstrada na prática -, da ressurreição de Jesus e nossa esperança escatológica. Quanto à pedagogia, chamam atenção para:

as motivações dos catecúmenos, à capacidade de atenção e compreensão e fala das resistências. Sugere remédios práticos para evitar falta de interesse, aborrecimento. Explica o valor do método ‘perguntas e respostas’, de modo a facilitar aos catecúmenos a revelarem suas motivações para o batismo e, também, para estimulá-los à confiança no catequista (NERY, 2019, p. 98).

Santo Ambrósio de Milão ou *Aurelius Ambrosius* (337 d.C., em Trier – 397 d.C., Milão, Itália), geralmente, é lembrado como o bispo que converteu e batizou Agostinho. Embora na história da recepção do Ocidente suas importantes contribuições para a teologia e a Igreja tenham sido ofuscadas pelas de Agostinho, elas, no entanto, não deixaram de ter um razoável efeito e reconhecimento: “Ambrósio, juntamente com Agostinho, Jerônimo e o papa Gregório Magno, é contado entre os quatro grandes doutores da Igreja do Ocidente” (DROBNER, 2008, p. 318). Das lições de Ambrósio, ministradas aos muitos candidatos ao batismo e aos neófitos, destacam-se a *Explanatio Symboli*, *De Sacramentis* e *De Mysteriis*, escritos por volta dos anos 390-391.

Em seus tratados *Sobre os Mistérios da Fé Cristã* e em seu livro *Sobre os Sacramentos*, Ambrósio elaborou uma importante síntese dos ritos do batismo e da eucaristia, de acordo com seu sentido salvífico e seu significado espiritual (místico). Na quinta e na sexta catequese no *De Sacramentis*, ocupou-se com o Pai Nosso e com a oração diária (DROBNER, 2008, p. 327-328). Em suas catequese, o bispo de Milão usava também um tom exortativo, carregado de entusiasmo, que impressionava a muitos. Um dos seus admiradores foi Agostinho, “que ainda pagão resolveu entrar na Catedral de Milão e, ao ouvir a pregação inflamada de Ambrósio, sentiu-se motivado a se converter à fé crista” (NERY, 2019, p. 99).

Do período da patrística, são interessantes, também, os sermões litúrgicos e os primeiros comentários sobre a liturgia. Ainda, podemos contar com uma série de fontes canônico-litúrgicas, mas, sobretudo, com os primeiros livros litúrgicos, que podem ser qualificados como oficiais. Aparecem logo depois os tratados nos quais os Padres discutem “questões relativas aos sacramentos da iniciação cristã” (ONATIBIA, 2007, p.81).

Convém ressaltar a importância dada pelos Padres da Igreja à História da Salvação por meio da explicação do Credo. Em seus comentários, descrevem as etapas da história salvífica, da criação do mundo à redenção realizada por Jesus Cristo e a vitória plena de Deus, no Juízo Final, isto é, na escatologia. Os Padres da Igreja, atentos à realidade que viviam, atribuíam ao ministério da Palavra grande importância. “Defendiam com seus escritos o cristianismo das várias heresias. Preocupavam-se com uma boa preparação para os novos convertidos, a fim de que estes pudessem resistir ao ataque da fé e as perseguições” (NERY, 2019, p. 97).

Os Padres da Igreja que mais contribuíram para esta finalidade, além de Cirilo de Jerusalém, foram: Orígenes de Cesareia; Atanásio de Alexandria; Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo e São Gregório de Nissa. A seguir, apresentamos brevemente suas contribuições.

Orígenes de Cesareia (185 d.C. -254 d.C.) instruiu e edificou os fiéis com ricas homilias sobre a Bíblia. Algumas foram conservadas graças a estenógrafos. Santo Atanásio de Alexandria (295 d.C. - 373 d.C.), por sua vez, escreveu cartas por ocasião da Páscoa, que são textos catequéticos e exortativos.

Teodoro de Mopsuéstia, em Antioquia (ano 392), deixou dezesseis homilias catequéticas: dez sobre o Símbolo (Credo) do Concílio de Niceia, levando em conta a doutrina trinitária e a cristologia para os candidatos ao batismo, e seis sobre o Pai-Nosso, o batismo e a Eucaristia. Suas “homilias catequéticas são uma excelente fonte de iniciação cristã, mas também da autêntica teologia” (DROBNER, 2008, p. 337-338).

São João Crisóstomo (344 d.C. – 407 d.C.) elaborou oito textos definidos como *As catequeses batismais* - entre os anos 386 e 396. Em Antioquia, os candidatos ao batismo eram preparados pelos sacerdotes e não pelos bispos, como era usual nos demais lugares. Em suas catequeses,

Crissóstomo interpretava o batismo como novo nascimento, iluminação, morte e ressurreição com Cristo, como núpcias espirituais e perdão dos pecados. [...]. Ele explicava o sentido de a data do batismo ser marcada para a noite de Páscoa, os ritos batismais (exorcismos, unções, ablução, veste branca) e o símbolo batismal, com especial ênfase sobre a reta fé na Trindade e em Cristo, contra as falsas interpretações arianas e salibelianistas. Depois do Batismo João ensina o sentido da Eucaristia e adverte a conservar a graça do batismo (DROBNER, 2008, p. 347).

São Gregório de Nissa (335 d.C. - 394 d.C.) escreveu um volumoso compêndio da doutrina cristã, intitulado *Oratio catechetica magna* (A grande Catequese), que buscou ser um compêndio das doutrinas da fé cristã da época. “Na teologia ele se baseia na tradição de Fílon e de Orígenes. Foi um dos pioneiros no esforço de conciliar cristianismo e filosofia platônica” (DROBNER, 2008, p. 290) o que fez dele um precursor do grande trabalho de síntese realizado mais tarde por santo Agostinho. Em seus escritos anti-heréticos, formulou a doutrina da Santíssima Trindade, utilizando-se de argumentos inspirados na teoria das ideias de Platão. Na obra *A Criação do Homem*, desenvolve uma antropologia teológica (DROBNER, 2008, p. 288-290).

Hipólito de Roma (170 d.C. – 235 d.C.) foi o último dos padres ocidentais a escrever suas obras em grego, uma vez que depois o latim passou a ser a língua literária exclusiva do Ocidente. Hipólito foi um escritor muito fértil e importante, entre outras coisas. Mas sua grande importância para a história eclesiástica e para a patristica baseia-se em suas duas obras principais: “A Refutação de todas as heresias e a Tradição Apostólica”. Aqui os serviços transmitidos oficialmente pela Igreja aparecem bem mais significativos do que hoje. Seguem-se as maneiras de proceder para a iniciação na comunidade, catecumenato, ritos de batismo, crisma e eucaristia, mas também uma lista detalhada das profissões consideradas moralmente escandalosas ou ligadas ao culto dos deuses pagãos, que um cristão não poderia exercer. A conclusão contém disposições sobre outros atos litúrgicos: ágape, jejum, sepultura, tempos diários de oração, catequese e o emprego do sinal-da-cruz (DROBNER, 2008, p. 129-132).

2.1.4 Catecumenato em queda

Durante o período da perseguição romana, a história relata que os mortos eram considerados “testemunhas de Jesus Cristo”. Nesse período, a Igreja recomendava tomar cuidado com os candidatos que se apresentavam para ingressar na comunidade. Para tanto, interrogava-se sobre as motivações e intenções, bem como os antecedentes e o estilo de vida de quem estava disposto a viver como cristão, visto que, “além dos novos candidatos, já despontava no

Cristianismo novas formas de interpretação e maneira de viver o seguimento de Jesus Cristo, o que gerou rupturas e grupos rivais” (NERY, 2019, p. 65).

No século III, a Igreja produziu grandes escritores, como Tertuliano em Cartago e Orígenes em Alexandria. Suas obras foram de grande alcance. Eles forjaram a linguagem cristã e seu vocabulário, a teologia e a exegese que fecundaram os séculos cristãos.

O século IV é um dos mais movimentados, ou seja, o mais contrastante da história do cristianismo. É um século marcado por grandes perseguições, moldado por Constantino, o Grande (306/324-337) que se tornou imperador, o primeiro imperador romano a adotar o Cristianismo. Nesse século, apareceram também as primeiras controvérsias teológicas e as primeiras defesas da ortodoxia. A Igreja, que, nessa fase, organiza-se, conhece também extensão e dilaceramentos. No âmbito político, essa fase vai de Constantino até Teodósio (379/388-395) os quais marcaram não somente os fundamentos do desenvolvimento imperial, mas também seus problemas fundamentais. A ideia do império romano era de Unidade conforme se verifica no fragmento a seguir:

Um império, um imperador, um Deus ou deuses unificados do Estado, sendo a pessoa do imperador uma manifestação da ideia dinástico-sacral do império. [...] Por isso, a política religiosa dos imperadores era parte integrante de sua política do poder e, ainda, a Igreja e a fé podiam ser utilizadas como instrumentos da luta pelo poder (DROBNER, 2008, p. 199-200).

A divisão do império em Ocidente e Oriente, no século VI e principalmente no século V, abalou profundamente a unidade da Igreja. A língua grega já não era mais o elemento da unidade. O Ocidente latiniza-se. Os Padres do século IV representam, até o começo do século V, um ponto de equilíbrio entre a herança antiga, perfeitamente assimilada, e um pensamento cristão que atingira a maturidade. O Oriente enriquece-se com a contribuição teológica da Capadócia; o Ocidente latino forma-se além do Mediterrâneo, em Roma, Milão, na Gália, na Espanha e até as margens do Danúbio.

O Cristianismo, sob a influência de Constantino, torna-se religião do Estado e a Igreja submissa ao imperador. Dessa maneira, o imperador intervém nos assuntos da Igreja, convocando, diante da crise teológica provocada por Ário e seus

seguidores, o Concílio de Niceia (325). A ingerência política perturbou a Igreja durante todo o século IV. Durante esse período, a Igreja continuava a completar sua organização, multiplicava as dioceses e as paróquias, desenvolveu-se e estruturou-se. Os Padres, em sua grande maioria, eram bispos, responsáveis pela catequese, liturgia e pela pregação. O aumento do número de candidatos ajudou a organizar o catecumenato e uma catequese bíblica, batismal e mistagógica.

Com a consolidação da cristandade, isto é, do cristianismo como religião oficial do Estado Romano, em 380 d.C, por Teodósio I, havia ainda a influência de muitas religiões e cultos diversos. Algumas religiões eram estruturadas e exigiam dos interessados que desejavam dela participar um itinerário a percorrer e passar por alguns ritos de iniciação, de modo a chegar à comunhão com a divindade e conhecer seus segredos ou mistérios. Era obrigação do iniciado guardar segredo e observar rigorosamente as normas estabelecidas. Muitos líderes cristãos, atentos ao que acontecia na realidade e auxiliados com os relatos de convertidos dessas religiões, “concluíram que o cristianismo precisava de um itinerário de iniciação e de ritos específicos para os que se apresentassem para seguir Jesus Cristo” (NERY, 2019, p. 59).

Com a nova situação político-eclesiástico criada pelo Editto de Tolerância de Milão (313), originou a afluência em massa de pessoas que solicitavam o batismo. Tal fato obrigou a Igreja a ajustar sua estratégia pastoral e suas celebrações à nova situação. O rigor da época anterior foi suavizado. Uma vez assegurado o ingresso da pessoa no catecumenato e sua vinculação, ainda que superficial, os sacramentos da iniciação deixavam de ser começo de uma nova vida para transformar-se em meta de uma longa espera. Além disso, era cada vez maior o número de pais que levavam seus filhos para serem batizados quando pequenos, de tal sorte que o batismo de crianças predominava sobre os de adultos (ONATIBIA, 2007, p. 81-83).

Assim, o período de ouro do itinerário catecumenal e da catequese nos séculos III e V, entra em crise e aos poucos vai decaindo. A Igreja perde uma das suas importantes organizações que lhe garantia fiéis bem-preparados, “integrados na liturgia, familiarizados com a Sagrada Escritura, centrados em Jesus Cristo, comprometidos com a comunidade eclesial, zelosos pela missão evangelizadora e

capazes de dar as razões de sua esperança, e mesmo dar a vida pela fé” (NERY, 2019, p. 113).

Os adultos que pediam o batismo recebiam um mínimo de iniciação, e o catecumenato foi reduzido ao período da quaresma. O longo e rigoroso processo catecumenal desapareceu. Os favores do Império Romano ao cristianismo enfraqueceram as motivações para a fé, relativizando o itinerário catecumenal e os compromissos dos novos batizados. Dessa forma,

a transmissão da fé acontecia como herança recebida, as pessoas nasciam em ambiente cristão e iam adotando os comportamentos e práticas do meio religioso ao qual pertenciam. Era um cristianismo herdado, como tradição familiar e social (CNBB 2017, 107, n. 44).

Aos poucos, forma-se o que os historiadores denominam de Idade Média, o longo período da consolidação do Regime de Cristandade, que tem a sua origem em Constantino, o Grande (Edito de Milão, em 313), e Teodósio I (390), com a união política dos dois poderes: o “espiritual” (Papa) e o “temporal” (imperador). Esse período “vai durar do ano de 476 a 1453” (NERY, 2019, p. 112).

Com a queda do Império Romano no Ocidente, inicia-se a Idade Média (476). A Igreja vai ao encontro dos povos migrantes do Norte (impropriamente chamados de bárbaros) com o Evangelho e a obra evangelizadora.

É um dos grandes momentos de inculturação da fé cristã no Ocidente: o cristianismo nascido e desenvolvido em ambiente semita, logo se incultura no mundo greco-romano: agora vive e expressa o Evangelho também com a cultura germânica (LIMA, 2016, p. 32).

Diante disso, consolida-se a cristandade, enriquecida com mais essa contribuição. Uma vez evangelizados, os catecúmenos não necessitavam mais de *querigma* ou catequese, uma vez que já nasciam numa sociedade cristã. A Igreja ocupava o centro de toda a realidade, quase não havia mais separação entre o religioso e o profano, pois cidade e paróquia confundiam-se. “Os momentos importantes da comunidade eram celebrados social e liturgicamente; vida cotidiana e vida litúrgica misturavam-se numa total interação entre fé e vida” (LIMA, 2016, p. 32).

No período medieval, não houve instituições de catequese. A família transmitia a fé, pais e padrinhos assumiam o compromisso de educação da fé no

momento do Batismo. A catequese era feita de imitação e testemunho. Aprendia-se com os adultos a rezar, julgar, pensar, crer, obedecer às leis e às autoridades. “A educação da fé era feita pelos gestos, pela liturgia, pela devoção e pela arte, e não através de atividades pedagógicas práticas” (LIMA, 2016, p. 33). Nesse período, a devoção desempenhava papel importante no processo catequético de educação da fé: oração, ascese, contemplação introduziam a experiência pessoal na vida religiosa.

Lima (2016, p.35) explicita que a iniciação humano-cristã, realizada no ambiente da comunidade (catecumenato social), “fornece os esquemas de ação e de pensamento, como também, permite cada um cumprir sua tarefa social. Porém, não se podem ignorar elementos formais na educação cristã”. Assim, no Oriente, a formação cristã teve a contribuição do monarquismo. Já no Ocidente contou com a pregação de grandes bispos que não somente orientavam seus padres, mas preparavam as homilias/sermões a serem repetidas por eles, como, por exemplo, São Cesário de Arles, Santo Isidoro de Sevilha e São Martinho de Braga ou de Dume, apóstolo dos suevos. Entretanto, quem mais “influenciou esta prática pastoral da pregação foi a Regra Pastoral do papa Gregório Magno (final do século VI)” (LIMA, 2016, p. 35). Esse ambiente religioso medieval foi definido pelos historiadores de “catecumenato social”. Assim, a catequese caminha com a história.

Com a Idade Moderna, e principalmente com movimento da Reforma, o Papa Paulo III convocou a realização do Concílio de Trento (1545-1563) para tratar da verdadeira Reforma da Igreja em reação aos reformadores (LIMA, 2016, p. 38). A obra de Paulo III possui grandes aspectos positivos, graças a um trabalho coletivo considerável para o qual colaboraram teólogos bem informados. Nesse contexto, a doutrina católica tornou-se mais precisa – o aparecimento do catecismo do Concílio de Trento (1566), a edição da Vulgata, a reforma do breviário (1568) e do missal (1570) e a reelaboração do calendário e do martiroológico (1582) “foram as principais aplicações práticas dessa obra dogmática, única por sua importância na História da Igreja” (PIERRARD, 2006, p. 188).

Sobre o Catecismo de Trento, sua obra volumosa foi publicada em 1566, dois anos depois do encerramento do Concílio, e “foi coordenado pelo jovem cardeal Carlos Borromeu, com o título de *Catechismus ad parochos* (Catecismo para os

párocos), mas que depois recebeu várias denominações como *Catecismo de Trento e Catecismo Romano*” (LIMA, 2016, p. 39).

Nery (2019) relata que nesse período foi prescrito a todos os párocos o ensino das verdades da fé. Todos os domingos, além da homilia, eles passavam a explicar, cada ano, de forma gradativa, as quatro partes do Catecismo: Credo, sacramentos, mandamentos, oração. A experiência deu certo, e vários autores resumiram o Catecismo em uma linguagem mais acessível, tanto para adultos, como para jovens e crianças. “Surgiram muitos outros textos de comentários sobre seu conteúdo, visto que, na época, muitos presbíteros tinha uma cultura muito limitada (o denominado ‘baixo clero’)” (NERY, 2019, p. 133).

Muitas ordens religiosas, nascidas no clima de reforma, influenciaram a catequese: capuchinhos, barbanitas, esculápios, mas, em destaque, os jesuítas. Muitos dos seus membros publicaram catecismos de grande influência na Igreja: Pedro Canísio (1521-1597) e Roberto Belarmino (1542-1621) estão entre os maiores e brilham pela doutrina. Já os espanhóis Jerônimo Ripalda (1532 – 1618) e Gaspar Astele (1537-1601) destacaram-se pelas fórmulas precisas, breves, sintéticas e sem nenhuma explicação. “Apesar da aridez e importância dedicada à moral, esses dois últimos tiveram grande divulgação nos países de língua castelhana” (LIMA, 2016, p. 40). Destas reformas, originou-se a “era dos catecismos”, que perdurou até as portas do Concílio Vaticano II (LIMA, 2016, p. 39).

Nesse ínterim, surge a disciplina da Catequética, que, Segundo Alberich (2004, p. 23), “a catequética ou ciência catequética é considerada a disciplina que se ocupa da catequese, no contexto das práxis pastorais da Igreja”. É uma disciplina relativamente recente que surgiu e configurou-se nos últimos dois séculos. Seu início remonta ao ano 1774 quando, por disposição da imperatriz Maria Teresa da Áustria e, segundo projeto preparado pelo abade beneditino Rautenstrauch, foi introduzido nas escolas de teologia do império austro-húngaro o ensino da catequética, como disciplina particular ou como parte da teologia pastoral.

O desenvolvimento da Catequese deu-se com amplitude e rigor somente no fim do século XIX e de modo particular com o Concílio Vaticano II, que buscou renovar a teoria e a prática da catequese sob a influência de novas correntes culturais, especialmente da pedagogia e da psicologia. Desse modo, a reflexão

catequética em seu desenvolvimento apresentou um duplo ponto de referência: teológico e pedagógico. Mais pedagógico nas primeiras décadas do século XX, pela preocupação metodológica e didática, mais teológico na fase denominada querigmática do movimento catequético, movida pela renovação do conteúdo da catequese. Após o Vaticano II, a catequética conheceu um período de fecundidade e expansão, motivado pelo novo clima de revisão global das práticas eclesial e da reflexão epistemológica. A existência de diversos centros e institutos de catequética, publicações e pesquisas nesse campo, bem como a presença institucionalizada da catequética (ou pedagogia catequética) na academia garantiram a consolidação e crescimento da nova disciplina.

2.1.5 A catequese na perspectiva do Vaticano II

O Concílio Vaticano II (1962-1965), promulgado há mais de 50 anos, refez o caminho da Igreja: o sábio “Papa João XXIII insistia na fundamental importância de *aggiornare la Chiesa* (“atualizar e renovar a Igreja”)” (NERY, 2019, p. 250).

O Vaticano II assinala a retomada do diálogo com a modernidade, que já se encontrava abalada por tantos fatores e acenava para uma mudança de época. Outro fator observado na realização e conclusões do Concílio “foi uma ruptura com recentes ou antigas tradições da própria Igreja, que impediam de exercer sua missão evangelizadora no mundo” (LIMA, 2016, p. 71). Conforme o autor, o Concílio antecipou, com ousadia e prudência, aquilo que a Conferência de Aparecida declarou: “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” e um “forte apelo à conversão pastoral e renovação missionária” (DAp, 2008, n. 365).

O Concílio atuou com sua força e dinamismo, na reforma litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*), na mudança de concepção de si mesma como Igreja (*Lumen Gentium*) e de seu papel e missão no mundo de hoje (*Gaudium et Spes*), sua visão renovada da Revelação (*Dei Verbum*) e de ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), como também a revisão e renovação do direito canônico (*Christus Dominus*), fruto do próprio Concílio, em 1983.

Essa riqueza renovadora conciliar não se resumiram apenas nas grandes constituições. Seus decretos e declarações também contemplaram problemas eclesiais candentes, como a missão e formação dos leigos dos pastores (bispos e sacerdotes) e consagrados, os católicos orientais e problemas atinentes a importantes atividades eclesiais, desenvolvidas na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (“A Luz dos Povos”), nova realidade da Igreja, fundamentada como “povo de Deus”. Segundo esta eclesiologia, “todos os seguidores de Jesus Cristo são iguais pela força do sacramento frontal o batismo” (NERY, 2019, p. 251).

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* – “As alegrias e esperanças” trata da presença e missão da Igreja no mundo, como o trabalho missionário e como ilustração. O item 43 da GS destaca duas recomendações: a essencial unidade “fé e vida” no dia a dia de cada um de seus seguidores e a missão específica dos leigos nas complexas realidades familiares, sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas da sociedade. “É a todos os seus seguidores que Jesus se dirige (Mt, 28,16-20) quando envia fazer discípulos e discípulas em todas as nações” (NERY, 2019, p. 252).

As grandes preocupações das assembleias conciliares resumiram-se na preocupação e no impulso pela evangelização do mundo atual. O Diretório para a Catequese (2020, n. 28) define a Igreja como:

sacramento universal de salvação, obediente às indicações do Espírito Santo, a escuta da Revelação, transmite e sustenta a resposta de fé; ‘na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que é, tudo no que crê’ (DV, n. 8). Por essa razão, o compromisso de evangelizar todas as pessoas constitui sua missão essencial. ‘Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar [...]’ (EN, 1975, n. 14).

No entanto, nessa missão,

a Igreja começa por evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor [...] ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho (EN, 1975, n.15).

Diante dessas preocupações, ainda na época do Concílio, surgiu uma grande questão: Como renovar através de todas as suas estruturas, pessoas, instituições o

anúncio do Evangelho de Jesus Cristo? O Concílio dedicou para este tema o decreto (*Ad Gentes*) para tratar da ação missionária da Igreja. Conforme Lima (2016, p.74), o próprio Vaticano II afirma que a pregação e a instrução catequética “sempre ocupam o primeiro lugar” entre os meios para anunciar a doutrina cristã (*Christus Dominus*, n.13). A catequese, porém, não foi contemplada em nenhum documento especial do Concílio, mas apenas citada explícita ou implicitamente em alguns de seus dezesseis documentos.

O Decreto *Ad Gentes* n. 14, sobre a atividade missionária da Igreja, define o catecumenato como “uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre”. Não se trata, portanto, de uma mera exposição de dogmas e preceitos, mas de uma introdução no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos. A propósito disso, o *Ad Gentes* expõe que:

Aqueles que receberam de Deus, por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas. [...] e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, a liturgia e da caridade do povo de Deus (AG, 2007, n.14).

O Decreto *Christus Dominus* aponta para a responsabilidade dos bispos de defender e propagar a doutrina cristã com métodos apropriados e através de todos os meios pela propagação e instrução catequética. O Concílio dispõe, ainda, no Decreto *Christus Dominus* que:

se redijam um Diretório Especial sobre a cura pastoral dos grupos particulares de fiéis, segundo as circunstâncias de cada nação ou região, quer um Diretório sobre a formação catequética do povo cristão, que exponha os princípios fundamentais, a orientação e o modo de elaborar os livros acerca desta matéria. Na elaboração destes Diretórios tenham-se igualmente em conta as observações apresentadas tanto pelas Comissões como pelos Padres conciliares (CD, 2007, n. 44).

O decreto *Apostolicam Actuositatem*, por sua vez, valoriza a missão dos leigos na Igreja e no mundo, como batizados e confirmados estes podem exercer o *ministério da Palavra* (AA 6a), envolvendo-se em trabalhos de evangelização e de catequese nos ambientes em que vivem como testemunhas do Evangelho (AA 10a, 24f, 29).

Os decretos *Presbyterorum Ordinis* e *Optatam Totius, Perfectae Caritatis* tratam da responsabilidade especial dos presbíteros e religiosos com relação à educação da fé dos cristãos (catequese), como também da própria formação doutrinal. Os presbíteros são chamados “educadores da fé” (PO 6b), ou seja, catequistas. Já os decretos *Orientatum Ecclesiarum* e *Unitatis Redintegratio* apontam para uma catequese voltada para uma educação ampla que eduque para o diálogo, respeito e compreensão entre as várias Igrejas cristãs. *Orientatum Ecclesiarum* estimula para explicitar na catequese os ritos católicos orientais (OE 4). Desse modo, temos nos documentos conciliares, em particular nas Constituições conciliares, expressos alguns princípios fundamentais para a catequese, conforme explicitados a seguir.

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* determina o restabelecimento do catecumenato dos adultos seguido de vários graus, atribuindo ao Ordinário local a responsabilidade de proceder na instrução: “a quem se destina o catecumenato e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão de celebrar em ocasiões sucessivas” (SC, 2007, n. 64-65).

A Constituição *Dei Verbum* (2007, n. 24,25) destaca a “Palavra de Deus como fonte primordial para a catequese”. Por Sagrada Escritura e Tradição, entende a liturgia, o magistério, a Teologia, o sentido da fé do Povo de Deus e a religiosidade popular estando radicalmente a serviço desta Palavra Divina.

Já a Constituição *Lumen Gentium*, com sua visão de uma Igreja “sacramento de Salvação” (1, 9c, 45a.48b) e “comunidade do Povo de Deus”, renova profundamente o lugar da catequese, que é também iniciação à comunidade cristã.

A Constituição *Gaudium et Spes* propõe o diálogo da Igreja com o mundo moderno, impulsionando a Igreja para uma catequese inculturada, rompendo a divisão entre fé e cultura e colocando Jesus Cristo a serviço das pessoas, sobretudo dos mais pobres.

A dimensão do serviço (diaconia), expressa nos documentos conciliares, dinamizará a América Latina no seu primeiro documento na Conferência de Medellín (1968). Nesta Conferência, destaca-se a dimensão antropológica como característica fundamental da catequese latino-americana: nova visão da revelação que faz a Igreja sentir-se fiel não só a Deus, mas também ao homem-em-situação

(dimensão da fé, promoção humana); ênfase à dimensão comunitária, opção pela catequese de adultos, a importância de uma nova linguagem, de uma cuidadosa formação de catequistas e organização nacional e regional da catequese. (BORELLO, 1985, p.30-33 apud LIMA, 2019, p. 126-127). O documento enfatiza os princípios que possibilitam a renovação da catequese em outros documentos do Vaticano II (LIMA, 2016).

A declaração do Vaticano II, *Gravissimum Educationis* enfatiza a tarefa da Igreja na educação cristã, por meio da catequese e da liturgia, e convida a Igreja a atuar na educação como serviço à humanidade, “valorizando a missão dos educadores cristãos também nas escolas não católicas” (GE, 2007, n. 4). O decreto *Inter Mirifica* acena à importância das comunicações sociais na transmissão da fé, como também a educação para seu uso. Solicita até que “seja inserido no catecismo, a apresentação e explicação da doutrina e disciplina católica sobre as comunicações sociais” (IM, 2007, n.16).

As declarações *Nostra Aetate* e *Dignitatis Humanae* abordam o tema da relação da Igreja com as religiões não cristãs, o reconhecimento da liberdade religiosa, sua vontade de conhecimento mútuo e diálogo na busca do bem comum da humanidade e daquele “inefável mistério que envolve nossa existência”. (NA, 2007, n.1), excluindo qualquer tendência de discriminação (DH, 2007, n. 5). Todos estes documentos ampliam a dimensão antropológica da catequese.

O interesse da catequese pela restauração do catecumenato é grande, pois é no processo de “Iniciação à Vida Cristã que ela encontra seu *húmus* e lugar para melhor exercer sua missão mistagógica e iniciático-pedagógica” (LIMA, 2016, p.84). Diferentemente da catequese tradicional que privilegia apenas o conteúdo doutrinal, a catequese proposta pelo Vaticano II remete à dimensão iniciática como era no catecumenato antigo e que agora está sendo restaurado.

O Documento 107, da CNBB, em seu parágrafo 48, reconhece que a Igreja foi fortemente impulsionada pelo Concílio Vaticano II e produziu um significativo acervo documental. Diversos Sínodos e Assembleias discutiram temas fundamentais como a evangelização, o modo de promover o encontro pessoal com Jesus Cristo, o acompanhamento formativo de seus discípulos missionários. Na Tabela 1,

apresentamos uma síntese da trajetória da Igreja na elaboração de documentos sobre a catequese.

Tabela 1 - Trajetória da Igreja e seu acervo documental

Ano	Documento
1971	Diretório Catequético Geral
1972	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
1975	Evangelii Nuntiandi
1979	Catechesi Tradendae
1983	Código de Direito Canônico
1997	Diretório Geral para a Catequese
1992	Catecismo da Igreja Católica
2005	Compêndio do Catecismo da Igreja Católica
2020	Diretório para a Catequese

Fonte: a autora, 2020.

A Igreja, no Brasil, em atendimento às orientações conciliares, disponibiliza documentos e textos voltados para o itinerário de Iniciação à Vida Cristã. Na Tabela 2, apresentamos a trajetória da Igreja no Brasil na construção de sua caminhada catequética.

Tabela 2 – Trajetória da Igreja no Brasil de sua Caminhada Catequética

1983	Catequese Renovada
1984	Estudos da CNBB (Documento 84)
2006	Diretório Nacional de Catequese
2009	Iniciação a Vida Cristã (Estudos da CNBB 97)
2014	Comunidade de comunidades, uma nova paróquia (Documentos da CNBB 100)
2014	Itinerário Catequético
2015	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2015-2019)
2017	Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários (Documentos da CNBB, 107)
2019	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil (2019-2023)

Fonte: a autora, 2020.

A ação catequética vem avançando gradualmente na organização e no planejamento para uma catequese inspirada no processo catecumenal.

2.1.6 O Itinerário Catecumenal Fundamentado no RICA

O Concílio Vaticano II restabeleceu, para a Igreja Latina, o catecumenato dos adultos, distribuído em várias etapas. Seus ritos encontram-se registrados no *Ordo initiationis christianae adultorum* - OICA (Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos - RICA). O Catecismo da Igreja Católica, atendendo às orientações do Concílio, permitiu por sua vez que, “além dos elementos de iniciação fornecidos pela tradição cristã”, fossem admitidos “em terras de missão estes outros elementos de iniciação cristã, cuja prática constatamos em cada povo, na medida em que possam ser adaptados ao rito cristão” (CAT, 2000, n. 1232).

A Sagrada Congregação para o Culto Divino, atendendo aos decretos conciliares, publicou o Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos - RICA, conforme decreto Prot. 15/72, de 6 de janeiro de 1972):

Cumprindo essas determinações, a Sagrada Congregação para o Culto Divino elaborou o novo Rito de Iniciação Cristã dos Adultos; depois de aprovado pelo Papa Paulo VI, providenciou a sua publicação e declara que a presente edição é típica e deve substituir o Rito de Batismo dos Adultos que se encontra atualmente no Ritual Romano. Estabelece igualmente que este novo Rito pode ser usado em latim, mas em vernáculo, a partir do dia fixado pela Conferência Episcopal, depois de providenciada a tradução em língua vulgar e obtida para a mesma confirmação da Santa Sé. Revogam-se as disposições em contrário.

Vale lembrar que o RICA “não é um livro catequético centrado no conteúdo doutrinal a ser transmitido, mas, um livro litúrgico com ritos, orações, celebrações” (CNBB, 2017, 107, n. 119), oferecendo uma visão inspiradora de um itinerário de iniciação à vida cristã, que envolva a pessoa no seguimento de Jesus Cristo, desde o primeiro contato com a Igreja até a sua inserção nela. Como ilustração, busca recuperar elementos da Igreja primitiva, especialmente em Hipólito de Roma.

No atual contexto, a Igreja assume o compromisso de evangelizar adultos que não passaram pelo processo de Iniciação à Vida Cristã; inclui nesse grupo os que, embora batizados, afastaram-se da Igreja ou que se apresentam com formação insuficiente. O RICA, além de um Ritual para o Batismo de adultos, é um guia que descreve, especialmente em seu primeiro capítulo, “o caminho mistagógico que o

adulto deve percorrer para Iniciação Cristã, tendo seu ápice no batismo, na crisma e na eucaristia” (CNBB, 2017, 107, n.120).

Mas qual o significado do rito no processo catecumenal? De acordo com Paiva (2008, p. 62),

[...] os ritos estão a serviço de nossas vivências de fé. A liturgia ritualiza a vida humana, inserida no Mistério Pascal de Cristo. Ao celebrarmos, por meio de sinais sagrados, unidos à Palavra, que tudo esclarece, experimentamos o ‘invisível’ que se faz presente entre nós pela mediação simbólica. Em cada celebração, passo a passo, símbolo a símbolo, envolvidos por inteiro – corpo, alma, emoções, pensamentos, sensibilidade – vamos caminhando na direção de Deus e Ele também vem ao nosso encontro.

Com efeito, os ritos são parte integrante da Iniciação à Vida Cristã e, portanto, a compreensão e a celebração dos ritos são essenciais porque eles possibilitam a vivência da fé. É o caminho processual, a partir do entendimento da importância dos ritos, dos sacramentos e das celebrações, que conduz o adulto a fazer sua adesão a Jesus Cristo e descobrir seu sentido de pertença à comunidade. “Com os ritos e símbolos, o homem é tocado por inteiro, pois a experiência simbólico-ritual passa pelos sentidos do corpo e chega à mente e ao coração” (PARO, 2018, p. 15).

Para o RICA,

a iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis que, refletindo com os catecúmenos sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induzem pelo seu exemplo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo (RICA, 2013, n. 4).

E, ainda, o “Rito de Iniciação adapta-se ao itinerário espiritual dos adultos que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação daqueles, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar” (RICA, 2013, n.5). Há, portanto, três etapas, passos ou portas que devem ser considerados momentos fortes ou mais densos dentro do itinerário da Iniciação. “Essas etapas são marcadas por três ritos litúrgicos: a primeira, pelo rito de instituição dos catecúmenos; a segunda, pela eleição; e a terceira, pela celebração dos sacramentos” (RICA, 2013, n. 6). A “celebração dos sacramentos é um momento forte na caminhada, não é o fim, mas o

ponto de partida para a catequese mistagógica, que deverá aprofundar a educação para a vivência da fé” (RICA, 2013, n.7).

De acordo com o RICA, são quatro etapas de preparação para o catecumenato, sendo elas: a primeira etapa é a da aquisição de informações da parte do candidato e da Igreja, considerada como um tempo especial à evangelização e ao “pré-catecumenato”, culminando com o ingresso na ordem dos catecúmenos; a segunda etapa inicia-se com o ingresso ao catecumenato, podendo durar vários anos, é dedicada à catequese e aos ritos anexos, terminando no dia da eleição; a terceira etapa, muito breve, normalmente coincide com a preparação quaresmal para as solenidades pascais e os sacramentos, é assinalada pela purificação e iluminação; a última dá-se durante todo o período pascal, é consagrada a “mistagogia”, isto é, à aquisição de experiências e de resultados positivos, assim como ao aprofundamento das relações com a comunidade dos fiéis (RICA, 2013, n.7).

Essas etapas objetivam proporcionar, durante o processo catecumenal, um aprofundamento da fé e concluem com os ritos de passagem e com a indicação do caminho a ser percorrido (LELO, 2005). Os ritos de “entrega” dos símbolos representam os compromissos que vão marcar as etapas que o catecúmeno deve percorrer: a entrega do Símbolo (Credo) e da Oração do Senhor (o Pai Nosso) representa a herança da fé transmitida aos caminhantes para que os candidatos a fim de que comecem a vivenciar no dia a dia, a experiência da fé. Os escrutínios, bênçãos e exorcismos, têm o sentido de purificar e fortalecer os catecúmenos no seu caminho espiritual.

Todas as celebrações que constam no processo de iniciação proposto pelo RICA têm sentido e significado muito além do momento da celebração. A partir do visível, ritos e símbolos, comunica-se uma realidade invisível escondida em cada gesto, ação, palavra ou elemento. Esta comunicação é feita de forma gradativa, em que um rito ou símbolo vai ‘puxando’ o outro (PARO, 2018b, p.86).

No caminho catecumenal, não basta que as pessoas conheçam os dogmas e preceitos: é preciso vivenciar o mistério da salvação do qual desejam participar plenamente, vinculando os conteúdos do ano litúrgico e a valorização das celebrações. Observa-se que as celebrações apresentadas no RICA são mais

importantes que os encontros catequéticos propriamente. Todavia, o número 106 sinaliza que as celebrações ajudam a compreensão dos conteúdos da catequese, ensinam as formas e os caminhos da oração, aproximam dos símbolos, ações e tempos do mistério litúrgico e inserem a comunidade gradativamente no culto. É fundamental reconhecer que, no processo catecumenal, a catequese está inteiramente articulada à liturgia.

Outra etapa importante no catecumenato é o “itinerário espiritual” que se dá mediante o acompanhamento pessoal de membros da comunidade, sobretudo pelos catequistas e introdutores. São estes que acompanham os catecúmenos, dando testemunho perante a comunidade sobre o amadurecimento e o crescimento destes. O acompanhamento é fundamental na vida concreta das pessoas e é por meio dos ritos catecumenais e das celebrações da palavra que Deus age gradativamente purificando e protegendo os catecúmenos. Assim, “os catequistas não são apenas instrutores (ministros da palavra, de ensino, representantes da Igreja), mas são também ministros da oração e da celebração da palavra de Deus: mais que pedagogos, são mistagogos, isto é, conduzem ao mistério” (LIMA, 2016, p. 137). O catequista deve compreender os ritos e celebrações: deve ser um liturgo e saber usar o RICA, auxiliado pelos liturgistas.

Segundo Nery, é conveniente ressaltar algumas características positivas do RICA que, desde 2001, vêm sendo trabalhadas no Brasil:

a proposta de ‘processo’, com tempos e etapas, de modo progressivo, aprofundado, abrangente, envolvente; a ligação e estreita união entre os sacramentos de iniciação, formando um todo coeso e inseparável; a importância da comunidade eclesial e da celebração litúrgica no desenvolvimento do Itinerário Catecumenal; a Iniciação à Vida Cristã voltada para a conversão, à relação pessoal e continua com Deus, o engajamento na Igreja e na missão; a Iniciação à Vida Cristã como tarefa dinâmica, alegre, criativa, festiva, celebrativa e, ao mesmo tempo, como união espiritual, experiencial (intimidade com Deus, fraternidade, inserção na comunidade, experiência de voluntariado e missão). (NERY, 2019, p. 291).

As características citadas são fundamentais para o desenvolvimento de um itinerário catecumenal e para o amadurecimento na fé. Todavia, o RICA, com suas orientações, é ainda pouco conhecido entre os catequistas. Ressalta-se a importância de sua implementação pelas lideranças responsáveis na Igreja,

adaptando suas propostas à realidade. Convém ressaltar que não se trata apenas de um ritual, mas, sim, a indicação de um caminho formativo, um tempo de “noviciado” (NERY, 2019, p. 292) para aprender a ser cristão livre, consciente, esclarecido, generoso e coerente.

2.2 CATEQUESE COMO PROCESSO DE EDUCAÇÃO PARA A FÉ

No início deste capítulo, ao discorrer sobre os aspectos educativos para a fé, reforçamos que a revelação é a grande obra educativa de Deus, uma vez que nela encontram-se os elementos da ação pedagógica a serviço do diálogo da salvação entre Deus e o gênero humano. A Catequese é, portanto, “*pedagogia em ação da fé* que realiza uma obra *de iniciação, educação e ensinamento*, tendo sempre clara a unidade entre o conteúdo e a modalidade na qual é transmitido” (DC, 2020, n. 165).

Outra definição de Catequese, encontramos no Catecismo da Igreja Católica. A catequese como uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, é “[...] um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, como fim de iniciá-los na plenitude da vida cristã” (CAT, 2000, n.5). Assim, a catequese está a serviço da educação da fé e tem por finalidade formar discípulos missionários. O Diretório Nacional de Catequese (2007, n. 138), inspirando-se na Sagrada Escritura, propõe elementos que revelam diversos modelos de interação entre Deus e seu povo: “Reconhece, pois, em teu coração que, como um homem corrige o seu filho, assim te corrige o Senhor teu Deus” (Dt 8,5); apresenta-se, também, como um sábio que assume as pessoas nas condições em que elas se encontram (Sl 103,3-6); “liberta-as do mal e convida-as a viverem no amor a fim de crescerem progressivamente na fé, até a maturidade de Cristo” (Ef 4,13-15).

Esses modelos de interação entre Deus e seu povo são também objeto de atenção das Diretrizes Nacionais da Catequese:

como educador da fé, comunica-se através dos acontecimentos da vida do seu povo, de forma adequada à situação cultural de cada um, levando-o a fazer a experiência de seu mistério. Sua pedagogia parte da realidade das pessoas, acolhendo-as e respeitando-as à conversão. No Povo de Deus havia uma forma eficiente de catequese narrativa e celebrativa, que transmitia a fé e os ensinamentos do Senhor, de geração em geração, para que o povo pudesse se deixar guiar pelo seu projeto de amor (cf. Ex 24,10; Dt 5,2-4; Js 24,17; Is 51,1b). (DNC, 2007, n. 139).

No Novo Testamento, Jesus dando continuidade ao processo pedagógico de Deus, ensinou seus discípulos, através de sua vida, palavras, sinais e obras, exortando-os a viverem de acordo com o projeto do Pai e enviando-os para missão (DNC, 2007, n. 140). Por sua vez, o Catecismo da Igreja Católica assevera que:

na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado – todo o resto está em relação com ele: e somente Cristo ensina: todo outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar por sua boca. Todo catequista deveria poder aplicar a si mesmo a misteriosa palavra de Jesus: ‘Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou’ (Jo 7,16). (CAT, 2000, n. 427).

A pedagogia divina possui um grande valor para a vida da Igreja e é fundamental também para a catequese, chamada a ser inspirada e animada pelo Espírito de Jesus e, molda com sua graça a vida de fé daquele que crê (DC, 2020, n.163). A pedagogia de Jesus é a pedagogia do coração. Por meio de seu amor e de sua proximidade com as pessoas, inspira o catequista a seguir seus passos:

por meio do acolhimento às pessoas, [...] (Mt 18,12-14); do anúncio do Reino de Deus, como a Boa Notícia da verdade, [...] (Lc 4,17-22; 17,20-21; do convite amoroso para viver a fé, a esperança e a caridade, [...] (Mc 1,15; Mt 11,28-30); do envio aos discípulos para semearem a Palavra, [...] (Mc 6,6b-13); do convite para assumirem com radicalidade evangélica o crescimento contínuo da fé, [...] (Mt 17,20; Lc 13,16; Jo 13,34; Lv 10,29-37); da atenção às necessidades, às situações concretas da vida [...] provocando reflexão para uma mudança de vida; da conversa simples, acessível, [...] adaptando-os aos seus seguidores e demais interlocutores; da firmeza permanente diante das tentações, das crises, da cruz, buscando força na oração (DNC, 2007, n. 141).

Mas o autor de todo processo catequético é o Espírito Santo. É o “Mestre interior” que, no segredo da consciência e do coração, faz compreender as palavras e gestos salvíficos de Jesus. “E, graças ao dom do Espírito Santo, o catequizando vai aprofundando seu conhecimento sobre os mistérios da Salvação”. (DNC, 2007, n. 142). Além disso, a catequese reforça a fidelidade à pedagogia interior do coração, buscando “fazer síntese entre o conhecimento intelectual e a experiência amorosa da vida em Deus” (DNC, 2007, n. 143). Convém ressaltar ainda que a ação catequética “esclarece e estimula a experiência e vivência no Espírito que o catequizando faz na liturgia, ano litúrgico e na oração cotidiana como caminho de crescimento na fé” (DNC, 2007, n. 143).

Em seguimento à pedagogia do Pai e do Filho, a catequese também olha para a Igreja que, como mãe e educadora da fé, procura imitar a pedagogia divina. Desde o seu início, a Igreja procurou formar comunidades que fossem exemplo vivo do Evangelho (Lc 24,48). Sua credibilidade depende dessa fidelidade ao projeto de Jesus, por isso a vida de seus mártires e santos sempre foi considerada como testemunho catequético (“pedagogia do herói”). “A vida de cada comunidade eclesial precisa ser coerente com o Evangelho, mobilizadora pela própria maneira de ser, agir (At 4,32-35; 5,12-16)” (DNC, 2007, n. 145).

Em suma, todos esses elementos contribuem para a construção da história da catequese, da memória da comunidade e da praxe do catequista. Fica aludido também que o processo pedagógico de educação para a fé, em sua missão, conduz homens e mulheres a uma dinâmica de fé libertadora e humanizadora, levando o candidato a crescer como pessoa, na maturidade da fé em Cristo, no amor e na esperança, sendo capaz de transformar a sociedade. E, ainda, “a fé é um dom de Deus, é uma adesão pessoal a Ele. A pessoa é livre para dar sua resposta à iniciativa de Deus que se revela” (DNC, 2007, n.146). Para que isto aconteça, Deus serve-se de pessoas, grupos, acontecimentos.

Com isto, a Igreja é mediadora no encontro misterioso entre Deus e a pessoa humana. E, em nome da Igreja, os catequistas, tem a missão de conduzir os catecúmenos e catequizandos ao conhecimento da verdade e Salvação (1Tm 2,4; Tt 1,1). O amor por Jesus e pelas pessoas impele o catequista a falar sobre a fé: “cada catequista é como um elo na grande corrente dos que têm fé” (CAT, 2000, n. 166), porém é necessário estar motivado por aquilo que crê, alegre por estar em processo permanente de conversão, disposto a fazer diferença numa sociedade contrária ao projeto de Deus.

Por conseguinte, infere-se que a pedagogia da fé tem por objetivo impulsionar a pessoa a aderir livre e totalmente a Deus; introduzi-la no conhecimento vivo da Palavra de Deus; auxiliá-la no discernimento vocacional (DGC, 2003, n. 144), [...] “do modo mais condizente com suas potencialidades, aspirações, como escolha existencial colocada sob o olhar de Deus” (DNC, 2007, n. 147).

A partir disso, pode-se afirmar que para que haja adesão à dimensão espiritual da pedagogia da fé são exigidas as seguintes atitudes: acolhimento e

docilidade ao Espírito Santo, pois ele é o principal catequista; ambiente espiritual de oração e recolhimento; autoridade e fortaleza na palavra dita; ter consciência de ser enviado por Deus e agir em comunhão com a comunidade. De seu lado, o catequista precisa de sólida formação, humildade, senso de responsabilidade, espiritualidade e inserção na comunidade (DNC, 2007, n. 148)

Convém, ainda, assinalar que “a obra do catequista consiste em encontrar e mostrar os sinais da ação de Deus já presentes na vida das pessoas” (DC, 2020, n. 179) e propor o Evangelho como força transformadora. Por sua vez, o acompanhamento no itinerário de conversão e de fé deve ser gradual, pois a “atitude de crer implica uma descoberta progressiva do mistério de Deus e uma abertura e confiança a Ele que crescem ao longo do tempo” (DC, 2020, n. 179).

Nesse sentido, a Catequese tem como tarefa “desenvolver um senso de *pertencimento*” (DC, 2020, n. 89) e de comunhão a Igreja. Tendo em vista esses aspectos, a catequese contribui na educação para o diálogo fraterno, na formação do sentido de “*corresponsabilidade* eclesial, contribuindo como sujeitos ativos para a edificação da comunidade e como discípulos missionários para seu crescimento” (DC, 2020, n.89).

Trata-se por isso de propor uma catequese “que pense a cada pessoa, real, concreta, histórica, inserida no seu contexto e marcada por dinâmicas, psicológicas, sociais, culturais e religiosas, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da redenção” (RH, n. 13)⁵. (DC, 2020, n.224). Além disso, é indispensável pensar em um caminho progressivo de iniciação à fé cristã, oferecendo caminhos que se diversifiquem de acordo com as diferentes exigências, idades dos sujeitos e estados de vida. Hoje, sabemos que as Ciências Humanas, com suas diferentes epistemologias, contribuem para renovar a prática educacional, “em especial a pedagogia e a didática que vêm contribuindo nos processos educativos da catequese”. (DC, 2020, n. 180).

O Papa Francisco, no Sínodo sobre a Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã, em 2012, recorda que a nova evangelização interpela a todos e deve ser marcada pela *Alegria do Evangelho*, ou seja, a alegria do encontro

⁵ SÃO JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptor Hominis* no início do ministério pontifical. Roma, 4 de março de 1979.

com Jesus Cristo (EG, 2013a, n. 14,1). Francisco exorta que na catequese jamais devemos deixar de lado o *querigma* em favor de uma formação supostamente mais sólida.

Toda a formação cristã é primariamente, o aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese (EG, 2013a, n.165).

Assim, a catequese assume um caráter evangelizador, em que o anúncio querigmático e a experiência de fé acompanham todo o iniciante em seu itinerário. Mas não pode abandonar sua característica doutrinal: a doutrina, o estudo, a compreensão e a sistematização racionais das verdades da fé fazem parte de uma completa iniciação à vida cristã. Em nossos dias, transparece ainda certo um *déficit* doutrinal em nossas catequese, devido a conteúdos pouco aprofundados, apesar da grande riqueza que a Igreja nos oferece mediante seus documentos catequéticos (LIMA, 2016).

A finalidade da catequese é mostrar que seguir Cristo não significa apenas aprender conteúdos e verdades, “mas também belo capaz de cumular a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG, 2013a, n. 167). O discípulo, atraído por Cristo, torna-se um iniciador de outros a Cristo.

2.3 A EDUCAÇÃO DA FÉ NA CATEQUESE COM ADULTOS

O grande desafio da catequese sempre foi de proporcionar experiência cristã de Deus, do seu amor e da sua ternura. Mais desafiador ainda é compreender o sentido de que a iniciação cristã nos imerge numa nova realidade, isto é, no mistério de Cristo Jesus e que a graça dos sacramentos precede-nos e nos acumula “com os dons divinos do Pai, em Cristo, pelo Espírito” (CNBB, 2017, 107, n. 91).

Num contexto de cultura digital, a experiência de fé cristã é um grande desafio, pois essa nova cultura interfere no sentido de comunidade, de relação com o outro e de mudança de linguagem. Para isso, é fundamental a autoconsciência acerca da importância de como educar para a fé. Assim, podemos deduzir a

importância da formação do catequista, pois este tem um papel fundamental não só no novo projeto de vida dos catequizandos. O desenvolvimento desse projeto requer um processo de aproximação que emerge da sua dedicação e competência no exercício de sua função educativa. No seu cotidiano, o educador da fé deve buscar ultrapassar ou transcender a dimensão do ensino de conteúdo, procedimentos ou atitudes, preparando assim o catequizando para a vida, partindo do pressuposto que educação e vida se fundem em uma só ação.

Um exemplo dessa pedagogia encontramos no evangelista João (4,4-26) no diálogo de Jesus com a Samaritana. O contato de Jesus com essa mulher parte de uma situação vital (“dá-me de beber”). Jesus a acolhe e dá sentido à sua vida. Além disso, todas as situações devem ser postas com clareza no agir pedagógico, uma vez assumidas como opção de educação da fé. Independentemente da idade da pessoa que busca a vida cristã, requer o envolvimento e a responsabilidade tanto do catequista quanto da comunidade de fé. Nesse sentido, o catequista possui a árdua tarefa de acompanhar as diferentes fases que o processo catequético contém. Sua missão é fazer crescer, no plano do conhecimento e da vida, as sementes de fé, pelo Espírito Santo no coração humano.

A autoconsciência acerca da importância da educação da fé vale para todas as faixas etárias. Na catequese com adultos, sugere-se valorizar as experiências vividas, os desafios, as interrogações e suas necessidades em relação à fé. E, ainda, o Diretório Nacional de Catequese em seu parágrafo n. 182, recomenda que é preciso

distinguir entre os adultos que vivem sua fé (praticantes), adultos apenas batizados (não praticantes ou afastados) e os adultos não batizados; levar em conta seus problemas e experiências, capacidades espirituais e culturais; motivá-los para a vivência da fé em comunidade, para que ela seja lugar de acolhida e ajuda; ‘fazer um projeto orgânico de pastoral com os adultos que integre a catequese, a liturgia e os serviços da caridade’ (DGC, 2003, n. 174).

E, ainda, é preciso lembrar que a catequese coloca-se a serviço de uma resposta de fé do fiel, no acompanhamento das passagens decisivas por meio das quais a pessoa deixa-se tocar pela graça de Deus, de promover experiências comunitárias e individuais de busca de sentido da vida. Na catequese com os adultos, é decisiva a figura do catequista, um educador capaz de acompanhar

também nos processos de crescimento pessoal, mas, sobretudo, que seja uma testemunha da vida cristã. “Surge, assim, a necessidade de escolher com cuidado o catequista a fim de que possa exercer seu ministério por meio de uma formação específica” (DC, 2020, n. 263).

Na catequese com adultos, não se trata apenas de acrescentar algumas atividades para diferenciá-la da catequese de crianças, mas sim de adquirir uma nova compreensão da atividade catequética, pois a dinâmica de se tornar adulto envolve a dimensão religiosa. Por isso, todo caminho de fé com os adultos exige que as experiências de vida sejam integradas ao mesmo percurso formativo. Para tanto, a ação educativa catequética visa:

reforçar a opção pessoal por Jesus Cristo; promover uma sólida formação dos leigos, [...]; estimular e educar para a prática da caridade, [...]; ajudar a viver a vida da graça, alimentada pelos sacramentos; formar cada pessoa [...] buscando a santidade; dar resposta às dúvidas religiosas e morais de hoje; desenvolver os fundamentos da fé, que permitam dar razão da esperança; educar para viver em comunidade [...] dando testemunho cristão na sociedade; educar para o diálogo ecumênico e inter-religioso, [...] da paz entre os filhos de Deus; ajudar na animação missionária além-fronteira (DNC, 2007, n. 183).

Portanto, a catequese com adultos está configurada “como um processo pessoal e comunitário de aprendizagem”, que visa o desenvolvimento de uma mentalidade de fé “até chegarmos [...] à estatura do Cristo em sua plenitude” (Ef 4,13). (DC, 2020, n. 260). Nesse sentido, o catequista deve ater-se ao objetivo específico da catequese com os adultos que é a “formação e o amadurecimento da vida no Espírito, seguindo o caminho da gradualidade e da progressividade, para que a mensagem do Evangelho seja acolhida em sua dinâmica” (DC, 2020, n. 260), e, assim, transformadora, seja capaz de incidir na vida pessoal e social do iniciado.

Nesse sentido, o resultado da catequese com adultos consiste em que “os próprios adultos sejam capazes de ter sua própria experiência de fé e estejam desejosos por continuar a caminhar e crescer” (DC, 2020, n. 260).

Por conseguinte, trata-se de propor uma Catequese Adulta para uma Igreja adulta, tema este muito presente no Brasil nestes últimos 25 anos e que foi assumido pelo Diretório Nacional de Catequese. Esta opção metodológica defronta-se com o problema que é a escolha de conteúdos que devem envolver a pessoa e o

grupo dentro de um projeto maior, que é o Reino. Quanto ao método, deve sempre partir da realidade do adulto, vendo suas necessidades e inquietações sobre a fé, sua religiosidade, sua forma de ver, pensar e agir no mundo que o cerca. O método deve também levar em conta sua adulez, maioridade, autonomia e inserção comunitária, cultural e social. Trata-se, portanto, de superar o infantilismo religioso, fruto de uma Igreja paternalista e clericalista por meio da catequese. Nesse sentido, “os adultos não devem ser considerados destinatários da catequese, mas *protagonistas com os próprios catequistas*” (DC, 2020, n. 262).

O Documento CNBB 107 em seus números 166 e 167 faz referência à necessidade de materiais didáticos adaptados à faixa etária e que garantam o aprofundamento dos elementos essenciais do processo de Iniciação à Vida Cristã. Dentre estes cita o Símbolo dos Apóstolos e a narração da História da Salvação, vividos num compromisso com Jesus. Ademais, o Catecismo da Igreja Católica estabelece a moral cristã, partindo do mandamento do amor, nas bem-aventuranças e nos mandamentos. Sabe-se que a literatura especializada ainda é pouca e recente.

Todavia, para que a catequese de adultos seja significativa e capaz de atingir seus objetivos, é importante considerar os critérios estabelecidos pelo Diretório para a Catequese (2020, n. 262), apresentados aqui, resumidamente, que a catequese deve: inspirar-se na experiência missionária do catecumenato e ser expressão da comunidade eclesial; considerar a vida cristã na sua inteireza; considerar o adulto catecúmeno como protagonista com os próprios catequistas; reconhecer a situação concreta de homens e mulheres e prestar atenção à condição laical; por fim, integrar a catequese dos adultos com as outras pastorais.

O Documento 107 também estabelece orientações às dioceses para a produção de materiais e aos autores e editoras de textos recomenda seguir os seguintes critérios na revisão de seus conteúdos: fidelidade à Doutrina dos Apóstolos; centralidade na Palavra de Deus (Leitura Orante da Palavra); inserção na comunidade; integração com a liturgia; metodologia interativa, com diálogos, vivências e troca de experiências; iniciação à vida de oração pessoal e comunitária; motivação ao compromisso com a justiça e caridade propondo participação ativa em todos os setores sociais e visão global de pastoral proposta pela Igreja.

Não se trata de nivelar tudo, mas de reconhecer que, conforme a realidade e diversidade de culturas, é fundamental propor uma catequese adequada, atenta aos aspectos particulares de cada comunidade.

2.4 O PROCESSO EDUCACIONAL CATEQUÉTICO COMO EXPERIÊNCIA DE FÉ

A demanda para a Catequese de adultos é um fenômeno em crescimento na Igreja Católica. Este fenômeno acontece por várias razões, dentre as quais destacamos a atenção maior da Igreja para a passagem da idade juvenil para a idade adulta e a entrada na fase adulta da existência “cada vez mais atrasada para os jovens, sobretudo em alguns contextos sociais” (DC, 2020, n.256).

É evidente, portanto, que o percurso formativo seja integrado com as dinâmicas existências e com as responsabilidades às quais a pessoa é chamada. Além disso, é preciso considerar que a vida adulta “não é mais entendida como um estado de estabilidade já alcançado, mas um processo contínuo de reestruturação que leva em consideração a evolução da sensibilidade pessoal, das relações pessoais, subjetivas e intersubjetivas” (DC, 2020, n.257). Há que se considerar, ainda, no processo de educação para a fé, os fatores familiares, culturais e sociais e a própria identidade da pessoa.

No processo catequético, a pessoa é chamada a aprofundar o conhecimento amoroso de Deus, redescobrimdo a beleza de ser discípulo e missionário do Senhor. Bento XVI, na Carta encíclica *Deus caritas est*, n. 1, diz: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”. Trata-se de um encontro que envolve a pessoa inteira e determina vida daquele que faz esta experiência.

No Catecismo da Igreja Católica (2000, n. 234), lê-se: “O encontro com Jesus Cristo conduz à fé trinitária, uma vez que este é o Filho de Deus e ungido pelo Espírito Santo: crer em Jesus é crer no Deus uno e Trino, mistério central da fé e da vida cristã”. Dessa forma, no aprofundamento da fé, a pergunta sobre Deus não é secundária, mas a questão principal.

O teólogo Karl Rahner, em seus escritos, mostra o ser humano como um ser de transcendência, ser que se realiza a si mesmo à medida que se abre a relação

com o Mistério Absoluto, relação esta realizada em situações mais simples da vida, em experiências muitas vezes consideradas ou tidas como a-religiosas. Ao tratar do ser humano enquanto possibilidade de relação, Rahner aponta para a subjetividade deste, que se diferencia dos demais seres, da consciência, da liberdade com as quais se pode possuir e estabelecer relações com a totalidade do ser. Esta experiência subjetiva permite-lhe também de se perceber como um ser incompleto, como finito e que está diante de um horizonte mais amplo e sente-se tocado por esse horizonte maior. Esta experiência é definida, pelo autor, de transcendental:

Essa experiência é chamada transcendental porque faz parte das estruturas necessárias e insuprimíveis do próprio sujeito que conhece [...]. A experiência transcendental é a experiência da transcendência, experiência na qual a estrutura do sujeito e, conseqüentemente, também a estrutura última de todo objeto concebível de conhecimento está presente conjuntamente e na identidade (RAHNER, 2004, p. 33).

A partir dessa experiência, o ser humano percebe-se como ser transcendente, espírito, ser de horizonte infinito. Desse modo, podemos perceber a experiência como aquilo que permite ao ser humano perceber-se a si mesmo e, portanto, perceber que “já dentro” de si está a presença reveladora de Deus. E, enquanto ser de abertura é capaz de receber a autocomunicação de Deus, de tornar-se ouvinte da palavra (RAHNER, 2006).

Para que essa experiência efetiva-se no processo catequético, sobretudo de adultos, é preciso entender o ser humano como ser aberto ao Mistério. Na catequese, isso significa perceber a oportunidade de apresentar, no contexto da existência humana atual, a proposta cristã sem temor. É preciso fazer nascer no homem contemporâneo interesses, interrogações, esperanças que despertem o desejo de transformar a sua existência. É fundamental mostrar que o Deus que se relaciona conosco é, como afirma a tradição, um ser pessoal, e o acontecer da Relação de Deus dá-se na existência humana. Trata-se de uma experiência na história, e não fora dela e que assim se faz não porque o ser humano iniciou esse processo, mas porque o próprio Deus deu-se ao ser humano – o ouvinte da revelação (RAHNER, 2004).

Nesse sentido, o encontro com Deus é sempre mediado pela subjetividade que “já é desde o seu ponto de partida a transcendência que escuta, que não

controla, que é conquistada pelo mistério, que é aberta ao mistério” (RAHNER, 2004, p. 76). Aqui entra a capacidade de acolher a Revelação de Deus, que é concreta, pois ocorre no tempo e no espaço e, portanto, na história humana. Por outro, o ser humano é convocado a responder ao chamado de amor com fé viva. “O chamado ao amor é na verdade nada mais que o chamado da fé viva ou a fé que está ativa no amor e, graças ao nosso ingresso no relacionamento da fé, nasce não só o amor por Deus, mas também nosso amor pelos outros” (FORTE, 2008, p. 52).

O chamado ao amor e à fé viva pode ser identificado com o chamado à conversão ou ao arrependimento que Jesus proclama na vida pública (Mt 4,17; Mc 1, 15). Nesta narrativa, Deus confronta-nos com a dura verdade de que o único caminho para ingressarmos em um relacionamento de fé e amor é passarmos para uma reorientação radical e profunda de nossa vida, o que significa que precisamos estar dispostos a deixar de viver só para nós mesmos e começar a viver para Deus e para os outros. A experiência de conversão ou arrependimento é, assim, marcada por nosso abandono do egoísmo que é a essência do pecado e por nossa dedicação ao próximo.

A experiência de amor e conversão, ou seja, nossa resposta pessoal de fé (amor por Deus) dá origem às obras sociais. Portanto, é fundamental valorizar a experiência existencial, pessoal e comunitária: de sua relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza, e sua relação com Deus. Trata-se de uma experiência que tem a marca do amor que privilegia a exemplo de Jesus os mais necessitados. É esse o caminho da catequese que, iluminado pelo Espírito Santo, “anuncia a verdade revelada, cria meios para a comunhão filial com Deus, a construção da comunidade de irmãos, o estabelecimento da justiça da solidariedade e da fraternidade” (DNC, 2007, n. 144).

O chamado à conversão e à fé acrescenta o chamado à liberdade (Gl 5, 13). Esse discernimento tem grande importância no entendimento paulino de nossa vida em Cristo. É por nossa resposta de fé que somos interiormente transformados e fortalecidos pela vida e pelo amor de Deus dentro de nós. É a vida de Deus dentro de nós que nos dá amor para a liberdade e liberta-nos para alcançarmos maiores profundidades de amor. Por vida de Deus, entendemos viver com a graça de Cristo ou viver no Espírito Santo.

A catequese de adultos consiste em levar para a abertura ao amor de Deus na fé, deixando o Espírito Santo de amor divino viver dentro de nós. Dessa forma, somos libertados das restrições exteriores. Para Paulo, “se [somos] guiados pelo Espírito não [estamos] mais sujeitos à lei” (Gl 5,18). Ao vivermos no Espírito Santo que é a vida de Deus, somos libertados interiormente para nos relacionarmos no amor com Deus e o próximo.

Assim sendo, o processo de inspiração catecumenal, o catecumenato restabelecido, “propõe retomar a dimensão mística, celebrativa da catequese”, considerando que a educação da fé conduz “as pessoas a uma autêntica experiência cristã, na integridade de suas várias dimensões” (CNBB, 2009, 97, n. 59). Ademais, o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, “teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas” (SC, 2007, n.64). Essa experiência insere o cristão numa profunda e autêntica celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais. Assim, a vida vai transformando-se gradativamente pelos santos mistérios celebrados, “preparando a pessoa para se inserir no mundo e na sociedade como cristão” (DAp, 2008, n. 290).

Logo, a catequese, como comunicação experiencial significativa da fé cristã, estabelece uma correlação entre situações humanas e mensagem revelada na encarnação histórica concreta da palavra de Deus. A experiência humana é, portanto, o fundamento da catequese e os lócus da autocomunicação de Deus. Desse modo, na catequese, deve-se acolher a experiência dos indivíduos e da sociedade como um todo, pois Deus age na vida de cada pessoa e na história.

Resumidamente, no processo de Iniciação à Vida Cristã, “o catequista torna-se *um testemunho da fé e o guardião da memória de Deus*” (DC, 2020, n. 139). E, ainda, é a formação humana e cristã e a escuta ao Espírito Santo que o habilita a colher e transmitir a mensagem de Jesus. “O catequista é o acompanhador e educador daqueles que lhes foram confiados pela Igreja: o catequista é um especialista na arte do acompanhamento (EG, 2013a, n. 169-173)” (DC, 2020, n. 113c). Por último, a catequese é uma experiência vital do Mistério de Cristo. O processo de Iniciação à Vida Cristã começa com *querigma*, capaz de formar pessoas convictas do amor de Deus, encantadas por Jesus Cristo e seu projeto de

amor, através uma mística evangélico-missionária, orante, celebrativa, vivencial, transformadora e comunitária. Este tema será aprofundado no próximo capítulo.

3 O ITINERÁRIO DE FÉ NA CATEQUESE COM ADULTOS

Os processos de Iniciação à Vida Cristã renovam-se e renovaram-se em cada nova etapa da história, e a Igreja, impulsionada pelo desejo de evangelizar, não tem se não outra preocupação: quem enviar para anunciar o mistério de Jesus? Em que linguagem anunciar esse mistério? Como conseguir que esse ressoe e chegue a todos os que devem escutar? Os desafios do mundo atual, a intensa pluralidade cultural e religiosa, a globalização da indiferença, a crise antropológica, a ambição do poder e do ter escondem a rejeição da ética e a recusa de Deus. Mas “os males do nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpas para reduzir” (EG, 2013a, n. 84) o ardor missionário e o anúncio do *querigma*. “Há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente” (EG, 2013a, n. 86).

Assim demonstrada a realidade atual na qual nos encontramos, e diante “de um mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências e, até mesmo, de amor à Igreja, em busca de um bem-estar pessoal” (EG, 2013a, n. 93) como evangelizar, como catequizar? O Papa Francisco acrescenta: “E, no deserto, existe, sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança” (EG, 2013a, n. 86).

É nesse contexto que se insere a exigência de propor um *querigma* de forma continuada e permanente. “Não pode haver verdadeira evangelização sem o *anúncio explícito* de Jesus como Senhor e sem existir a primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho da evangelização” (EG, 2013a, n. 110). E, assim, não há catequese se no centro dela não estiver “a Pessoa de Jesus de Nazaré, Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade, que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre” (CT, 1980, n. 5). O Objetivo primordial da catequese é o Mistério de Cristo. Dessa maneira, catequizar é levar alguém a prescrutar este mistério em todas as suas dimensões: “expor à luz, diante de todos, qual seja a disposição divina, o Mistério [...] Compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade [...] conhecer a

caridade de Cristo, que ultrapassa qualquer conhecimento [...] (e entrar em) toda a plenitude de Deus” (CT, 1980, n. 5).

Desse modo, objetiva-se, neste capítulo, descrever o itinerário de fé na catequese com adultos, tendo como pressuposto o *querigma*, ou seja, no anúncio da pessoa de Jesus, ou seja, um anúncio que leve a uma conversão de vida e de forma efetiva que se dá mediante um processo gradual e de conhecimento do interlocutor. Busca-se, ainda, aprofundar o processo mistagógico de experiência da fé inicial, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da pessoa e da Mensagem de Jesus mediante os ritos e os símbolos.

É tarefa do catequista acompanhar os adultos dentro da comunidade, conduzindo-os a uma adesão livre ao *querigma* e a uma profunda vivência da fé em Jesus Cristo. E, para que isso aconteça, faz-se necessário um itinerário catequético de acolhimento, escuta, de um caminho de evangelização juntos, que auxilie no amadurecimento da fé.

3.1 QUERIGMA: PRIMEIRO ANÚNCIO

O itinerário catecumenal fundamenta-se no *querigma*, ou seja, no anúncio da pessoa de Jesus, núcleo da fé cristã. Desse modo, a catequese pertence a um novo processo de renovação em que a Igreja é chamada a anunciar Jesus Cristo. Assim, a Igreja é chamada a “proclamar, gritar, anunciar”. O termo grego *Kérygma* remete “a Boa Notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo” (EN, 1975, n. 14), “é, também, a graça e a vocação própria da missão da Igreja” (DNC, 2007, n. 30).

A quem e para quem a Igreja é chamada a anunciar a Boa Notícia? O *querigma*, o primeiro anúncio de Jesus Cristo, “se dirige aos não fiéis e àqueles que, de fato, vivem na indiferença religiosa” (DGC, 2003, n. 61), ou ouviram um primeiro anúncio, porém, não aderiram à vivência comunitária, fruto da iniciação cristã. Desse modo, primeiro anúncio da fé está relacionado com o itinerário catecumenal, com processo de conversão, com a primeira etapa do processo catequético, que “se realiza por meio da ‘catequese kerigmática’, denominada por alguns de ‘pré-catequese’, porque inspirada no pré-catecumenato” (DGC, 2003, n. 62). Assim

sendo, o sujeito principal do anúncio do Evangelho “é o povo que peregrina para Deus” (EG, 2013a, n. 111).

3.1.1 O Anúncio

O conteúdo da catequese e ou da evangelização é o anúncio da Boa Nova da Salvação. Uma vez acolhida com o coração, “essa mensagem é aprofundada mediante reflexão e estudo sistemático; mediante uma tomada de consciência cada vez mais responsável das suas repercussões na vida pessoal e comunitária” (CT, 1980, n. 26). Dessa maneira, a catequese tem como fonte viva, primária a Tradição e a Sagrada Escritura. “O ensino, a liturgia e a vida da Igreja brotam desta fonte e a ela conduzem [...]” (CT, 1980, n. 27). A salvação que Deus nos oferece é mediada pela Igreja. Por isso, diz a LG (2007, n. 1) que: “A Igreja é enviada por Jesus Cristo como Sacramento de Salvação oferecida por Deus”.

Os Evangelistas Mateus e Marcos, relatam que os apóstolos foram os primeiros a receberem de Jesus esta missão: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. (Mc 16,15; Mt 28,19). Esta missão implica em “sair”, “acorrer”, “acompanhar” (DC, 2020, n. 68), tornar-se, assim verdadeiros discípulos missionários.

O Papa Francisco, apoiando-se em algumas expressões-chave postula a necessária e urgente transformação missionária da igreja. Nas expressões primeirar (tomar iniciativa), envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar aparece a convergência entre a perspectiva de uma Igreja “em saída” e a necessidade de uma conversão missionária da Igreja. A propósito disso, a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* explicita que:

A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionário que ‘primeireiam’ [...] Tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1Jo 4,10), e, por isso, ela vai a frente, tomando iniciativa, sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. [...] Envolver [...] a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. [...] A comunidade evangelizadora acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. Fiel ao

dom do Senhor, sabe também 'frutificar' [...] e sabe manter-se atenta aos frutos, porque o senhor a quer fecunda. [...] A comunidade evangelizadora jubilosa sabe 'festejar': celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente à evangelização (EG, 2013a, n. 24).

O que Francisco explicita nesse fragmento é a proposta de uma teologia “em saída” como característica de um novo modelo de fazer teologia e pastoral. Além disso, podemos pensar uma maneira pessoal de fazer teologia, fundamentada “em um paradigma teológico ‘histórico-hermenêutico’, ‘transcendental’ (RAHNER, 2004), ‘estético’ (Urs von Balthasar), ‘prático-narrativo’ e ‘intercultural e inter-religioso’ (THEOBALD, 2007, p. 180-181).⁶

A dimensão pastoral aqui proposta refere-se ao princípio de pastoralidade do Concílio Vaticano II, que antes de ser um discurso, corresponde ao encontro e a consideração do destinatário. Em outras palavras, é uma pastoral que se dá pela relação com o outro, pela empatia, porque essa maneira de se envolver na relação com os outros “introduz, em troca, um questionamento sobre a sua própria fé, bem como uma outra maneira de falar. É, portanto, essa mudança na relação com o outro que leva a uma inversão na forma do discurso” (ROUTHIER, 2011, p. 448-449).

Francisco, no seu modo de pensar a catequese, propõe uma maneira de agir, de atuar do próprio Cristo e de seus Apóstolos (DH, 2007, n. 11). A pastoralidade, ou a ação catequética, é um modo de proceder que implica escutar a Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, escutar-se mutuamente e perceber os acontecimentos do mundo. Portanto, “a escuta da Palavra de Deus não pode ser separada de um discernimento concomitante dos sinais dos tempos” (EG, 2013a, n. 174).

Este modelo de pastoral catequética implica, portanto, o diálogo na reciprocidade, os diagnósticos histórico e teológico dos tempos atuais, à luz das Sagradas Escrituras, e uma maneira de falar não somente a partir de si mesmo, mas a partir da realidade, da vivência do outro.

De modo algum, o anúncio pode ser reduzido a uma mensagem simplesmente, pois é antes de tudo, “partilha da vida que vem de Deus e comunicação da alegria de ter encontrado o Senhor” (DC, 2020, n. 68). Não obstante as diferentes modalidades de evangelização, “o *querigma* permanece central em toda a História da Igreja, porque a mensagem profunda dos discípulos de

⁶ Estes paradigmas serão aprofundados em estudos futuros.

Jesus é perene, sempre atual” (LIMA; SCHMITT, 2017, p. 142): a morte e ressurreição de Jesus assegura para todos os tempos a salvação e o institui como Cristo à direita do Pai. Essa salvação abrange a todas as gerações, pela misericórdia de Deus Pai.

Francisco introduz, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, uma proposta de renovação catequética fundamentada no “*querigma trinitário*”. Referindo-se a catequese afirma que o “primeiro anúncio ou *querigma* deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial”⁷ (EG, 2013a, n. 164). Vejamos:

É o fogo do Espírito que se dá sob forma de línguas e nos faz crescer em Jesus Cristo, que, com sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’ (EG, 2013a, n.164).

Desta forma, partindo da reflexão de Francisco, emerge a importância de uma cristologia trinitária para o desempenho de uma nova modalidade de evangelização. O querigma é trinitário e faz-nos crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, revela-nos e comunica-nos a misericórdia infinita do Pai e o compromisso com os outros.

Por conseguinte, afirmar o mistério Trinitário como conteúdo da catequese poderá parecer algo óbvio, mas não o é, uma vez que se percebe a grande crise de fé na qual se encontram os cristãos e a própria Igreja, fazendo com que até a transcendência apresente-se obscurecida (KASPER, 2012). Não se trata, portanto, de uma crise em uma dimensão da fé, mas da crise da própria fé. Neste sentido, quando se pensa em Nova Evangelização, não se pode pensar apenas naqueles que ainda não foram batizados, mas também em todos os batizados que não foram evangelizados ou não estão, por diversos motivos, vivendo com fervor sua fé. E, ainda, na revitalização da fé de numerosos cristãos batizados e que, por diversos

⁷ “Ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momento. Por isso, também ‘o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado’ (EG, 2013a, n. 164).

motivos, distanciaram-se da fé e da Igreja. Trata-se de uma evangelização que revitalize a fé de numerosos cristãos que participam das celebrações dominicais sem, contudo, ter feito um encontro vital com o Senhor.

A forma de evangelizar/catequizar está, portanto, relacionada ao conteúdo. Jesus Cristo é o conteúdo material e o princípio formal da revelação Trinitária de Deus. Evangelizar significa apresentar a pessoa de Cristo aos outros; favorecer um encontro subversivo com Aquele que é a graça em pessoa e que se dignou a vir ao nosso encontro. De acordo com o Papa Francisco, “anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo capaz de cumular a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG, 2013a, n.167). Assim, “a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco” (EG, 2013a, n.160).

O evangelista João (Jo 4,15) ilustra por meio do encontro de Jesus com a Samaritana uma nova modalidade de evangelizar. Jesus aproxima-se da Samaritana, dialoga com ela e propõe-lhe o dom de Deus, a água fonte da vida. A Samaritana identifica Jesus como Messias, reconhece-o e declara: “Ele é o Salvador”. Já em seguida, torna-se missionária e anuncia Jesus ao seu povo. O exemplo de Jesus com a Samaritana pode iluminar nossa forma de catequizar hoje: “é preciso ir até as pessoas, dialogar e, a partir de suas necessidades, propor-lhe o primeiro anúncio, um anúncio que seja capaz de fazer arder o coração” (Lc 24,32). (CNBB, 2017, 107, n. 29)

Em seu artigo, Lima e Scmitt (2017, p. 150) explicam que à medida que o *querigma* for desenvolvido “de maneira a atingir o coração dos ouvintes”, a consequência poderá ser o fruto de uma adesão convicta: “vontade de participar, escuta atenta e resposta ao chamado de Deus para a comunhão, anúncio de Jesus Cristo aos irmãos (abertura missionária)”. Em nossos dias, o anúncio pode ser proferido também mediante o uso de diferentes linguagens e da cultura midiaticizada.

Com efeito, o anúncio tem como finalidade a formação de discípulos que pratiquem a fraternidade e o amor ao próximo no seguimento de Jesus: “No próprio coração do Evangelho, aparecem a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG, 2013a, n. 177). Portanto, o *querigma* não é uma

propaganda para ganhar visibilidade, para um reavivamento religioso, para a busca por milagres, mas sim compromisso profético e seguimento de Jesus. De tal modo, “o itinerário catecumenal, com os adultos, requer formas específicas de propor o querigma ou o primeiro anúncio” (CNBB, 2017, 107, n. 156).

O Documento 107, da CNBB, em seu parágrafo 158, propõe as seguintes formas: narrativa testemunhal, expositiva, dialógica, litúrgica, exéquias e caritativa. Estas formas são ilustradas como segue:

narrativa e testemunhal: o anúncio de Jesus Cristo por quem o anuncia [...] despertando para uma abertura ao dom da fé; atraente: a fé cristã pode ser proclamada de maneira breve, a exemplo do diácono Filipe (At 8,26-40); expositiva: através de um texto da Sagrada Escritura, [...] que demonstrem como é bom crer; estética: por meio da contemplação da natureza [...] que motivam a busca por Deus; dialógica: pelo intercâmbio entre pessoas, [...] para dar razão de sua esperança e do despertar pela fé; litúrgica: em celebrações da Eucaristia, do Batismo, do Matrimônio, Exéquias, [...] oportunidades de reaproximação da comunidade; caritativa: o contato com os pobres, [...] o engajamento pela transformação social.

O Primeiro Anúncio é realizado por pessoas que fizeram a experiência do encontro com o Senhor, tornando-se discípulos missionários. Não são pessoas prontas ou perfeitas, mas membros da comunidade que acolhem com alegria todos aqueles que desejem seguir o caminho do encontro. “Todos os membros da comunidade são missionários, mas os ‘introdutores’, especialmente, devem cuidar do querigma” (CNBB, 2017, 107, n. 159). À luz do Documento de Aparecida (2008, n. 29), o anunciador pode dizer: “Conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras e nossa alegria”.

Quanto aos introdutores, Papa Francisco, assevera: “hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito” (EG, 2013a, n. 171).

Os introdutores possuem uma função específica que é de acompanhar os primeiros passos de quem deseja aproximar-se e acolher livremente a fé cristã. Trata-se de um acompanhamento personalizado que se dá no primeiro tempo do catecumenato ou pré-catecumenato, com a finalidade de orientar o candidato para sua adesão à mensagem do Evangelho. Entretanto, o introdutor deve estar atento

para não interferir ou manipular a decisão, pois esta atitude é contrária ao método de Jesus (CNBB, 2017, 107, n. 160-162).

No primeiro anúncio, deve ocorrer uma aproximação natural e um conhecimento mútuo entre Introdutor e catecúmeno. Como um guia seguro, o Introdutor deve:

favorecer a ação do Espírito Santo que é o protagonista da Iniciação do catecúmeno na vida de Cristo e da Igreja; facilitar a prática familiar do Evangelho na vida pessoal, social e comunitária do catecúmeno, estimular o catecúmeno no processo de conversão e vivência do Evangelho; auxiliar nas dúvidas e inquietações, dar apoio e testemunho cristão (MICHELLETTI, 2018, p. 114).

O Introdutor certamente não é um especialista em espiritualidade, mas deve estar preparado para conduzir o catecúmeno ao conhecimento da fé e aos caminhos que conduzem para a intimidade com Deus. “Não é certamente um professor, mas um educador-educando que provocará e acompanhará um educando-educador no caminho complexo e misterioso da fé” (MICHELETTI, 2018, p.114). Deverá ser um especialista em ouvir e no aprender pacientemente a conduzir o catecúmeno no caminho a ser percorrido, provocando juntos respostas às questões da fé e do sentido da vida.

Portanto, o anúncio da Palavra exige do anunciador testemunho e acompanhamento para aquele que demonstra abertura para o Evangelho. Não é suficiente apenas proclamar ou testemunhar uma única vez a fé em Deus. É necessário também auxiliar a superar as dificuldades encontradas no caminho. “É preciso estar disposto a percorrer com as pessoas sensíveis e interessadas, um trecho do caminho, mais ou menos longo, mais ou menos árduo, como fez o próprio Jesus Cristo ao longo da estrada de Emaús” (LELO, 2009, p. 122).

Em tempos de transformação, de crises e de desafios socioeconômicos, políticos e religiosos, o anúncio de Jesus Cristo acontecerá primeiramente aos que descubrem a fé, mas, como “segundo primeiro anúncio” (LIMA; SCHMITT, 2017, p. 156) aos que a redescobrem, aprofundando o significado da fé que já haviam recebido pelos sacramentos. Daí a atualidade perene do querigma especialmente, hoje, quando se quer formar cristãos comprometidos com o Evangelho (LIMA; SCHMITT, 2017).

O novo Diretório para a Catequese (2020, n. 60) faz um alerta, uma vez que “o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social” (EG, 2013a, n. 177), é importante que a dimensão social da evangelização esteja inserida de modo que encontre abertura para toda a dimensão existencial. A catequese eficaz torna-se visível não apenas pelo anúncio direto da Páscoa do Senhor, mas, também, quando contempla a nova visão de vida, do ser humano, da justiça, da pertença à comunidade. A fé emerge da vivência e manifesta-se em sinais concretos.

3.2 CATEQUESE COMO PROCESSO MISTAGÓGICO

Em tempos atuais, ainda é muito comum considerar a catequese como um cursinho preparatório para a recepção dos sacramentos. Porém, o processo catequético com os adultos vem desenvolvendo-se gradualmente e muitos passos foram dados ao longo da história. A catequese adulta vai desenvolvendo-se através do diálogo, pelo processo participativo, fraterno e orante, testemunho, compartilhando vivências, principalmente a partir do amor que liberta, promove e salva. “E como o ensino da doutrina é necessário, torna-se, portanto, essencial dar-lhe o cunho querigmático, evangelizador e mistagógico” (NERY, 2019, p. 340).

O Papa Francisco propõe na *Evangelii Gaudium*, n. 166, “a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã”.

Mas o que significa iniciação mistagógica? Antes de responder a essa pergunta, é preciso compreender o significado do vocábulo mistagogia. Mistagogia é um termo derivado da língua grega, composto por dois conceitos: *mist* (vem de mistério) + *agogia* (tem a ver com conduzir, guiar [...]). Assim, pode-se traduzir “mistagogia como: a ação de guiar, conduzir para dentro do mistério, ou ainda, ação pela qual o mistério nos conduz” (PARO, 2018, p. 84). Etimologicamente, significa ser conduzido para o interior dos mistérios.

A mistagogia é o caminho para a experiência do mistério de maneira pessoal, objetiva e transformadora. Se o “querigma tem como elemento-força a Palavra de Deus, a mistagogia sublinha a Palavra feita gesto, sinal sensível pelo qual se efetua

uma mudança indelével, radical e ontológica” (LELO, 2009, p. 123). Desse modo, com o restabelecimento do catecumenato de adultos, a mistagogia coincide com a busca de uma experiência mais plena dos sacramentos recebidos, que conduza à inserção na comunidade e ao testemunho de uma vida nova.

Outra constatação evidente é que a mistagogia

desenvolve uma teologia a partir da riqueza do evento sacramental da iniciação, apresenta as implicações e desdobramentos que os simbolismos dos ritos e gestos e da Palavra são capazes de comunicar e expressar para a transformação da vida do fiel em Cristo e no Espírito. Essa teologia conduz-nos diretamente à espiritualidade cristã, pois estabelece novo sentido no relacionamento com o próximo na Igreja e no mundo. A teologia mistagógica da iniciação faz-nos ver até que ponto a ética cristã está fundamentada nesses sacramentos (LELO, 2005, p. 119-120 apud PARO, 2018, p.85).

A mistagogia e o querigma, segundo Reinert (2019, p. 23), antes de ser a última etapa do processo de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, é “o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discipulado de Jesus Cristo”. O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA (2013) traz uma concepção mistérica da liturgia e da pedagogia como proposta de interação entre catequese e liturgia. É importante ressaltar que o RICA valoriza

o caráter memorial da Páscoa, e das celebrações dominicais e da Palavra, ao celebrar as bênçãos e exorcismos e escrutínios; destaca a centralidade pascal, maximamente o ciclo pascal e a Páscoa semanal; a pedagogia dos gestos e sinais litúrgicos, maximamente os sacramentais; pressupõe os elementos da teologia liturgia renovada, como: assembleia litúrgica com ampla expressão ministerial e o sacerdócio comum (LELO, 2009, p.124).

No RICA, encontramos elementos fundamentais para uma experiência mistagógica: celebrados os sacramentos, “a comunidade, unida aos neófitos, quer pela meditação do Evangelho e pela participação da Eucaristia, quer pela prática da caridade, vai progredindo no conhecimento mais profundo do mistério pascal e na sua vivência cada vez maior” (RICA, 2013, n.37). O tempo da mistagogia possibilita um conhecimento mais completo e frutuoso dos mistérios, através das novas explicações e, sobretudo, da experiência dos sacramentos recebidos. “Dessa experiência, que todo cristão possui e cresce pela prática da vida cristã, adquirem novo senso de fé, da Igreja e do mundo” (RICA, 2013, n. 38). E, ainda, “as

celebrações dominicais, especialmente com os textos bíblicos do tempo pascal, são o “lugar primordial” da mistagogia” (RICA, 2013, n.40).

Deste modo, a dimensão catecumenal da catequese torna-se experiencial, celebrativa e orante. Ao priorizar os símbolos, etapas graduais na fé, assume a característica de um processo iniciático. Em decorrência disso, verifica-se a importância do catequista se capacitar “para acompanhar adultos, jovens e crianças em seu itinerário de fé e para animar a ação catequética em todos os níveis” (LELO, 2009, p. 125).

O novo Diretório para a Catequese, ao apresentar o caminho formativo do cristão, alude às *Catequeses mistagógicas* dos Padres da Igreja, porque estas sempre preservaram o caráter experiencial, sem, contudo, negligenciar a inteligência da fé. O encontro vivo e persuasivo com Cristo anunciado por testemunhas autênticas era determinante. Portanto, aquele que introduz aos mistérios, é, antes de tudo, uma testemunha. “Esse encontro tem sua fonte e seu ápice na celebração da Eucaristia e aprofunda-se na catequese” (DC, 2020, n. 97).

A Encíclica *Sacramentum Caritatis*, do Papa Bento XVI (SCa, n.64), alude à exigência de um itinerário mistagógico que tenha por base uma estrutura fundamental da experiência cristã e propõe, para esse itinerário, três elementos essenciais: interpretação dos ritos, introdução ao sentido dos sinais litúrgicos e apresentação do significado dos ritos para a vida cristã. Vejamos a explicação de cada um deles, a seguir:

interpretação dos ritos à luz dos eventos salvíficos, em conformidade com a Tradição da Igreja, relendo os mistérios da vida de Jesus, particularmente seu mistério pascal, em relação a todo o percurso veterotestamentário;
introdução ao sentido dos sinais litúrgicos, de modo que a catequese mistagógica desperte e eduque a sensibilidade dos fiéis à linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito;
apresentação do significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões, para evidenciar o elo entre a liturgia e a responsabilidade missionária dos fiéis, além de fazer crescer que sua consciência é gradualmente transformada pelos mistérios celebrados (DC, 2020, n. 98).

As catequeses mistagógicas tinham por finalidade introduzir ao mistério, isto é, conduzir aos sacramentos. São catequeses da Igreja das origens, situadas por volta do século IV e ministradas por bispos na Igreja de Jerusalém. Essas catequeses informam-nos que, na noite da Páscoa, novos cristãos nasciam para a

Vida, pelo Batismo, Confirmação e Eucaristia. Na semana seguinte, o Bispo explicava aos recém-nascidos em Cristo (chamados de “neófitos” = neoiluminados) o sentido dos ritos sagrados numa verdadeira catequese sobre os sacramentos recebidos. Havia um detalhe importante: somente era explicado o sentido dos sacramentos após o Batismo, pois os que não eram cristãos não deveriam conhecer os santos mistérios dos cristãos: “Não atireis pérolas aos porcos; não deis aos cães as coisas santas!” – disse o Senhor (CDC, 2018, p. 78).⁸

3.3 ACOMPANHAMENTO DO ADULTO NO ITINERÁRIO DE FÉ E DE INSERÇÃO NA COMUNIDADE

Ao longo deste estudo, mostramos que os objetivos próprios de toda a atividade catequética, direcionada aos adultos, devem favorecer e despertar “conversão, estimular o amadurecimento das atitudes próprias da vida cristã (fé, esperança, amor), contribuir no conhecimento do Mistério de Cristo e educar para um agir cristão na Igreja e na sociedade” (ALBERICH, 2001, p.121). Dessa maneira, a catequese para adultos deverá levar a uma *fé madura e adulta*.

A formação para a maturidade é um importante marco e critério de discernimento da práxis catequética com os adultos. Muitas vezes, a catequese contentou-se em satisfazer a necessidade imediata de muitos adultos, propondo formas de religiosidade funcional e compensatória. Todavia a catequese de adulto exige diversas modalidades: “a *profissão de fé* (o Símbolo); a *liturgia* (os Sacramentos da fé), a *vida do discipulado* (os mandamentos), a *oração cristã* (o Pai-Nosso)”. (DC, 2020, n.189). Essas dimensões são pilares da catequese e paradigma para a formação cristã. Compreende-se também que para a catequese adulta não existe Iniciação à Vida Cristã sem uma experiência individual, comunitária e eclesial. É no seio dessas experiências e na prática da vida cristã que o iniciado à vida cristã adquire novo sentido da fé, da Igreja e do mundo. Deste modo, a catequese com adultos descortina novos horizontes teológico-pastorais e novas modalidades de se fazer catequese. Ademais, a finalidade da catequese é aprofundar e amadurecer a fé do catecúmeno para que ele sinta-se acolhido na

⁸ Centro Catequético Diocesano Osasco, como mencionado no primeiro capítulo.

comunidade cristã. A dimensão eclesial adquire nesse ponto uma importância fundamental, porque, além de mostrar que essa catequese “representa ‘a raiz’ sobre a qual se enxertam todas as relações que estruturam a identidade cristã” (CNBB, 2017, 107, n.105), reafirma o “contínuo retorno ao núcleo do Evangelho (*querigma*), ou seja, ao mistério de Jesus Cristo em sua Páscoa libertadora, vivida e celebrada continuamente na liturgia” (DNC, 2007, n. 33).

Como já acenado no capítulo anterior, no processo iniciático da vida cristã adulta, faz-se necessária uma compreensão maior das dimensões existenciais do adulto para melhor acompanhá-lo e orientá-lo em sua caminhada. É um itinerário que segue a pedagogia da maturidade da fé e na qual o adulto constrói sua opção livre, responsável, comprometida e comprometedora. Nas novas orientações para a Catequese, a idade da vida adulta é compreendida não como no passado, um estado de estabilidade já alcançado, mas um processo contínuo de maturidade e de restauração que:

leva em consideração a evolução da sensibilidade pessoal, das relações, das responsabilidades às quais a pessoa é chamada. Nesse dinamismo vivaz em que se inserem fatores familiares, culturais e sociais, o adulto reformula a própria identidade reagindo aos diferentes momentos de transição que está vivendo. Esta dinâmica de tornar-se adulto também diz respeito à dimensão religiosa, pois o ato de fé é um processo interior intimamente ligado à sua personalidade (DC, 2020, n. 257).

A catequese está intimamente ligada às diferentes dimensões da vida. A consciência do que somos, do que fazemos, do que esperamos e do que oferecemos aos outros depende da nossa educação, de ter aprendido a aprender, dos relacionamentos com os outros e o mundo, da nossa visão de Deus, da nossa vivência da fé e, sobretudo, da nossa capacidade de fazer produzir e multiplicar o que recebemos dos outros. É fundamental considerar também que se chega à fé cristã por meio da graça. A pessoa batizada é aquela que teve um encontro personalizado e decisório com Jesus Cristo que transformou radicalmente sua história e sua vida.

Portanto, nas etapas da vida adulta, a própria fé é chamada a tomar formas diferentes, a evoluir, amadurecer, para que seja uma autêntica resposta às provocações da própria vida. Desta forma, todo possível caminho de fé com os

adultos exige que as experiências de vida sejam levadas em consideração, como também relidas à luz da fé.

Assim, faz parte da fé adulta, por exemplo, empenhar-se pela inviolabilidade da vida humana desde o primeiro momento, opondo-se, de forma radical, ao princípio da violência, precisamente também na defesa das criaturas humanas mais inermes. E, ainda, convém não se deixar transportar aqui e ali por qualquer corrente. A fé adulta opõe-se aos ventos da moda.

As funções especiais da catequese com adultos consistem em suscitar, purificar, alimentar, ajudar a partilhar e alimentar a fé. Vejamos de maneira especificada cada uma destas funções:

suscitar a fé: fomentando um novo início da experiência de crer, [...] tendo em vista a retomada livre e pessoal da motivação inicial, em termos de atração, gosto e vontade;
purificar a fé: de representações religiosas parciais, enganosas ou errôneas, [...] e a decidir-se na busca de uma fé mais autêntica em vista do caminho à plenitude de vida a que o Evangelho chama;
alimentar a fé: também graças a uma vida de relações eclesiais significativas, [...] capazes de dar razão à própria esperança e prontas a um diálogo sereno e inteligente com a cultura contemporânea;
ajudar a partilhar e alimentar a fé: criando espaços de partilha e de serviço na Igreja e no mundo no cumprimento da missão de manifestar o Reino de Deus (DC, 2020, n. 261).

Nesse sentido, a catequese com adultos tem a missão de acompanhar e educar na formação dos traços típicos do cristão adulto na fé, discípulo do Senhor Jesus, dentro de uma comunidade cristã capaz de estar em saída e inserida nas realidades sociais e culturais para o testemunho de fé e do cumprimento do Reino de Deus. Desse modo, as paróquias ou comunidades de fé necessitam de uma organização integrada com a pastoral familiar e juvenil, a fim de integrar as demais dimensões da vida da fé – a experiência litúrgica, o serviço da caridade, a dimensão sociocultural -, amadurecendo, assim, uma certa organicidade da pastoral eclesial.

Como já mencionado, na catequese com adultos, o catequista é presença essencial, pois ele apresenta-se como um acompanhador e educador, apoiando o iniciante nos processos de crescimento pessoal. Em vista disso,

o acompanhador dos adultos, embora em uma relação de sincera fraternidade, conscientemente, mantém uma relação educativa com intenção de facilitar neles uma relação adulta com o Senhor, relações

eclesiais significativas e escolhas de testemunho cristão no mundo. No momento oportuno, o acompanhador será capaz de se afastar, de tal modo incentivando que os sujeitos assumam pessoalmente a responsabilidade por seu caminho de fé (DC, 2020, n. 263).

Logo, o acompanhamento é compreendido como “um olhar do discípulo missionário” (EG, 2013a, n. 50) que, em espírito de fé e em atitude de escuta, acompanha o caminho de crescimento e conversão do batizado. Além disso, a formação na fé é um processo permanente, está sob a guia do Espírito Santo e dá-se no âmbito da comunidade de fé (DC, 2020, n. 131).

Disso advém a necessidade de formação de catequistas, “como verdadeiros *discípulos missionários*, ou seja, sujeitos ativos de evangelização [...] habilitados pela Igreja a comunicar o Evangelho e acompanhar e educar na fé” (DC, 2020, n.132). Acrescenta-se que é de suma importância uma formação específica para os catequistas de adultos a fim de que sejam habilitados a exercerem esse ministério.

Em síntese, a catequese com adultos apresenta-se com uma multiplicidade de formas e ênfases muito diversas:

iniciação à fé; nova iniciação à fé; redescoberta da fé; anúncio da fé; preparação de casais por ocasião do sacramento do matrimônio; aprofundamento da fé; litúrgica; questões morais, culturais ou sociopolíticas que objetivam a participação na vida da sociedade, inspirada na fé; catequese no âmbito da formação específica dos agentes pastorais, que se apresenta como oportunidade privilegiada para os itinerários de fé. (DC, 2020, n. 264).

Deve-se, portanto, reconhecer as contribuições para a formação cristã de adultos, oferecidas pelas associações, movimentos e grupos eclesiais que visam garantir um acompanhamento constante e variado para eles. Com efeito, “é de grande importância que essas realidades apresentem a caminhada de fé como um encontro pessoal com Jesus Cristo, num ambiente de vivência em grupo e relações fraternas” (DC, 2020, n. 265).

3.4 A PRÁTICA DO AMOR NO ITINERÁRIO DA FÉ CRISTÃ

A catequese de Iniciação à Vida Cristã é uma *formação de base essencial, orgânica, sistemática e integral* (grifo do autor) da fé conforme definido pelo Novo

Diretório para a Catequese. Com o termo *base essencial* entende-se “o aprofundamento inicial do querigma que explicita os mistérios fundamentais da fé e dos valores evangélicos basilares” (DC, 2020, n. 71). Nesse sentido, “a catequese lança os fundamentos do edifício espiritual do cristão, alimenta as raízes da sua vida de fé, habilitando-o a receber o sucessivo alimento sólido, na vida ordinária da comunidade cristã” (DGC, 2003, n. 67). A este primeiro elemento acrescenta-se que há necessidade de “uma *formação orgânica*”, coerente e bem ordenada, além do que *sistemática*, pois nenhum processo formativo pode ser improvisado ou ocasional. “A exposição orgânica e sistemática do mistério cristão distingue a catequese das outras formas de anúncio da Palavra de Deus” (DGC, 2003, n. 67). Por fim, a formação para a Iniciação à Vida Cristã deve ser “integral”, enquanto “aprendizado aberto a todos os componentes da vida cristã” (DGC, 2003, n. 67).

Reitera-se, portanto, que uma formação de base essencial, orgânica, sistemática e integral favorece a interiorização e a integração da experiência de vida cristã e “a prática do amor pela Igreja enquanto comunidade de amor” (DCE, 2006, n. 19), característica decisiva da Igreja nas suas origens. Tratava-se de uma *caritas-agape* que se estendia para além das fronteiras da Igreja: “a parábola do bom Samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado encontrado ‘por acaso’ (Lc 10, 31), seja ele quem for”. (DCE, 2006, n. 25b). Este exemplo também é relatado pelo Papa Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. O bom samaritano, “com seus gestos fez ver que ‘a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro’”. (FT, 2020, n. 66).

A alusão à universalidade da caridade faz-nos pensar na natureza íntima da Igreja que resumidamente exprime-se num tríptico dever: “anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade (*diakonia*)” (DCE, 2006, n. 25a). O cumprimento desses deveres tanto da parte da Igreja quanto do discípulo de Jesus é fundamental para o exercício da justiça e da caridade.

Quanto ao anúncio do querigma e primeira evangelização, vimos que deve ser vivido com paciência e perseverança por meio de ações que integrem a

experiência comunitária, o conhecimento, a celebração e o exercício do empenho do cristão no mundo. As celebrações litúrgicas e os estilos de vida comunitária devem levar a uma experiência de contemplação do Mistério de Cristo. “Por isso na Liturgia o mistagogo não fala em nome próprio, mas torna-se eco da Igreja que lhe confiou o que recebeu” (SÍNODO DOS BISPOS, 2004, n. 48). A mistagogia pressupõe o decoro da celebração, dos gestos e dos sentimentos, sobretudo na Celebração dos Sacramentos. Por exemplo, na catequese e na praxe eucarísticas notam-se insistências unilaterais “sobre o carácter convivial da Eucaristia, sobre o sacerdócio comum, sobre o anúncio considerado por si só eficaz, sobre os ritos eucarísticos ecumênicos contrários à fé e à disciplina da Igreja” (SÍNODO DOS BISPOS, 2004, n. 25).

A vida da graça transmite-se através dos sacramentos, mas com mais evidência na Eucaristia, pois, na Eucaristia, a Igreja vive de uma realidade que a precede: “A ação conjunta e indivisível do Filho e do Espírito Santo, que está na origem da Igreja, tanto da sua constituição como da sua continuidade, opera na Eucaristia”. “Portanto, a Igreja não nasce a partir de baixo, porque a *communio* é *graça*, é dom que vem do alto” (SÍNODO DOS BISPOS, 2004, n. 26). Portanto, a dimensão eclesial do processo de Iniciação transforma-se numa formação continuada. As pessoas são iniciadas no Mistério de Cristo e na vida da Igreja, e não ao um curso que termina com a recepção dos sacramentos e nem a uma mera devoção particular. “Quem é iniciado se insere na Igreja e assume os compromissos da missão a que ela se dedica” (CNBB, 2017, 107, n. 94).

Diante disso, no processo de formação continuada, a pessoa é envolvida inteiramente em todas as esferas e dimensões de sua vida. Gradualmente, o iniciado à fé compreenderá que a promessa que Jesus fez aos seus discípulos de permanecer para sempre com eles se repete, também, na sua vida de fé: “‘Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos’ (Mt 28, 20). Não somos nós que O fazemos presente; é Ele que Se faz presente entre nós e assim permanece todos os dias” (SÍNODO DOS BISPOS, 2004, n. 45).

É fundamental para uma experiência mistagógica mostrar para os catecúmenos que os fiéis são instruídos mediante a catequese ligada à Liturgia e, aos iniciados, com a *mistagogia* ou catequese pós-baptismal, a presença

permanente do Mistério de Cristo na própria existência. É fundamental, diante de uma difusa mentalidade neopagã, de tendências agnósticas, mostrar que:

O Senhor caminha com o seu povo; acompanha sempre a missão da Igreja com a sua presença, que nos transforma e nos faz entrar no tempo definitivo (*éschaton*). No início da mistagogia, existe um *encontro* de fé com o Senhor mediante a sua graça. A praxe das Igrejas Orientais de dar a Comunhão às crianças juntamente com o Baptismo e o Crisma está a significar que a *graça* da Eucaristia vem antes de toda a intervenção humana (SÍNODO DOS BISPOS, 2004, n. 47).

O discípulo de Jesus responde, de maneira concreta ao chamado recebido pela graça de Deus. Frente às dificuldades e desafios do mundo, deverá elaborar um novo projeto de vida, fundamentado na proposta do Senhor, na tarefa de edificar o Reino não só no interior de seu coração, mas também na história. Responsabilidade e compromisso são respostas efetivas à dinâmica da qual o iniciante toma consciência e adere livremente. Em síntese, cada interlocutor e toda comunidade, tornam-se atentos aos sinais dos tempos, em busca das respostas existenciais e sociais (CNBB, 2017, 107, n. 134,135).

3.5 PALAVRA QUE ILUMINA O ENCONTRO COM MISTÉRIO DE DEUS

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que “cada Celebração Sacramental – e isto é, a Liturgia – é um lugar privilegiado de oração, do nosso encontro pessoal com o Mistério da Trindade” (CAT, 2000, n. 1153). Para compreendermos a profundidade dessa relação, nossa atenção verte sobre o sentido da Palavra de Deus na vida do iniciante e iniciado e na vida e na missão da Igreja.

Conforme Alberich (2013, p. 156), a palavra de Deus não se limita a um simples ensinamento, mas apresenta-se como uma provocação interpessoal, diante da qual o ser humano não pode ficar passivo e numa escuta descompromissada. Ouvindo o apelo do Senhor, a pessoa sente-se muitas vezes convocada a tomar posição e comprometer-se com o próprio destino. A palavra de Deus é sempre interpelante e exige respostas. Ela é revelação, luz que deve ser recebida; promessa que exige entrega confiante e perseverante; é convite pessoal, e, portanto, compromisso a assumir e deixar-se penetrar; é também plano divino de salvação e,

por isso, julgamento que salva ou condena, a depender de sua aceitação ou de sua recusa.

Na Sagrada Escritura, “a fé se apresenta como entrega religiosa de toda a pessoa e não simplesmente adesão intelectual ou obediência moral, respondendo à natureza dinâmica, vital e pessoal da palavra de Deus” (ALBERICH, 2013, p. 157). A fé bíblica envolve a pessoa toda, com todas as suas faculdades, e convida a responder a Deus que se revela e doa-se, com um movimento global de vontade, inteligência, afetividade e ação.

Por sua Revelação, “o Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém para convidá-los à comunhão consigo e nela os receber” (DV, 2007, n.2) a resposta adequada a isto é a fé (CAT, 2000, n. 142). O Papa Francisco, na Carta *Encíclica Lumen Fidei* (2013b, n. 37), diz que: “quem se abriu ao amor de Deus, acolheu a sua voz e recebeu a sua luz não pode guardar este dom para si mesmo. Uma vez que é escuta e visão, a fé transmite-se também como palavra e como luz”.

A transmissão da fé, que brilha para as pessoas de todos os lugares, passa de geração em geração e é constatado que ela nasce de um encontro que acontece na história e ilumina nosso caminho no tempo. A fé deve ser transmitida ao longo dos séculos, pois é por meio de testemunhos que nos chega o rosto de Jesus. O passado da fé, o ato de amor de Jesus, que gerou no mundo uma vida nova, vem até nós pelas testemunhas, guardado vivo no sujeito único de memória que é a Igreja. A Igreja é a Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé. São João, no seu Evangelho, une conjuntamente fé e memória e associa as duas à ação do Espírito Santo que, como diz Jesus: “há de recordar-vos tudo” (Jo 14,26). “O Amor, que é o Espírito e que habita na Igreja, mantém unidos entre si todos os tempos e faz-nos contemporâneos de Jesus, tornando-se assim o guia do nosso caminho de fé” (LF, 2013b, n.38).

Neste contexto de memória e testemunho, a Igreja transmite o conteúdo da herança da fé, por meio da Tradição Apostólica, com assistência do Espírito Santo. E o que foi transmitido pelos Apóstolos, como afirma o Concílio Ecumênico Vaticano II, “abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja na sua doutrina, vida e culto, perpetuam e

transmitem a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita” (DV, 2007, n. 8).

Para Papa Francisco, a fé tem necessidade de um âmbito em que se possa testemunhar e comunicar, e que seja adequado e proporcionado ao que se comunica. E, para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira:

corpo e espírito, interioridade e relações, este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada em todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, em um tecido de relações comunitárias. Por isso, se é verdade que os sacramentos são os sacramentos da fé, há que afirmar também que a fé tem uma estrutura sacramental; o despertar da fé passa pelo despertar de um novo sentido sacramental na vida do homem e na existência cristã, mostrando como o visível e o material se abre para o mistério do eterno (LF, 2013b, n.40).

De fato, o primeiro caminho para a transmissão da fé é o Sacramento do Batismo. São Paulo recorda-nos que: “Pelo Batismo fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos em uma vida nova” (Rm 6,4); nele, tornamo-nos nova criatura e filhos adotivos de Deus.

No Batismo, o homem recebe também uma doutrina que deve professar e uma forma concreta de vida que requer o envolvimento de toda a sua pessoa. Assim, o Batismo recorda-nos que a fé não é obra do indivíduo isolado, contando com suas próprias forças, mas tem de ser recebida, “entrando na comunhão eclesial que transmite o dom de Deus; ninguém se batiza sozinho, tal como ninguém vem sozinho à existência. Fomos batizados” (LF, 2013b, n.41).

Na Carta Encíclica *Lumen Fidei* (2013b, n. 44), o Papa Francisco vai explanando a importância da natureza sacramental da fé que encontra a sua máxima expressão na Eucaristia. O pontífice diz que “esta é alimento precioso, encontro com Cristo presente de maneira real no seu ato supremo de amor: o dom de si mesmo que gera vida”. Na Eucaristia, encontram-se os dois eixos sobre os quais a fé percorre o seu caminho. O eixo da história: Eucaristia é ato de memória, atualização do mistério, em que o passado como evento da morte e ressurreição, mostra da capacidade de abrir-se para o futuro antecipando a plenitude dos

mistérios da salvação. E o eixo que conduz do mundo visível ao invisível: na Eucaristia, aprendemos a ver a profundidade do real. Pão e vinho transformando-se no Corpo e Sangue de Cristo, que Se faz presente no seu caminho pascal para o Pai. Este movimento introduz-nos, corpo e alma, no movimento de toda a criação para sua plenitude em Deus.

Na celebração dos sacramentos, a Igreja transmite a sua memória com a profissão de fé. Não se trata tanto de prestar assentimento a conjunto de verdades abstratas, como, sobretudo, de fazer a vida toda entrar na comunhão plena com o Deus Vivo. No Credo, o fiel é convidado a entrar no mistério que professa e deixar-se transformar por aquilo que confessa. “Todas as verdades, em que cremos, afirmam o mistério da vida nova de fé como caminho de comunhão com o Deus Vivo” (LF, 2013b, n. 45).

Há mais dois elementos que são essenciais na transmissão fiel da memória da Igreja. O primeiro é a Oração do Senhor, o Pai-Nosso. Nela o cristão aprende a partilhar a sua própria experiência espiritual de Cristo e começa a ver com olhos d’Ele. Igualmente importante é ainda a ligação entre a fé o Decálogo. A fé apresenta-se como uma estrada a percorrer aberta pelo encontro com o Deus que vive.

Por isso, à luz da fé, da entrega total ao Deus que salva, o Decálogo adquire sua verdade mais profunda, contida nas palavras que introduzem os Dez Mandamentos: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito” (Ex 20,2). É um caminho de gratidão, resposta de amor, que é possível porque, na fé, abrimo-nos à experiência do amor de Deus que nos transforma. E este caminho recebe uma luz nova de tudo aquilo que Jesus ensina no “Sermão da Montanha” (Mt, 5-7).

Dessa forma, são apresentados os quatro elementos que resumem o tesouro de memória que a Igreja transmite: a confissão de fé, a celebração dos sacramentos, a oração e o caminho do Decálogo. À volta deles estruturou-se tradicionalmente a catequese da Igreja, como se pode ver no Catecismo da Igreja Católica, instrumento fundamental para aquele ato com que a Igreja comunica o conteúdo inteiro da fé, “tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita” (DV, 2007, n. n.8). (LF, 2013b, n.46).

Assim, a fé cristã é acolhimento do amor de Deus revelado em Jesus Cristo, adesão sincera à sua pessoa e livre decisão de caminhar com Ele. Seguir Jesus Cristo implica “o abandono confiante em Deus (*fides qua*) e o consentimento amoroso a tudo o que Ele nos revelou (*fides quae*).” João (Jo 14,10; 20,31) sintetiza o encontro de Jesus com os seus discípulos no ato de crer. Há no evangelista duas expressões “crer a” Jesus e “crer em” Jesus. “‘cremos a’ Jesus quando aceitamos a sua Palavra, o seu testemunho, porque Ele é verdadeiro (Jo 6,30). ‘Cremos em’ Jesus, quando o acolhemos pessoalmente na nossa vida e nos confiamos a Ele, seguindo-o ao longo do caminho” (Jo 2,11; 6,47; 12,44) (LF, 2013b, n.18), “que dura a vida inteira” (DC, 2020, n. 18).

A fé é ato pessoal, uma resposta à graça de Deus que nos chama à fé, dá-nos a graça de responder continuamente a Ele. Todavia não é uma escolha individual e privada, uma vez que tem um caráter relacional e comunitário. O cristão nasce do seio materno da Igreja. Portanto sua fé é uma participação na fé da eclesial que sempre o precede. O ato pessoal de fé representa a resposta à memória viva de um evento que a Igreja transmitiu-lhe.

Deste modo, a fé do discípulo de Cristo é acesa, sustentada e transmitida somente na comunhão da fé eclesial, na qual o “eu creio” do Batismo conjuga-se com o “nós cremos” de toda a Igreja (CAT, 2000, n. 166-167). Não apenas, mas “cada fiel, portanto, se une à comunidade de discípulos e faz sua a fé da Igreja. Com a Igreja, povo de Deus a caminho na história e sacramento universal de salvação, faz parte de sua missão” (DC, 2020, n. 21).

Assim, o Papa Francisco, na Carta *Encíclica Lumen Fidei* (2013b, n. 6), diz-nos que o Concílio Vaticano II fez brilhar a fé no âmbito da experiência humana, percorrendo os caminhos do homem contemporâneo. Dessa forma, viu-se a catequese colher a Palavra de Deus na Sagrada Escritura e na Tradição, esta Palavra fecundada na Igreja é comunicada e torna-se uma realidade viva, atuante e eficaz (Is 55, 10-11) no iniciante e no iniciado que livremente a acolhe.

Em suma, a catequese de iniciação expressa “a fé contida na memória da história de Deus com as gerações humanas” (DC, 2020, n.113a).

3.6 A FÉ VIVIDA E TESTEMUNHADA A PARTIR DA COMUNIDADE CRISTÃ

A comunidade cristã não só é o espaço natural da catequese com adultos, mas também o ambiente privilegiado para a aprendizagem da fé. A “comunidade é a base recíproca e de ajuda entre féis, onde a fé pode ser vivida (*diaconia*), testemunhada (*martyria*) e celebrada (*liturgia*)” (ALBERICH, 2001, p.160-161).

Por vocação, a comunidade cristã deve favorecer a integração entre os fiéis e apoiá-los ao longo do caminho. Ela representa para o fiel o “ambiente de apoio”, com seu triplo compromisso de sustentar, acompanhar e estar ao lado. Essa função é importante, sobretudo nas fases de transição da vida, que são as que precisamente oferecem à catequese com adultos um terreno privilegiado. É fundamental que a catequese com adultos desenvolva-se dentro da comunidade cristã e não às suas margens. Sendo assim, cria-se um ambiente eclesial com redes transversais, muitas vezes incapazes de responder à missão da Igreja.

O Documento 102 da CNBB, n. 55, falando sobre a identidade, vida e missão da comunidade eclesial, diz o seguinte:

O discípulo missionário de Jesus Cristo, necessariamente, vive sua fé em comunidade (1Pd 2,9-10), em íntima união ou comunhão das pessoas entre si e delas com Deus Trindade. Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã. A comunidade eclesial acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta.

O Papa Francisco, refletindo sobre esta exigência eclesial da fé cristã, ajuda-nos a compreender que: “A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros” (EG, 2013a, n. 88). Por isso, é importante desenvolver uma consciência comunitária, porque “Os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade” (EG, 2013a, n. 92).

A fé cristã supõe o amor, a caridade. A vivência da comunhão com a ressurreição de Jesus, testemunhada pelos apóstolos e pelas primeiras comunidades cristãs, é propulsora de partilha e de atenção às necessidades dos outros. O testemunho pessoal e comunitário dos cristãos sempre será uma Boa

Notícia para todos que não desistem de buscar um sentido grande para a própria vida.

Com efeito, é a “Igreja do Evangelho” que nos ajuda a promover e organizar a catequese com adultos, já que o anúncio da fé faz parte de sua missão. Toda atividade catequética articula-se em torno de três polos: o sujeito (participante), o objeto (conteúdo) e a instituição que com frequência é esquecida na prática. Por meio de suas diretrizes pastorais, a Igreja determina o campo, metas e condições que qualificam e legitimam essa formação cristã como catequese com adultos. Tudo isso assegura à catequese sua dimensão verdadeiramente eclesial.

O iniciado à Vida Cristã precisa sentir-se bem em sua comunidade e descobrir nela a partir de sua adesão, o exemplo concreto do tipo de vida com o qual ele quer se comprometer.

Vejamos o que diz o Diretório Geral para a Catequese sobre a comunidade.

A pedagogia catequética torna-se eficaz, à medida que a comunidade cristã se torna referência concreta e exemplar para o caminho de fé dos indivíduos. ‘Isso ocorre se a comunidade se propõe como fonte, lugar e meta da catequese’. Junto ao anúncio do Evangelho de forma pública e coletiva, permanece sempre indispensável o contato de pessoa a pessoa, a exemplo de Jesus e dos Apóstolos. De tal maneira, é mais facilmente envolvida a consciência pessoal e o dom da fé, como é próprio da ação do Espírito Santo, chega ao sujeito de pessoa a pessoa, e a força de persuasão se faz mais incisiva (EN, 1975, n. 46). (DGC, 2003, n. 158).

Os recém-convertidos, sobretudo jovens e adultos, aderindo a Jesus Cristo, levam à comunidade que os acolhe uma nova riqueza humana e religiosa. Desta forma, a comunidade cresce e desenvolve-se, pois a catequese conduz à maturidade da fé não somente os catequizandos, mas também a própria comunidade (DGC, 2003, n. 221).

Como já dissemos, a fé deve ser professada, celebrada, expressada e vivida sobretudo na comunidade:

A dimensão comunitária não é apenas uma ‘moldura’, um ‘contorno’, mas constitui uma parte integrante da vida cristã, do testemunho e da evangelização. Se expressa no princípio clássico: “*Idem velle atque idem nolle* – querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar” (DCE, 2006, n.17).

Essa tarefa torna-se possível através do cultivo de uma espiritualidade de comunhão, que: colhe no rosto do irmão os sinais da Trindade e da unidade profunda do Corpo místico; partilha alegrias e sofrimentos; cuida das necessidades dos outros e oferece uma verdadeira e profunda amizade. Trata-se de olhar no outro e colher o que há de positivo para valorizá-lo como dom de Deus e, isto ajuda a rejeitar as tentações egoístas que geram competição, carreirismo, desconfiança e inveja (DC, 2020, n.88).

Salienta-se, portanto, que a catequese tem a missão de educar na vida comunitária desenvolvendo o senso de pertencimento à Igreja; educar ao sentido de comunhão e corresponsabilidade eclesial, promovendo o acolhimento do Magistério, comunhão com os pastores, e o diálogo fraterno, contribuindo como sujeitos ativos “para a edificação da comunidade e como discípulos missionários para o seu crescimento” (DC, 2020, n. 89).

A Iniciação à Vida Cristã, por meio do itinerário catecumenal, segundo Nery (2019, p. 332), “leva a experimentar o dom da vida em comunidade por causa do Senhor, através da convivência, corresponsabilidade, doação, vivência da liturgia, encaminhamento vocacional, funções e serviços na gratuidade da dedicação”. Progressivamente, a Igreja local constitui-se numa assembleia de pequenas comunidades cálidas, apoiando-se mutuamente, a partir da vivência do Evangelho. Convém, portanto, que ela vá fortalecendo-se pela meditação e pela leitura orante da Palavra de Deus, criando laços de fraternidade, engajamento de atividades que favoreçam a dinâmica da vida da Igreja Local. Também é preciso voltar-se, para o serviço missionário, priorizando ações associadas diretamente à dimensão social.

A fé autêntica exige mudança de vida, com critérios “evangélicos de pensar, analisar, ver e agir, segundo a visão teológica denominada opção fundamental de vida” (NERY, 2019, p. 330). Este autor revela ainda que São Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (n.18), apresenta a necessidade de atingir as raízes do ser humano, da cultura, da organização e do funcionamento da sociedade:

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e, pelo seu influxo, transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: ‘Eis que faço de novo todas as coisas’ No entanto, não haverá humanidade nova, se não houver,

em primeiro lugar, homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho.

Desta forma, os que desejam a vivência da fé cristã devem procurar estabelecer uma dinâmica de vida de modo positivo, em direção ao Senhor, aos outros e ao Reino, afastando-se do pecado. Para isso, faz-se necessário desenvolver em si a capacidade de perdoar, de pedir perdão e de acolher a misericórdia de Deus e dos outros. Na realidade, é preciso desenvolver o espírito de fraternidade com os que pensam diferente estabelecendo uma convivência ecumênica, e um diálogo respeitoso com todas as religiões e todas as pessoas preocupadas com a paz, justiça e salvaguarda da natureza. “Uma pessoa verdadeiramente convertida, além de comunicar paz interior e amor, compromete-se com a proposta de um mundo justo e solidário. Não há conversão sem consequências na vida prática” (NERY, 2019, p. 331).

O encontro com Cristo envolve a pessoa em sua totalidade: coração, mente e sentido. Isso não diz respeito somente à mente, mas também ao corpo e, sobretudo, ao coração. Nesse sentido, a catequese, que auxilia na interiorização da fé, contribui imensamente para o encontro com Cristo. Ela não está sozinha no caminho para atingir esse objetivo. A essa finalidade estão incluídas as demais dimensões da vida da fé: a experiência litúrgica-sacramental, as relações afetivas, a vida comunitária e o serviço aos irmãos e irmãs, que são elementos essenciais para o nascimento do homem novo (Ef 4,24) e para transformação espiritual pessoal (Rm 12,2). (DC, 2020, n. 76).

3.6.1 Um Processo de Formação Permanente

O fiel renascido pelos sacramentos recebidos e inserido na comunidade de fé tem por compromisso viver em um estado de conversão. Em essência, trata-se de interiorizar a mensagem cristã, por meio desse dinamismo da catequese que, na progressão, sabe integrar a escuta, o discernimento e a purificação. Essa ação, na catequese, não se limita ao fiel individual, mas é indicada para a toda a comunidade cristã a fim de que seja assegurado o empenho missionário da evangelização. “A catequese incentiva também a inserção dos indivíduos e da comunidade no contexto

social e cultural, auxiliando na leitura cristã da história e favorecendo o compromisso social dos cristãos” (DC, 2020, n. 73).

O novo Diretório para a Catequese também apresenta elementos essenciais sobre o serviço da educação permanente da fé, que está em relação às diversas dimensões da vida cristã, conforme demonstra o fragmento a seguir:

Catequese e Sagrada Escritura (grifo do autor) é essencial para progredir na vida de fé, [...] e assim, ‘encorajar o conhecimento das figuras, acontecimentos e expressões fundamentais do texto Sagrado’ (VD, n.74); *Catequese, liturgia e sacramentos*: a catequese está orientada para a celebração litúrgica, é necessária uma catequese que prepare para os sacramentos, quanto uma catequese mistagógica que favoreça uma compreensão e uma experiência mais profunda da liturgia; *Catequese, caridade e testemunho*: enquanto a catequese, como ressonância do Evangelho, molda a caridade, a ação caritativa é parte integrante do anúncio na catequese. A caridade não é somente um sinal de aceitação do evangelho, mas também uma maneira privilegiada de ter acesso a ele: ‘todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus’ (1Jo 4,7). (DC, 2020, n. 74).

Segundo Reinert (2015, p. 191), “há uma relação muito próxima entre formação inicial e formação permanente da fé”. Essa relação não pode ser vista como elementos distintos, entretanto, como continuidade necessária de um único processo no qual toda a comunidade cristã encontra-se, em diferentes níveis, enquanto contínuos iniciantes no Mistério. No pensamento desse autor, a iniciação à vida cristã, entendida como mergulho no mistério, não se conclui com a recepção dos sacramentos. Tornar-se adulto na fé é um processo que vai além do catecumenato, pois é necessária a continuidade da formação e vivência da fé.

Vejamos, a seguir, uma breve reflexão sobre a Paróquia, local também destinado à catequese.

3.6.2 Paróquia Espaço da Comunidade Cristã

A paróquia, assim como a catequese, desenvolveu-se ao longo da história da Igreja. Alguns acontecimentos históricos foram determinantes para seu surgimento, como a origem de sua instituição paroquial no século IV, entre eles o “Edito de Milão, de Constantino em 313, que reconhece o cristianismo como religião lícita, e

mais tarde, em 381, Teodósio oficializa o cristianismo como religião do Império” (REINERT, 2015, p.115).

Conforme esse autor, antes do nascimento da paróquia, a Igreja organizava-se nas casas, igrejas domésticas (*domus Ecclesiae*), segundo atestam as fontes neotestamentárias. A primeira comunidade cristã surgiu em Jerusalém, fundada na proclamação da Palavra pelos apóstolos (At 2,42-47; 4,32-37), com a pregação de Cristo ressuscitado, vivência na comunidade de fé, caridade, oração, celebração e missão (At 6,4; 9,40; 12,12; 8,15; 10,9). São Paulo foi o grande propagador da forma de ser Igreja na origem do cristianismo, simplesmente com o termo “casa”.

Da Igreja das casas, a estruturação da paróquia remete ao século IV, quando o cristianismo experimenta um aumento do número de fiéis, conforme abordagem anterior. Até o século III, os lugares de culto eram realizados nas casas à disposição para a reunião da assembleia. “É no século seguinte que surgem as paróquias e no século V ocorreu seu florescimento” (REINERT, 2015, p. 122). Com cristãos em massa, apoiados por Constantino, a Igreja recebe basílicas e constrói outras. Como ilustração, na sede episcopal de Antioquia, em 340, celebrou-se a consagração de uma majestosa basílica construída pelo imperador Constantino e seu filho (REINERT, 2015).

No século X, a paróquia atravessa uma séria crise política. Inserida totalmente no espírito da cristandade, a paróquia cai sob o domínio dos feudos, onde, arbitrariamente, os senhores feudais multiplicavam as paróquias, nomeando párocos com interesses de obter vantagens.

O Papa Gregório VII “foi quem se esforçou para libertar a paróquia do domínio feudal e da simonia, entretanto, ela não recuperou sua vitalidade pastoral” (REINERT, 2015, p. 123). No século XII, os mosteiros e a vida religiosa tornaram-se o centro irradiador da fé cristã, com um impulso renovador. No século XIII, apareceram os mendicantes, com Francisco de Assis e Domingo. Nessa época, a paróquia exercia uma função mais administrativa do que pastoral.

O Concílio de Trento reforçou a centralidade da paróquia na vida da Igreja, motivando ao máximo a criação de novas paróquias, para atender as demandas. Diante disso,

afirma-se a divisão do território da diocese em paróquias, com limites geográficos, sacerdote próprio, modificando a relação entre cidade e Igreja, mantida nas comunidades primitivas. Os religiosos nesta época entram no coração das cidades. O Código de Direito Canônico de 1917, no cânon I, vai confirmar a divisão (REINERT, 2015, p.124).

Percorrendo a história, verifica-se que, no Brasil, no fim do Império, as Ordens Religiosas entram em decadência. “Em 1855, o decreto imperial fecha os noviciados, ficando a paróquia como única presença da Igreja católica nas cidades do interior” (REINERT, 2015, p. 124). Os vigários, então, dedicam-se exclusivamente às questões administrativas e mal cumprem os atos de preceitos religiosos.

A partir do Concílio Vaticano II, as paróquias ganham mais atenção e cresce a percepção da urgência de sua renovação. “Vários são os documentos conciliares e pós-conciliares que tratam da temática da vida paroquial” (REINERT, 2015, p.124). Enfim, o importante é perceber que a atual instituição paroquial é resultado de mutações históricas.

Desde sua origem, a paróquia, teve um “papel fundamental na vida dos cristãos e no desenvolvimento pastoral da Igreja”, e coloca-se numa exigência missionária precisa: aproximar o Evangelho do povo por meio do anúncio da fé e da celebração dos sacramentos (CNBB, Instrução Pastoral, 2020, n.6-7).

Em tempos atuais, a paróquia é chamada para adequar seu dinamismo às necessidades dos fiéis e das transformações históricas, com renovado entusiasmo, permitindo “redescobrir a vocação de cada batizado a ser discípulo de Jesus e missionário do Evangelho, à luz dos documentos do Concílio Vaticano II e do sucessivo Magistério”. O Papa Francisco recorda que, “por meio de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização” (EG, 2013a, n. 28). (CNBB, Instrução Pastoral, 2020, n.11,12).

O Diretório Geral para a Catequese (2003, n. 257) descreve a paróquia como ambiente de catequese, ou seja,

é o lugar mais significativo, no qual se forma e se manifesta a comunidade cristã. Esta é chamada a ser uma casa de família, fraterna e acolhedora, onde os cristãos tornam-se conscientes de ser Povo de Deus. A paróquia, de fato, congrega num todo as diversas diferenças nela existentes, inserindo-as na universalidade da Igreja. Ela é, por outro lado, o ambiente ordinário no qual se nasce e se cresce na fé. Constitui, por isso, um espaço comunitário muito adequado a fim de que o ministério da Palavra realizado

nesta, seja, contemporaneamente ensinamento, educação e experiência vital.

Alguns elementos também são necessários para a catequese atingir toda eficácia na missão evangelizadora da paróquia: a catequese de adultos deve assumir um papel mais prioritário; lançar o anúncio, com coragem aos que estão distantes e àqueles que vivem em situações de indiferença religiosa; como “referência para a catequese paroquial, é necessária a presença de um núcleo comunitário constituído por cristãos já iniciados na fé, aos quais reservar uma solicitude pastoral adequada e diferenciada” (DGC, 2003, n. 257).

Esse objetivo poderá ser mais facilmente atingido, se for promovida, nas paróquias, a formação de pequenas comunidades eclesiais. “Se estas condições relativas principalmente aos adultos são realizadas, a catequese infantil e de adolescentes, receberá grandes benefícios” (DGC, 2003, n. 258).

Enfim, a paróquia convocada pelo Espírito Santo tem a missão de fazer ressoar a Palavra de Deus com renovado entusiasmo missionário. Para isso, é necessário que a paróquia se torne um lugar do encontro, da solidariedade, da comunhão e da unidade mesmo em meio a diversidade de sentimentos e estilos. Na missão de evangelizar, “a Igreja começa por evangelizar a si mesma” já dizia a *Evangelii Nuntiandi*, no seu número 15. “Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno” (EN, 1975, n.15), todas, sem exclusão são chamadas a acreditar, “as razões de suas esperanças e o mandamento do novo amor”, [...] todas são chamadas a anunciar o Evangelho (DC, 2020, n. 28).

Paralelamente a isso, é fundamental cultivar as comunidades de fé, pois nestas faz-se possível o encontro para a partilha de vida, à luz da Palavra de Deus, a oração, a experiência de fé e a prática da caridade cristã. Em síntese, a catequese com os adultos, recebeu um grande avanço com o Novo Diretório para a Catequese, que coloca no centro dessa experiência o anúncio *querigmático* trinitário e uma prática do amor na comunidade de fé e na experiência concreta da existência humana, razão pela qual enfatiza-se o papel da paróquia em fazer ressoar a Palavra de Deus com renovado entusiasmo missionário. Ao catequista compete acompanhar os adultos dentro da comunidade conduzindo-os ao acolhimento de uma adesão

livre ao querigma e aprofundamento da fé. A catequese, portanto, torna-se uma experiência concreta na vida das pessoas do Mistério de Cristo e da Igreja.

No próximo capítulo, abordaremos o tema da mistagogia como processo de conduzir, guiar para dentro do Mistério, dos Segredos de Deus. O sentido e o valor deste tempo vêm da experiência, pessoal e nova, tanto dos sacramentos como da comunidade. Ser cristão é, portanto, um dom, pois Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo.

4 A MISTAGOGIA E O CAMINHO NA FÉ

Buscando nas fontes mais antigas e primeiras da tradição eclesial, nos deparamos com uma experiência de iniciação à fé cristã que nos auxiliará na compreensão dos caminhos e desafios da evangelização: é a experiência mistagógica, presente desde os primeiros tempos do Cristianismo e sistematizada, sobretudo no catecumenato dos séculos III e IV.

Naquele momento do catecumenato primitivo, a mistagogia era considerada como um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé e privilegiava o trabalho de iniciação à vida cristã. “A catequese mistagógica orientava-se à instrução dos neófitos, como um percurso de introdução à fé, incluindo o catecumenato e a instrução batismal” (DGC, 2003, n. 88). É importante, todavia, observar que, para os Padres da Igreja, na categoria de neófitos estão não apenas os recém batizados, mas todos os fiéis. “Esta abrangência tem por base a compreensão de que a graça da fé e a conversão pessoal ao seguimento de Jesus pertencem a uma dinâmica que percorre toda a vida, o que faz com que durante toda a vida sejamos neófitos” (TABORDA, 2001, p. 26).

Busca-se, portanto, neste capítulo, analisar a mistagogia em consonância com a experiência catecumental da igreja nascente, considerando que a mistagogia deve estar presente em todo o processo de evangelização, pois é ela que orienta para que esta tarefa não se detenha numa doutrinação ou num ensino, mas conduza os fiéis para a vivência sacramental.

Sendo assim, a mistagogia revela-nos a verdadeira compreensão da ação evangelizadora, como mediadora da dinâmica salvífica em permanente diálogo com Deus, pela mediação da oração, pela celebração comunitária, pela proclamação da Palavra de Deus. O Novo Diretório para a Catequese (2020) enfatiza que as ações evangelizadoras de iniciação e orientação à vida cristã vem sendo objeto de atenção, de estudos e de avaliação pela Igreja. Realça a importância da Igreja, inspira-se na pedagogia de iniciação inspirada no itinerário catecumental para responder “com sabedoria pastoral à pluralidade de situações” (DC, 2020, n. 65). O itinerário pedagógico oferecido à comunidade eclesial deve levar ao encontro pessoal com Jesus Cristo por meio da Palavra de Deus, da ação litúrgica e da

caridade. Tudo isso, deve estar integrado com todas as dimensões da pessoa. Portanto a mistagogia, deve “guiar os fiéis à alegre descoberta da Palavra e da morte e Ressurreição de seu Senhor Jesus, a que o Espírito do Pai lhes introduziu” (DC, 2020, n. 291).

Assim, tratar da experiência mistagógica pela via dos Sacramentos é uma arte de conduzir os fiéis para dentro do mistério celebrado, revelando-o através de cada rito e gesto. Dessa maneira, busca-se averiguar o conceito de mistagogia partir da linha do seguimento de Jesus Cristo. A experiência mistagógica vivida nos séculos III e IV, especialmente com Cirilo de Jerusalém, poderá tornar-se fontal e orientadora de categorias que dialoguem com as comunidades de fé contemporâneas.

Sendo, a mistagogia um caminho de introdução à experiência com Cristo, pelo Espírito, destinado aos cristãos batizados, que já passaram pela iluminação interior, busca-se refletir sobre a função pedagógica de auxílio interpretativo das marcas de Deus na vida de cada pessoa. Trata-se, portanto, de aprofundar o modo como poderemos ler, compreender e interpretar a presença da graça divina na história e no coração humano. Por essa razão, enfatiza-se, neste capítulo, que não se trata de por o neófito ou a comunidade cristã de batizados em relação com uma doutrina, mas com uma pessoa, Jesus de Nazaré.

4.1 JESUS CRISTO, PRIMEIRO MISTAGOGO

Apresentar Jesus mestre, educador e mistagogo, é caminhar com Ele fazendo a experiência que ensinou aos seus discípulos, as pessoas que encontrou pelo caminho anunciando o reino de Deus. Jesus tinha um modo especial de ensinar, utilizava-se dos recursos do momento e lugar: na montanha, na beira do mar, na planície, nas casas, com as crianças, à beira do poço, natureza, na agricultura, com os camponeses, escrevendo na areia. Jesus ouvia, olhava, sentia e caminhava com seus discípulos.

Assim, seguindo os passos de Jesus na explicação dos seus mistérios, “a catequese para tornar inteligível a mensagem cristã, precisa valorizar a experiência humana, que continua como mediação prioritária no acesso à verdade da Revelação” (DC, 2020, n. 200).

Como vimos no capítulo anterior, a pedagogia de Jesus é marcada pela proximidade, pelo encontro pessoal e pelo conhecimento do contexto em que a pessoa está inserida. Cada diálogo, cada escolha simbólica, cada palavra aparece adequada ao contexto e ao grupo humano com o qual ele se encontrava. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* exorta que o anúncio de Jesus, a proclamação do Reino não se realiza apenas por palavras, mas também com sinais:

Ele realiza igualmente esta proclamação com sinais inumeráveis que provocam a estupefação das multidões e, ao mesmo tempo, as arrastam para junto dele, para o ver, para o escutar e para se deixarem transformar por ele: enfermos curados, água transformada em vinho, pão multiplicado e mortos que tornam à vida. Entre todos os demais, há um sinal a que ele reconhece uma grande importância: os pequeninos, os pobres são evangelizados, tornam-se seus discípulos, reúnem-se 'em seu nome' na grande comunidade daqueles que acreditam nele. Efetivamente, aquele Jesus que declarava 'Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus' [...], é o mesmo Jesus do qual o evangelista São João dizia que ele tinha vindo e devia morrer 'para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos' [...]. Assim, aperfeiçoou ele a sua revelação, completando-a e confirmando-a com toda a manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, com sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e com a sua ressurreição e com o envio do Espírito de verdade (EN, 1975, n. 12).

Aos seus discípulos, Jesus dedicou maior atenção a sua formação, apresentando-se a eles como único mestre, mas também como amigo fiel e paciente (Jo 15,15; Mc 9,33-37; 10,41-45). Dialogando com eles e explicando detalhadamente, o que Ele ensinava às multidões (Mc 4,34; Lc 12,41). Conduziu-os à oração (Lc 11,1-2). Enviando-os em missão (Lc 10,1-20). Prometeu o Espírito Santo (Jo 16,13). Ele ensinou a verdade ao longo de toda a sua vida. Na forma de Jesus relacionar-se com os discípulos estão presentes os traços de sua pedagogia. “Jesus sabe acolher e, ao mesmo tempo, provocar a mulher Samaritana em um caminho de gradual acolhimento da graça e da disponibilidade à conversão” (DC, 2020, n. 160).

Para a experiência dos discípulos foram fundamentais também as aparições de Jesus depois da sua morte. Assim, as aparições de Jesus a testemunhas escolhidas, como Maria Madalena, a Pedro e aos outros discípulos mostram que é o ressuscitado que se manifesta através delas e, portanto, que sua experiência não é um sonho, nem uma alucinação nem uma visão imaginária, mas antes uma verdadeira aparição do Cristo ressuscitado em forma corporal. O motivo da aparição

de Jesus ressuscitado, na ordem da fé, é mais do que um acontecimento histórico: “é um acontecimento pelo qual Deus mergulha na história humana, um acontecimento no qual Jesus de Nazaré é transformado pelo Espírito de Deus e levado para a própria vida de Deus” (DORÉ, 2020, p. 701).

O relato dos dois discípulos a caminho de Emaús (Lc 21-13-35, mostra que “os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer”, frase que ecoa as palavras ditas por Jesus a seus discípulos a respeito de sua Paixão e de sua ressurreição (Jo, 21,20-23). Embora o ressuscitado esteja no meio deles, os dois discípulos não o reconhecem porque não compreendem as Escrituras, segundo as quais o Messias devia sofrer e morrer e entrar na glória (Jo, 21, 24-25).

Os discípulos reconhecem Jesus somente depois que terminam o relato. “Eles não creram espontaneamente ao ver o Ressuscitado: foi preciso recordar as Escrituras e realizar o gesto do pão partilhado e compartilhado” (DORÉ, 2020, p. 704). Jesus ao encontrar-se com os discípulos de Emaús, “caminha, dialoga, divide suas dores. Ao mesmo tempo, provoca à abertura do coração, conduz à experiência da eucaristia e abre os olhos para reconhecê-lo; por fim, Ele os deixa para abrir espaço à iniciativa missionária dos discípulos” (DC, 2020, n. 160).

O relato dos discípulos de Emaús é profundamente teológico, pois leva os discípulos a rememorar as Palavras de Jesus e compreender o sentido das Escrituras. Nos gestos de Jesus, eles reconhecem seu Senhor. A experiência de partilhar a vida é sentida com os discípulos de Emaús que caminham tristes, sem esperança com a morte de Jesus. No momento em que o Ressuscitado faz companhia a estes, cria-se um processo de motivação da fé a ponte de fazer arder os corações e perceber Jesus na partilha dos pães, numa verdadeira mistagogia.

A mistagogia nessa perspectiva se torna um caminho a ser conhecido e trilhado. O seguimento é o eixo que norteia a mensagem de Jesus, pois agora os discípulos têm condições reais de contemplarem Jesus em sua vida. O seguimento de Jesus é atitude vital para aqueles que desejam e aderem à sua pessoa e mensagem, existe uma mística e uma prática, partindo do próprio Jesus, e uma espiritualidade que inspira o cristão em suas ações e atitudes, seja na vida pessoal, como também no seguimento e na missão de testemunhar Jesus ao mundo (COSTA, 2014, p. 90).

Conforme Costa (2014), em relação à dimensão mística da experiência religiosa, Jesus Cristo, o Filho Unigênito do Pai, é aquele que melhor compreendeu e viveu e, por isso mesmo, nos revelou o rosto do Pai e seu projeto de amor. Assim, também, aprender com Jesus o tempo necessário para que a experiência mística seja interiorizada, vivida profundamente, respeitando traços pessoais, história, cultura e linguagem, é aprender a maestria da Revelação divina e conhecer seu projeto de amor para cada um de nós.

Esse caminho vai projetando um novo homem, uma nova mulher. A mistagogia presente nas atitudes de Jesus procede de uma fecunda intimidade com o Pai, de um diálogo profundo consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo. Através dessa experiência mística, Jesus convoca e conduz ao Mistério que ele mesmo vivencia. Apresenta mediações com a sensibilidade, o amor e a misericórdia de quem respeita o processo da experiência de fé para cada pessoa e comunidade. É presença, orientação, perdão e impulso firme e exigente na direção da Boa-Nova que vem anunciar.

Com base nessas considerações e conhecedores das ações pedagógicas de Jesus, é possível afirmar que a mistagogia tem um objetivo, uma meta: conduzir o iniciado a uma experiência pessoal de Deus, estruturada em Jesus Cristo (COSTA, 2014, p. 91).

4.2 ITINERÁRIO MISTAGÓGICO E EXPERIÊNCIA CRISTÃ DA FÉ

A mistagogia vem a ser, portanto, um carisma no âmbito da Igreja, que comporta a dimensão teológica própria da dinâmica da Revelação e Fé, como também o processo pedagógico da Revelação na história da salvação. Esta concepção patrística continua a ser fonte de luz para a evangelização atual e para a própria catequese de iniciação (DGC, 2003, n. 89).

Na perspectiva do catecumenato primitivo, podemos perceber algumas constantes da ação salvífica no relacionamento de Deus com seu povo. Estas são indicadoras da presença de uma pedagogia de Deus na dinâmica da Revelação e que sempre orientam a Igreja nos processos de evangelização. Um dos indicadores neste processo é o tema da iniciativa gratuita de Deus. Deus revela-se a si mesmo,

na sua autocomunicação: aproxima-se das pessoas na sua realidade concreta, mas por iniciativa própria. “A pedagogia divina é a pedagogia do dom, é a pedagogia da gratuidade, da graça salvífica oferecida” (MIRANDA, 1980, p. 45). À iniciativa gratuita de Deus o ser humano responde mediante a sua abertura, oferecida através do acolhimento do “anúncio querigmático, que prossegue por uma trajetória de formação, discernimento, aprofundamento e conformação processual da própria vida e da vida comunitária ao projeto divino” (COSTA, 2014, p. 146).

Assim, a pessoa ao aproximar-se do rosto divino e de seu projeto, vai aprofundando o mistério de sua vida na pedagogia divina da encarnação. Esta proximidade divino-humana tem sua manifestação plena na encarnação do Filho de Deus, o qual compartilha em tudo nossa condição humana, menos no pecado (Hb 4,15). Deste modo, o iniciante orientado pelo Espírito, vai refazendo o caminho e avançando gradualmente, e, aproximando-se do mistério central da salvação – Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição – e nele, o mistério trinitário (LIBÂNIO, 2012, p. 163-193).

Outro indicador é a autocomunicação divina que fala pelos fatos, sinais, palavras e gestos que pronunciam o invisível no visível, em toda a Criação. O cuidado com a adequação da linguagem e a escolha dos conteúdos “são fatores determinantes para comunicar os dados da fé cristã, como também a comunicação gestual, corporal e simbólica presentes na dimensão litúrgica e celebrativa da catequese mistagógica” (COSTA, 2014, p. 148). Estas atitudes constantes, que serviram como pontos comuns de referência no anúncio apostólico e na Igreja nascente, podem ser restabelecidas hoje como linhas básicas do processo catequético catecumenal, dentro de uma pluralidade de circunstâncias, métodos e instrumentos. Seja qual for a etapa do processo catequético, é fundamental iniciar à experiência mistagógica, pois o conhecimento e a mensagem aplicada provocam mudanças na pessoa, transformando seu ser e seu agir. Trata-se de uma experiência de fé que vai se refletindo na própria vida, transformando a existência e o comportamento.

A mistagogia é caminho e

abertura para o diálogo do iniciante com toda a História da Salvação, com o encontro com Jesus Cristo e a experiência das primeiras comunidades. É meio de conhecimento do processo pedagógico da Revelação e de amor e

respeito pela Tradição. É diálogo constante, sensível e fecundante de novas respostas e possibilidades (COSTA, 2014, p. 149).

Na essência dessas orientações catequéticas, encontra-se a experiência da vida cristã, como um caminho no qual a pessoa é iniciada por Deus, que é Mistério. Como ilustração, segue um trecho das Catequeses de Cirilo aos neófitos, confirmando a vida nova para quem acolhe a mensagem salvífica.

Passei agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado (PRIMEIRA CATEQUESE MISTAGÓGICA AOS RECÉM-ILUMINADOS, n.3 *apud* COSTA, 2014, p. 150).

Na esteira do pensamento dessa autora, o processo de iniciação e itinerário pedagógico tem por objetivo conduzir a pessoa a uma experiência de fé, de maneira que ela possa encontrar sua identidade cristã e seu ritmo de crescimento. É importante considerar que o tempo do catecumenato tem uma sua estrutura própria, podendo ser adaptado de acordo com o desempenho do candidato. O catecumenato é o resultado de um percurso de fé pessoal e comunitário constituído desde o momento da iniciação até o prolongar-se por toda a vida do cristão. Deste modo, os princípios teológicos e pedagógicos são fundamentais e permeiam a prática catecumenal mistagógica que norteia a integração profunda entre fé e vida (COSTA, 2014, p. 150).

O catecumenato é para Cirilo de Jerusalém uma vivência mistagógica, um tempo em que o Senhor convida para uma mudança de vida. O texto, a seguir, retrata a alegria daquele que se revestiu com as vestimentas da salvação.

Por isso também Salomão, aludindo a essa graça, disse: 'Vem, come teu pão com alegria', o pão espiritual. "Vem", designa o apelo salutar e que faz bem-aventurado. 'E bebê, de bom coração, o teu vinho', o vinho espiritual. 'Derrama o óleo sobre a tua cabeça. Traje sempre vestes brancas, já que Deus sempre favorece as tuas obras'. Pois agora Deus se agradou de tuas obras. Antes de te aproximares da graça, eram tuas obras ' vaidade das vaidades'. Todavia agora, despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco. Não dizemos isso absolutamente porque é preciso estar trajado de branco, mas porque deves, em realidade, revestir a veste branca, brilhante e espiritual, a fim de dizeres com o bem-aventurado Isaías: "Com grande alegria me rejubilei no senhor, porque me fez revestir a vestimenta da

salvação e me cobriu com a túnica da alegria” (CM IV,8) (*apud* COSTA, 2015, p.84).

Nesse sentido, a catequese mistagógica deve procurar despertar a sensibilidade dos iniciantes para que estes compreendam a linguagem dos símbolos e dos gestos, educando-os para uma fé adulta e que sejam capazes de testemunhar em seu próprio ambiente a esperança cristã que os entusiasma. É do encontro de Cristo com o homem que parte um itinerário de conhecimento transformando-se em experiência de fé: “Onde moras? [...] E ficaram com ele” (Jo 1,38-39). (CDC, 2018, p. 81). Esta passagem é bastante significativa, pois por meio dela se pode compreender que Jesus está sempre presente na vida e na missão de cada um.

4.2.1 A Inserção dos adultos aos Sacramentos da Iniciação Cristã

O processo de conversão configura a pessoa como um novo ser, uma nova criatura (2 Cor 5,17), reorganiza a hierarquia de valores, modifica atitudes cotidianas e projetos pessoais e comunitários. Em suma, o seguimento de Jesus, torna-se uma resposta concreta, torna-se testemunho vivo da vida nova que brota de seu agir e de suas orientações. O seguidor de Jesus é também testemunha da fé no Senhor ressuscitado. Apresentamos a seguir alguns pontos práticos no acolhimento dos adultos que se aproxima da Igreja para um caminho de fé.

A imersão no mistério de Cristo mediante a Igreja se dá através dos processos de iniciação, conforme já dissemos. “Mais do que entrar na Igreja, o crente é acolhido por ela” (CNBB, 2017, 107, n.105). Por isso, aquele que busca Jesus precisa viver uma experiência eclesial forte e atraente. Os motivos pelos quais homens e mulheres procuram a Igreja são diversos. Portanto, a Igreja deve ser “uma mãe de coração aberto” (EG, 2013a, 46) para saber acolher aquele/a que se põe a caminho para se encontrar com o Mistério de Cristo.

Sabe-se que existe uma fé escondida em cada coração humano, uma fé ingênua, que necessita ser revelada. Muitas vezes, as pessoas procuram por um caminho imediato tal como a recepção do sacramento. Todavia, observa-se naquele que procura o sacramento traços de um cristianismo doutrinário. A primeira aproximação acontece seja por um convite para ser padrinho ou madrinha de

batismo, seja pela proximidade do sacramento do matrimônio que se descobriu a catequese incompleta, ou uma força motivadora dentro de si que busca essa complementaridade. Alguns passaram por outras experiências evangelizadoras, outros apresentam uma recordação do que aprenderam na infância, houve desistências no meio do caminho, transparecendo em alguns casos o constrangimento ao buscar a catequese na idade adulta.

A partir destas constatações, o Catecismo da Igreja Católica, vem em nossa ajuda e nos ilumina afirmando em seu primeiro capítulo, que “o homem é capaz de Deus”, ou seja, o desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e “Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar” (CAT, 2000, n. 27).

Em decorrência disso, a Igreja acolhe homens e mulheres para que através do processo de iniciação possam sentir-se parte integrante da comunidade. Cabe à comunidade e aos catequistas acolher com alegria, conhecer seu interlocutor que vem com suas esperanças, angústias, histórias de vida. A comunidade por sua vez deve “escutar, na comunicação com o outro” é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um encontro espiritual (EG, 2013a, n. 171). É a partir desta escuta respeitosa e compassiva que se estabelece caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus.

A comunidade através de um acolhimento fraterno e inclusivo vai enriquecendo as formas de amizade e amor em corações que se deixam completar. O Papa Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* (2020) recomenda abrir nossa teia de relações e alude que o vínculo de amor fraterno “está orientado para abrir o coração em redor para nos tornar capazes de sair de nós mesmos até acolher a todos” (FT, 2020, n. 89).

Por outro lado, faz-se necessário considerar as orientações canônicas e pastorais, que apontam para recepção dos sacramentos. Estas orientações devem ser apresentadas com muita caridade fraterna e misericordiosa ao longo do processo catequético, onde o iniciante possa sentir-se acolhido por Jesus e pela Igreja.

Deste modo, a figura do introdutor e catequista deve estar bem orientada a fim de acolherem e acompanharem aqueles que procuram aproximar-se ou reaproximar-se da Igreja. Assim, compreende-se que o processo iniciático que culmina nos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, insere o fiel no mistério de Cristo e da Igreja, a partir de sua adesão e livre resposta, com sentimento de acolhida.

4.2.2 Os Sacramentos da Iniciação Cristã

Consideramos até aqui o nexos profundo que existe entre a realidade dos sacramentos da iniciação e o itinerário catecumenal que a eles conduz. Vimos que os processos iniciáticos que culminam nos Sacramentos da Iniciação Cristã introduzem no mistério de Cristo e da Igreja. Constatamos a necessidade de recuperar a unidade pastoral entre os três sacramentos: Batismo, Crisma e Eucaristia. “São integrados no mesmo caminho de fé, como experiência vital e de crescimento no seio de uma comunidade eclesial” (CNBB, 2017, 107, n. 126). Tudo isso leva a pensar num processo mais unitário do percurso da Iniciação cristã. A partir destes pressupostos, teceremos algumas considerações sobre os sacramentos da Iniciação cristã.

Os sacramentos da iniciação cristã são, essencialmente, “um contato entre a Igreja, Cristo e um novo membro que começa a tocar e ser tocado por Cristo e pela Igreja” (GRILLO, 2017, p. 57). E, através dos sacramentos da iniciação cristã, que são lançados os fundamentos de toda vida cristã, para que o iniciante construindo seu caminho torne-se discípulo missionário.

Os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã levam a saborear e são tesouros da vida divina. Portanto, os sacramentos levam:

a participação na natureza divina, que os homens recebem como dom mediante a graça de Cristo, apresenta certa analogia com a origem, o desenvolvimento e a sustentação da vida natural. Os fiéis, de fato, renascidos no Batismo, são fortalecidos pelo Sacramento da Confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia. Assim, por efeito destes sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade (CAT, 2000, n. 1212).

Na continuidade dessa reflexão, Goerdet (2004, p. 26) ressalta que “a iniciação cristã tem elementos comuns a esse processo: linguagem, dinâmica, itinerários e pessoas”. Apresenta verdades fundamentais da fé e conteúdos centrais. Além de desenvolver costumes e ritos ligados à vida, reúne o sistema simbólico proposto, aceito, vivido e celebrado.

Contudo, o autor assevera que existem elementos específicos, próprios da iniciação. Primeiramente o conteúdo: quem deseja tornar-se cristão não se inicia num mistério qualquer, mas no mistério pascal de Cristo. Não se inicia em qualquer deus, senão no Deus de Jesus Cristo. Assume a vida nova no Espírito, integrando-se à história da salvação fundamentada na livre e gratuita manifestação de Deus, que deseja salvar a humanidade através de Jesus Cristo e no seu Espírito, com o cenário de uma nova vida. Em segundo lugar, as mediações são realizadas através da Igreja, Corpo de Cristo e templo do Espírito Santo.

Assim, a atitude de fé e participação exigidas do iniciante tem caráter específico, incluindo conversão. Por fim, não se pode reduzir a iniciação a um simples itinerário didático nem a mero ritual jurídico de pertença a uma comunidade religiosa. Pelo contrário: pela iniciação o ser humano insere-se numa nova vida, proporciona-lhe escolha de fé, para que possa viver como Filho de Deus e ser integrado numa comunidade que o acolhe como membro (batismo), orientando-o para o testemunho (crisma) e o nutre com o pão da palavra e da vida eterna (eucaristia).

Os três momentos pelos quais o fiel é renascido, fortalecido pelo Espírito e alimentado à mesa celeste, “não são suficientes para o itinerário de crescimento na fé: os demais sacramentos, a seu modo, contribuem para o amadurecimento cristão” (GOERDET, 2004, p. 26).

Nessa perspectiva, o Catecismo da Igreja Católica, em seu parágrafo n. 1123, diz que:

os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e ainda o culto a ser prestado a Deus. Sendo sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem a fé, mas, por palavras e coisas, também a alimentam, a fortalecem e a exprimem. Por esta razão são chamados sacramentos da fé.

Para a compreensão do sacramento ainda se faz necessária outra distinção. Na visão de Nocke e Schneider (2012, p. 191):

enquanto no plano jurídico, no qual o sinal realizador exemplo, a assinatura de um contrato, a entrega de um documento, primeiramente gera a realidade sinalizada, vale na esfera do mais pessoal, no aperto de mão reconciliador, no abraço amoroso, que a realidade sinalizada já tem que ser dada, pelo menos de modo rudimentar, também antes da realização do sinal, para que ela possa realizar-se e, na realização, crescer, e criar maior comprometimento. Gestos são eficientes, não, porém, de modo mágico, como por encanto. O sinal exterior não substitui o engajamento interior, muito antes, permite que o que está por dentro se manifeste, trazendo-o para fora.

Nesse sentido, os sacramentos podem ser entendidos como:

símbolos reais, sinais realizadores. Num rito de iniciação (que novamente representa um conjunto de gestos: saudação, confissão de fé, ablução, unção...) a Igreja exprime e realiza a admissão de novos membros, exprimem e realizam os candidatos à admissão sua fé em Cristo e sua filiação à comunidade dos crentes. Na celebração de uma ceia representa-se como também se realiza, aprofunda e renova comunhão (com Cristo e com os demais). (NOCKE, SCHNEIDER, 2012, p. 192).

Borobio (2009, p. 103) assevera que a palavra “sacramento” evoca espontaneamente os ritos sacramentais da Igreja: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Ordem, Matrimônio e Unção dos Enfermos. No entanto, há que qualifique estes ritos de “sacramento”. Todavia, desde a primeira tradição da Igreja, com a palavra “*sacramentum* se designava de muitas outras realidades: Cristo, a Igreja, a Escritura, a Páscoa, o altar, a consagração de virgens, os tempos litúrgicos, a vida cristã, a própria realidade criada”.

Por outro lado, com o Concílio Vaticano II, a palavra “sacramento” veio a ser empregada para designar de modo especial realidades tais como: “Cristo, a Igreja e de um modo mais amplo o homem e o mundo” (BOROBIO, 2009, p. 103). Pode-se chamar a esse conjunto de realidades sacramentais de “organismo sacramental pleno”; mesmo mantendo ainda suas nuances diferenciais e específicas, elas coincidem substancialmente com os elementos próprios da sacramentalidade, apoiando-se e explicando-se mutuamente. Por isso, para compreender os sete sacramentos da Igreja é preciso situá-los na relação e no marco das outras realidades sacramentais.

A partir das contribuições de Nocke e Schneider (2012, p. 192), pode-se compreender também o Sacramento como “palavra criadora de realidade”. Com o Movimento litúrgico e o movimento bíblico, mas, sobretudo, com o diálogo ecumênico entre as Igrejas da Reforma, compreendeu-se a definição dos sacramentos não apenas como sinais, mas também à luz da teologia da palavra. Na dogmática católica, a teologia da palavra desenvolveu-se somente nas últimas décadas e pôde apoiar-se vastamente no testemunho bíblico: o que na tradição da doutrina católica tem como enunciado básico sobre a natureza do sacramento, a saber, que ele efetua o que designa, “a Bíblia afirma claramente a respeito da palavra, tanto a respeito palavra de Deus quanto a respeito das palavras humanas, nas quais a palavra de Deus se manifesta” (NOCKE; SCHNEIDER, 2012, p. 193).

A palavra de Deus é palavra criadora (Gn 1,3-6, Is 48,13, Sl 33,9, Rm 4,17). Ela é palavra criadora de relação: com a palavra do Sinai, Deus institui sua aliança com Israel (Ex 19,3; 20,23). A palavra atinge seres humanos, transformando-os, vencendo os resistentes, de modo que “têm que” ser profetas (Jr 1,4-9; Ez 2,1-3,3). A palavra profética tem parte no poder transformador, criador, de realidade da palavra de Deus: “Como a chuva e a neve cai do céu e não retorna para lá, mas rega a terra e a faz germinar e brotar [...], a mesma coisa acontece com a palavra; ela não volta para mim, mas efetua o que quer e alcança tudo para que a envie” (Is, 55,10s).

Os textos do Concílio Vaticano II marcam uma reorientação, comparados com a questão mencionada anteriormente. A *Constituição Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia, faz referência a diferentes modos da presença de Jesus em sua Igreja e coloca-as lado a lado: “Presente está pela Sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza. Presente está pela Sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja” (SC, 2007, n. 7). A *Constituição Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, cunha a fórmula da “mesa da palavra de Deus bem como do corpo de Cristo” (DV, 2007, n. 21). Ela chama a palavra de Deus de “força de Deus para a salvação” (DV, 2007, n. 17), fala do “poder e da eficácia” presente na palavra de Deus, “que ela constitui sustentáculo e vigor para a Igreja, e, para seus filhos, firmeza de fé, alimento da alma, pura e perene fonte da vida espiritual” (DV, 2007, n. 21) e exige

uma “acrescida veneração pela palavra de Deus” (DV, 2007, n. 26). (NOCKE; SCHNEIDER, 2012, p. 194).

Cabe ainda enfatizar que a estrutura sacramental se manifesta através da história, desenvolvendo-se por “uma correspondência e complementaridade entre palavra e sinal, entre anúncio profético e acontecimento salvífico, entre promessa e realização” (BOROBIO, 1990, p. 295). Estes dois elementos se esclarecem e se fortalecem desde o seu início. Se a palavra ilumina e descobre o sentido da ação, esta confirma e realiza toda a eficácia da palavra. De alguma maneira, as palavras têm caráter de ação, pois cumprem o que dizem, e, os sinais têm, em alguma medida, caráter de palavra, porque revelam o poder e a glória de Deus.

Em suma, pode-se aplicar a todos os sacramentos um conceito amplo de sacramento: “manifestação visível de um mistério ou dom invisível de Deus”. (BOROBIO, 2009, p. 104). Assim, os sacramentos da iniciação cristã, expressam na sua unidade indissolúvel, “a unidade da obra trinitária” (CNBB, 2017, 107, n. 91) e, “proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura, no exercício de sua missão de povo cristão no mundo e na Igreja” (CNBB, 2017, 107, n. 128).

Esses são alguns indicadores que nos motivam a reconhecer a importância de um itinerário mistagógico sacramental, caracterizado pelo constante desejo de conhecer e amar a Deus. “Porque Deus sendo amor nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro” (CNBB, 2017, 107, n. 56). Portanto, todo processo de Iniciação à Vida Cristã deve levar a uma experiência de e com Deus.

O Documento 107, da CNBB, em seus parágrafos 80 e 81, ressalta que o mergulho no mistério de Deus, norteador de todo processo iniciático, tem um caráter profundamente simbólico. O “símbolo” aponta para o “algo mais” que a relação entre duas ou mais pessoas pode produzir e comunicar.

No campo religioso, os símbolos são realidades sensíveis utilizadas para produzir um envolvimento pessoal e comunitário, que com as realidades transcendentais e invisíveis, e, através do simbólico, as pessoas podem sentir-se comprometidas com esse mistério, que envolve as coisas, o ser humano e o próprio Deus.

4.2.3 Experiência da Fé: símbolos e sinais litúrgicos

Conforme descrito nas seções anteriores, percebe-se que a retomada do “Ritual da Iniciação Cristã de Adultos” – RICA, estabeleceu com grande êxito no último século a redescoberta da tradição litúrgica e sacramental para a vida cristã. Conforme Grillo (2017, p.78), no RICA encontra-se a grande “interpretação da liturgia cristã, com toda a sua riqueza de sinais, espaços, tempos, de linguagens, o *critério hermenêutico e interpretativo* (grifo do autor) de toda a pastoral litúrgica”. Este modelo de referência, do rito de iniciação dos homens e mulheres adultos, é a prática do catecumenato antigo. Porém, o rito atual quer mostrar quais são os itinerários ordinários com os quais se alcança a identidade cristã e eclesial. São respostas que a Igreja oferece em e para um mundo “pós-tradicional”, para repropor a própria tradição deixando-se interrogar pelas novas formas de vida e pensamento,

o fato de que após muitos séculos, entrem novamente para a Igreja ‘homens e mulheres adultos’ constitui não somente o sinal de uma crise, mas também uma grande e histórica oportunidade para a própria Igreja, que nisso pode recuperar uma plenitude de experiência da própria relação ritual e litúrgica com o Senhor Jesus (GRILLO, 2017, p. 78).

A partir desses pressupostos, compreende-se o termo “conversão pastoral” como uma necessidade estrutural da Igreja contemporânea: ela deve mudar para permanecer a mesma, recuperando uma autenticidade mais profunda, fundamentada e fiel. No processo da iniciação, isso indica reconduzir as prioridades ao seu lugar, dando atenção para que o secundário não se torne o primário. No campo da “conversão pastoral”, é preciso considerar, de forma adequada, como os endurecimentos de caráter dogmático-disciplinar ou ético-espiritual formam constituem verdadeiros obstáculos para a retomada de sentido das ações simbólicas de iniciação. Sem desvalorizar toda a importância dessas “abstrações de verdade e de lei”, a Igreja deve saber novamente deixar-se doar a própria identidade em um percurso narrativo e simbólico do Senhor Jesus que dela se aproxima (GRILLO, 2017, p.79).

Do mesmo modo, a catequese tem a missão de introduzir o iniciando na compreensão e na experiência das celebrações litúrgicas, aos sacramentos e à vida sacramental, em especial, ao sacramento da Eucaristia, ápice da vida e missão da

Igreja. Através dos Sacramentos celebrados na liturgia, faz-se memória daquele “que é anunciado pela Igreja” (DC, 2020, n. 81).

A catequese também educa para o sentido das celebrações litúrgicas, para o sentido do ano litúrgico e ajuda a valorizar a fé e a piedade popular.

Alegria pelo caráter festivo das celebrações, o sentido comunitário, a escuta atenta da Palavra de Deus, a oração confiante, o louvor e a ação de graças e a sensibilidade aos símbolos e sinais. Por meio da participação consciente e ativa nas celebrações litúrgicas, a catequese também educa a compreensão do ano litúrgico, verdadeiro mestre da fé, e do significado do Domingo, dia do Senhor e da comunidade cristã. A catequese ainda ajuda a valorizar as expressões de fé da piedade popular (DC, 2020, n. 82).

A experiência catecumenal é estruturada por símbolos, ritos e celebrações, que tocam os sentidos e afetos. Nesta perspectiva, a catequese, graças ao “uso de símbolos eloquentes” e por meio de “uma renovada valorização dos sinais litúrgicos” (EG, 2013a, n.166), “pode atender as inquietudes da geração contemporânea, que normalmente considera somente as experiências que a tocam em sua corporeidade e afetividade” (DC, 2020, n. 64).

Por conseguinte, as celebrações têm sentido e significado que perpassam o momento celebrativo. Através de sua natureza simbólica, o rito mexe com sentimentos, e quando bem celebrado leva a pessoa a experimentar o belo, o mistério de amor divino que envolve todas as coisas.

Conforme Paro (2018, p. 86), “a partir do visível, ritos e símbolos, comunica-se uma realidade invisível escondida em cada gesto, ação, palavra ou elemento”. Esta comunicação é realizada de forma gradual, em que um rito ou símbolo vai levando o outro. Entretanto, para que as celebrações de fato se tornem um momento de mistagogia, devem ser bem preparadas e celebradas.

Esse autor explica que para existir uma catequese mistagógica é preciso, primeiramente, conscientizar e iniciar aqueles que cuidam, preparam e presidem as celebrações dos sacramentos e sacramentais, para que estas não sejam apenas mero cumprimento de um rito, mas verdadeira celebração do mistério de Cristo, em que os sinais sensíveis atinjam os fiéis a partir da corporeidade e revelem o invisível presente.

Desta forma, com sua linguagem ritual expressa simbolicamente nas ações

de Deus na história, a liturgia se comunicará eficazmente e revelará seu sentido e significado preservado ao longo da história, que permite fazer memória destes acontecimentos e junto deles participar, introduzindo o iniciado nos mistérios das celebrações litúrgicas. Nesse sentido, “é de fundamental importância uma Iniciação Cristã que eduque para uma sensibilidade simbólico-ritual, preparando os iniciantes para as celebrações” (PARO, 2018, p. 86).

A seguir refletiremos sobre os elementos que constituem o ritual dos sacramentos da Iniciação Cristã, enfatizando o significado dos símbolos e sinais presentes nos sacramentos. O Diretório Nacional de Catequese em seu parágrafo n. 116, diz: “aquilo que não é celebrado não pode ser aprendido em sua profundidade e em seu significado para a vida”, assim catequese e liturgia em conjunto caminham para a experiência mistagógica.

4.2.3.1 Renascidos em Cristo - Batismo

O Catecismo da Igreja Católica em seu parágrafo 1247 descreve que desde a origem da Igreja, o Batismo de Adultos é a situação mais normal nas terras onde o anúncio do Evangelho é ainda recente. O catecumenato (preparação para o Batismo) ocupa então um lugar importante. Sendo iniciação à fé e à vida cristã deve dispor para o acolhimento do dom de Deus no Batismo, na Confirmação e na Eucaristia.

O Código de Direito Canônico (Cân. 849) afirma que:

O batismo, porta dos sacramentos, em realidade ou ao menos em desejo necessário para a salvação, pelo qual os homens e mulheres se libertam dos pecados, são de novo gerados como filhos de Deus e se incorporam à Igreja, configurados com Cristo por caráter indelével, só se administra validamente pela ablução com água verdadeira, juntamente com a devida forma verbal.

A partir daí, elencamos o significado e a graça do sacramento do Batismo que aparecem nos ritos de sua celebração, conforme o Catecismo da Igreja Católica (n. 1234).

O anúncio da Palavra de Deus ilumina [...] e suscita a resposta da fé, inseparável do Batismo [...]. (CAT n. 1236)

A unção com o óleo dos catecúmenos ou com a imposição das mãos [...] assim preparado, pode confessar a fé da Igreja, à qual será “confiado” pelo Batismo (CAT 2000, n. 1237).

A água batismal [...] os que forem batizados nela “nasçam da água e do Espírito” (Jo 3,5) (CAT 2000, n. 1238).

Segue o rito essencial do sacramento do Batismo, [...] Na Igreja latina, esta tríplice infusão é acompanhada das palavras do ministro:
“N...., eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (CAT, 2000, n. 1239-1240).

A unção com o santo crisma, óleo perfumado, [...] Ele tornou-se um cristão, [...] incorporado a Cristo, que é ungido sacerdote, projeta e rei (CAT, 2000, n. 1241).

A veste branca simboliza que o batizado “vestiu-se de Cristo” [...]. A vela, acesa no Círio Pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. [...] Pode agora rezar a oração dos filhos de Deus: o Pai-Nosso (CAT, 2000, n. 1243).

Vale ressaltar que o símbolo das “trevas e da luz” conforme descreve Borobio (2009, p. 183) é comum nas diversas religiões e culturas. No Antigo Testamento, emprega-se este símbolo, sendo um dos momentos marcantes que é da coluna de fogo no deserto (Ex 19,16 ss.).

Já no Novo Testamento o evangelista João é quem mais utilizará o símbolo da luz e das trevas. Cristo é a luz verdadeira que ilumina todo o homem vindo a este mundo (Jo 1,9). Ele é a luz do mundo, e quem o segue não anda nas trevas (Jo 8,12).

Não é, portanto, estranho que a comunidade primitiva desse a Cristo ressuscitado o nome de ‘Sol da Justiça’, ou chamasse o dia da Páscoa da ressurreição o “dia da luz, dia do sol’ (Justino). Mais ainda, ao longo do ano litúrgico há uma noite que se destaca por esse simbolismo: a Vigília Pascal. Nela o povo congregado acende o fogo novo e do fogo novo se acende o círio pascal, símbolo da ressurreição, como nova criação de todas as coisas em Cristo. Por isso se canta ‘Ó luz gloriosa [...]’ É justamente a Vigília Pascal o momento privilegiado para o Batismo, para a iniciação dos que seguiram o longo catecumenato (BOROBIO, 2009, p. 183).

Assim, da igreja nascente, até hoje, o símbolo do círio é utilizado no Batismo, como símbolo da luz e da vida, da ressurreição e da iluminação pascal da qual participam os novos batizados.

4.2.3.2 Confirmados na Fé - Confirmação

Para Pagnussat (2018), pela unção do crisma, o eleito é confirmado na fé e participa do sacerdócio real da comunidade dos batizados, para formar o povo de Deus. Se o Batismo torna o neófito membro do povo sacerdotal, o Crisma irá, pela força do Espírito Santo, torná-lo membro ativo para edificar o Corpo de Cristo. Continuando sua reflexão, o sacramento da confirmação ou crisma deve ser visto e aprofundado em relação ao Batismo conforme afirma o RICA em seu parágrafo n. 33: “A unção do crisma depois do Batismo significa o sacerdócio real dos batizados e sua integração no povo de Deus” (PAGNUSSAT, 2018, p. 29).

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, em seu parágrafo n. 1293, para o rito do sacramento do crisma

convém considerar o sinal da unção e aquilo que designa e imprime: o selo espiritual. A unção, no simbolismo bíblico e antigo, é rica de significados: o óleo é sinal de abundância e de alegria, [...], de cura [...] e faz irradiar beleza, saúde e força. Todos esses significados da unção com óleo voltam a encontrar-se na vida sacramental. A unção antes do Batismo, [...]. depois do Batismo, [...]. Pela Confirmação, os cristãos, [...] da missão de Jesus [...] exale o “bom odor de Cristo” (CAT, 2000, n. 1294).

No rito latino, o sacramento da Confirmação é conferido pela unção do santo crisma na fronte do confirmando, com o sinal da cruz e feita a imposição das mãos, e por estas palavras: “N.... recebe ‘por este sinal, o selo do Espírito Santo, o dom de Deus’ (CAT, 2000, n. 1300).

O Confirmado responde: Amém. Quem preside diz: A Paz esteja contigo: O Confirmado responde: E contigo também.

Como o Batismo, [...] a Confirmação é dada só uma vez, [...], o “caráter” que é o sinal de que Jesus Cristo assinalou um cristão com o selo de seu Espírito, revestindo-o da força do alto para ser sua testemunha (CAT, 2000, n. 1304).

Para o Código de Direito Canônico, ministro da Confirmação é o Bispo: “O ministro ordinário da Confirmação é o Bispo; administra validamente este sacramento também o presbítero que tem essa faculdade em virtude do direito universal ou de concessão especial da autoridade competente” (CIC, cân. 882).

Com a celebração do Sacramento da confirmação, o cristão é plenamente inserido no Cristo ressuscitado. “O óleo sela esse dom, torna-o visível. Vale recordar ainda o bom perfume que exala do óleo; com ele, o cristão é chamado a ser, pelo

bom odor das boas obras, testemunha da verdade e ainda “para Deus o bom odor de Cristo” (2 Cor 2,15)” (PARO, 2018, p. 69).

De acordo com Borobio (2009, p. 221), a Confirmação é um acontecimento eclesial por excelência como indicam os sinais de que consta. Para esta celebração exige-se que seja uma autêntica participação comunitária, por todos os que se sentem pertencentes à Igreja, a qual, é representada por essa comunidade concreta. Dessa maneira, a Confirmação é um acontecimento pentecostal, novo chamado à missão, renovação das tarefas e compromissos da fé para toda a comunidade. Assim sendo, a preparação para a celebração da crisma exige ambientação, preparação e uma verdadeira animação da própria comunidade. É através de gestos que isso pode ser expresso, desde a forma de participar, a acolhida do Bispo, a felicitação e apoio aos confirmandos e se for o caso, a confraternização numa simples ágape (BOROBIO, 2009, p. 221). Por conseguinte, todos esses sinais e símbolos enriquecem cada vez mais as celebrações que bem preparadas, trazem um novo vigor para a comunidade.

4.2.3.3 Nutridos em Cristo – Eucaristia

Delineamos primeiramente alguns pressupostos teóricos sobre o sacramento da Eucaristia. Em suas considerações Belloso (2055, p. 185), afirma que a Eucaristia é a fonte e o centro da vida de Deus oferecida aos homens, considerando que a “eucaristia faz a Igreja”: constitui o povo como Igreja de Deus, ungida pelo Espírito Santo. É o manancial do amor que Deus tem por nós, para que lhe devolvamos amor com amor e para que exercitemos o amor fraterno. O autor assevera também, que a Eucaristia é o eixo vertebral da pastoral da Igreja e de sua missão evangelizadora, e norteador de toda comunidade eclesial. A Eucaristia é o cume da vida cristã, porque é a comunhão mais plena com Cristo, nossa vida.

Partindo das reflexões sobre a simbologia dos sacramentos, e continuando com o exposto no Catecismo da Igreja Católica, vejamos o que ele diz:

o sacramento da Santa Eucaristia conclui a etapa da iniciação cristã. Os que foram elevados à dignidade do sacerdócio régio pelo Batismo e configurados mais profundamente a Cristo pela Confirmação, estes por

meio da Eucaristia, participam com toda a comunidade do próprio sacrifício do Senhor (CAT, n. 1323)

A riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diversos nomes que lhe são dados, evocando significações próprias, conforme segue:

A Eucaristia é ação de graças a Deus. As palavras “*eucharistein*” (Lc 22,19; 1Cor 11,24) e “*eulogein*” (Mt 26,26; Mc 14,22) lembram as bênçãos judaicas que proclamam [...] as obras de Deus, a criação, a redenção e santificação (CAT, 2000, n. 1328).

Ceia do Senhor, trata da ceia que o Senhor fez com seus discípulos [...], Fração do Pão, [...] quando da ocasião da Última ceia. É por este gesto que os discípulos o reconhecerão [...] e os primeiros cristãos designarão suas assembleias eucarísticas. Assembleia eucarística, porque a Eucaristia é celebrada na assembleia dos fiéis, expressão visível da Igreja (CAT, 2000, n. 1329).

Memorial da Paixão e da Ressurreição do Senhor. Santo Sacrifício, [...] e inclui a oferenda da Igreja; sacrifício de louvor (Hb 13,15), [...]. Fala-se também do Santíssimo Sacramento, porque é o sacramento dos sacramentos. Com esta denominação designam-se as espécies eucarísticas guardadas no tabernáculo (CAT, 2000, n. 1330).

Comunhão, porque é por este sacramento que nos unimos a Cristo, que nos torna participantes de seu Corpo e de seu Sangue para formarmos um só corpo. (CAT, n. 1331).

Santa Missa, porque a liturgia na qual se realizou o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis para a missão, para que cumpram a vontade de Deus em sua vida cotidiana (CAT, 2000, n. 1332).

Conforme Borobio (2009, p. 267), o pão e vinho são símbolos que se relacionam com o divino, como apresentados nos banquetes sagrados dos gregos ou na refeição e benção pascal dos judeus. Cristo assumiu o pão e o vinho como símbolos do banquete eucarístico não por casualidade. Um banquete não é ato isolado, é festa em comunhão que reúne a família, os amigos, convidados e a comunidade.

A Eucaristia repete-se e estrutura-se da seguinte forma:

sobre os gestos que Cristo mesmo realizou na última ceia, conforme a sequência: Jesus se reuniu e dialogou com seus discípulos = assembleia e Palavra; Jesus tomou o pão e o vinho = preparação das oferendas; Jesus rendeu graças e pronunciou – oração eucarística; Jesus partiu o pão = fração do pão e preparação para a comunhão; Jesus o deu a seus discípulos = comunhão (BOROBIO, 2009, p. 267).

É interessante ressaltar, segundo Paro (2018, p. 77) que, em diversas religiões, encontram-se comidas sagradas, “mas em nenhuma delas dá-se tanta ênfase ao comer e beber como no cristianismo”. Na Bíblia, há 400 passagens com referência ao pão e 443, ao vinho. Há um forte simbolismo no pão e no vinho, no comer e no beber. É um simbolismo humano, Cristo os escolhe por sua capacidade expressiva e acessível em nível antropológico. Por ser um alimento, a comida é fonte de vida. Partindo disso, Jesus enfatiza que Ele é o verdadeiro alimento. Ademais, suscitam-nos observar a relação do homem com a natureza: são elementos da terra, dons da criação. Ao dom da terra, acrescentam-se o esforço e o trabalho do homem. Lembremos as palavras ditas pelo presidente durante a preparação da mesa:

Bendito sejas, Senhor Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano [...], ‘Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira e do trabalho humano’ (MR, n. 19-21⁹; PARO, 2018, p.78).

O banquete demonstra ainda relação de unidade e amizade que gera felicidade: comer em grupo, com amigos, família, sempre foi e continua sendo um gesto simbólico expressivo de solidariedade que produz um ambiente de conversação, comunicação interpessoal, reconciliação.

Como ilustração,

Por isso, muito antes que se fale da Eucaristia, ou que se exija da comunidade cristã que a celebra uma fraternidade crescente, já Cristo, nas páginas do Evangelho, utiliza com frequência a linguagem dessas comidas em comum. Às vezes, senta-se à mesa em casa de amigos (Lázaro, Mateus), outras em casa de fariseus (Simão), mas também em casa dos pecadores, aos quais quer transmitir sua palavra de salvação (Zaqueu) (ALDAZÁBAL, 2005, p.221).

Finalizando, Paro (2017, p. 79) apresenta ainda um belo paralelo entre a passagem que inicia o Antigo Testamento, no livro do Gênesis 2,17, com a proibição “não comerás”, tendo como consequência a morte, e, no Novo Testamento, com a nova criação redimida, o mandato “Tomai e comei” e a promessa do Evangelho: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna” (Jo 6,54). Esta é a mistagogia eucarística.

⁹ Missal de Romano

Dessa maneira a liturgia vai conduzindo a um caminho de integração em muitos níveis: entre caminho e meta, entre desejo e realização, entre humano e divino, sempre possíveis por meio de uma participação existencialmente engajada. As ações litúrgicas são princípios mistagógicos, pois mobilizam a pessoa e a assembleia tanto como mediações para o encontro com o Mistério, como por tornarem presente à consciência e à realidade o Mistério pascal. Assim sendo, não estamos diante de uma imposição, mas de um convite. Cada pessoa é convidada a fazer este caminho, a decidir livremente por esta acolhida do Mistério na sua vida por intermédio da comunidade, que é a Igreja.

Seguindo os passos de Cirilo de Jerusalém, compreendemos a Liturgia como princípio mistagógico não apenas por princípio ativo – o mistério pascal de Cristo, mas porque, a partir deste princípio, ela mobiliza todas as demais dimensões para uma mistagogia viva: a escuta da Palavra, a integração da pessoa inteira no Mistério da Salvação, a integração das relações fundamentais da pessoa (consigo, com os outros, com o mundo, com Deus), a revisão e mudança de vida, a partilha, o testemunho comunitário e o envio à missão.

Vale a pena citar o texto de Cirilo sobre a Eucaristia.

Ao te aproximares da comunhão, não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faz com a mão esquerda um trono para a direita, como quem deve receber um Rei no côncavo da mão espalmada, recebe o corpo de Cristo, dizendo: 'Amém'. Com segurança, então, santificando teus olhos pelo contato do corpo sagrado, toma-o e cuida de nada se perder. Pois se algo perderes é como se tivesses perdido um dos próprios membros. Dize-me: se alguém te oferecesse lâminas de ouro, não as guardarias com toda segurança, cuidando que nada delas se perdessem e fosses prejudicado? Não cuidarás, pois com muito mais segurança de um objeto mais precioso que ouro e pedras preciosas, para dele não perderes uma migalha sequer? Depois de teres comungado o corpo de Cristo, aproxima-te também do cálice do seu sangue. Não estendas as mãos, mas inclina-te e, num gesto de adoração e respeito, dize 'amém'. Santifica-te tomando também o sangue de Cristo. E enquanto teus lábios ainda estão úmidos, roça-os de leve com tuas mãos e santifica teus olhos, tua fronte e teus outros sentidos. Depois, ao esperares as orações finais, rende graças a Deus que te julgou digno de tamanhos mistérios (CM V,21-22) (*apud* COSTA, 2015, p. 98).

Assim, ao receber os sacramentos da Iniciação Cristã, os iniciados participarão do tempo da mistagogia, tempo em que irão aprofundar os conhecimentos sobre o Mistério celebrado, percebendo o sentido dos símbolos e sinais experimentados na celebração litúrgica, os quais poderão conduzi-los para

uma experiência profunda e transformadora desse encontro com Cristo em seus corações. Neste processo, o catequista mistagogo possui a missão de acompanhar aqueles que desejam ser inseridos no Mistério de Cristo e da Igreja.

4.3 CATEQUISTA MISTAGOGO

Com a renovação dos métodos catequéticos, a catequese de inspiração catecumenal, trouxe um novo perfil de catequista. O catequista mestre e mistagogo, aquele que é chamado a introduzir no mistério de Deus, revelado na Páscoa de Cristo;

enquanto ícone de Jesus Mestre, o catequista tem a dupla missão de transmitir o conteúdo da fé e de conduzir ao mistério da mesma fé. O catequista é chamado a se abrir à verdade sobre a pessoa humana e sobre a sua vocação última, comunicando o conhecimento de Cristo e, ao mesmo tempo, introduzindo às várias dimensões da vida cristã, revelando os mistérios da salvação contidos no depósito da fé e atualizados na liturgia da Igreja (DC, 2020, n. 113b).

Nessa perspectiva, Lima (2016, p. 261-262) assevera que o “catequista mais que um pedagogo, é um mistagogo, aquele que conduz cada vez mais o neófito mais e mais na descoberta de Jesus, seu Evangelho e sua Igreja”. Mas, é também aquele que é chamado a abrir-se a verdade sobre a pessoa humana, acolhendo-a na sua situação. Como processo metodológico, a mistagogia educa na fé através dos sinais da liturgia, e especificamente o significado dos sacramentos que são os mistérios da fé, que contém e realizam em nós a salvação. Deste modo, a mistagogia ou catequese mistagógica pode alargar seu “sentido também para toda exposição da fé cristã por intermédio dos sinais, símbolos, das artes, sobretudo da pintura e da música” (LIMA, 2016, p. 262).

Entretanto, apesar de muitos avanços, existe a necessidade da interação entre liturgia e catequese, como acontecia nas primeiras comunidades. O desafio é que os catequistas precisam de formação litúrgica, caso contrário, dificilmente serão verdadeiros mistagogos no sentido que essa palavra possui. Estende-se também este desafio às equipes de liturgia que devem auxiliar a compreensão e significado dos gestos litúrgicos, ritos, sinais, orações “para que nesse processo iniciático as celebrações sejam bem realizadas e vivenciadas” (LIMA, 2016, p. 265).

Para efeitos de metodologia catequética, vale destacar segundo o Diretório Nacional de Catequese, parágrafo n. 152, que “o método da catequese é fundamentalmente o caminho do seguimento de Jesus” (Mt 16,24; Lc 9,23; Jo 14,5). Mais além, cita o método ver-julgar-agir que por experiência e tradição da pastoral latino-americana, tem trazido segurança e eficácia na educação da fé, que responde as necessidades e desafios vividos pelo nosso povo. Entre nós o termo julgar está sendo substituído por iluminar. No processo do ver-iluminar-agir, acrescentaram-se o celebrar e o rever (DNC, 2007, n. 157).

Vejamos:

VER é um olhar crítico e concreto a partir da realidade da pessoa, dos acontecimentos e dos fatos da vida [...] O ver cristão já traz em si a iluminação da fé (DNC, 2007, n. 158).

ILUMINAR é o momento de escutar a Palavra de Deus. Implica reflexão e o estudo que iluminam [...] o catequista cresce na capacidade de questionar a realidade (DNC, 2007, n. 159).

AGIR é o momento de tomar decisões, [...] é compromisso de viver como irmãos [...] que com princípios e critérios expostos no Compêndio da Doutrina Social de Igreja (2005) fundamenta e aplica nas realidades sociais uma ética e uma moral cristãs. (DNC, 2007, n. 160).

CELEBRAR, momento privilegiado por a experiência da graça divina. [...] a dimensão catecumenal da catequese tem aqui sua maior expressão (DNC, n. 161).

REVER, momento para sintetizar a caminhada catequética, valorizar catequistas e os catequizandos [...] confirmando a caminhada feita sob o impulso do Espírito Santo (DNC, 2007, n. 162).

Para o Papa Francisco, o encontro catequético é:

um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre de uma ambientação adequada, motivação atraente, do uso de símbolos e sinais eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho de escuta e resposta (EG, 2013a, n. 166).

Por outro lado, observa-se que o despertar para o discipulado constitui-se numa interação permanente em que evangelizadores, catequistas e catequizandos são “crescentes e aprendentes” (CDC, 2018, p. 87) a vida inteira, e a comunidade é

tocada pelo Senhor, que se manifesta de muitas maneiras, entusiasmando sempre a caminhar com Ele na construção de seu Reino.

Em suma, é conveniente salientar que o catequista mistagogo faz de sua vida um percurso de experiência e testemunho do Mistério Pascal, a vivência cotidiana é o lugar onde se percebe a presença de Deus, que podem transformar realidades e assim possam ser percebidos por seus interlocutores.

4.4 A PEDAGOGIA DO ACOMPANHAMENTO

No contexto de uma sociedade cada vez mais urbana e ferida, o Papa Francisco (EG, 2013a, n. 169), assevera que a Igreja tem a necessidade de um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro quantas vezes forem necessárias. Continuando, ainda, a Igreja deverá iniciar os seus membros na “arte do acompanhamento”, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (Ex 3,5). A Igreja deve sempre caminhar ao ritmo da proximidade, com olhar respeitoso e compassivo, que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã.

Em suas considerações, o Papa Francisco continua explanando que aquele que faz o acompanhamento sabe reconhecer a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça é mistério que não pode ser conhecido a partir do exterior. O Evangelho propõe que se corrija e ajude a pessoa crescer a partir do reconhecimento da maldade objetiva de suas ações (Mt 18,15), mas sem proferir juízos sobre sua responsabilidade e culpabilidade (Mt 7,1; Lc 6,37). Entretanto, um sábio acompanhante não compactua com fatalismos, mas, sempre orienta a querer curar-se, a abraçar a cruz, e partir para anunciar o Evangelho (EG, 2013a, n. 172).

A partir dessas reflexões, vejamos o que o Diretório para a Catequese diz,

nessa renovada consciência de sua vocação, a Igreja repensa a catequese como uma obra em sua saída missionária. [...] A catequese também forma a missão, acompanhando os cristãos no amadurecimento das atitudes de fé e conscientizando-os de que são discípulos missionários, chamados a participar ativamente do anúncio do Evangelho e a fazer presente o Reino de Deus no mundo (DC, 2020, n. 50)

Por essa razão,

o catequista é um especialista na arte do acompanhamento (EG, n. 169-173), facilita o amadurecimento do ato de fé e a internalização das virtudes cristãs, tem competências educacionais, sabe ouvir e entrar na dinâmica do amadurecimento humano torna-se companheiro de viagem com paciência e senso de gradualidade, na docilidade à ação do Espírito, em um processo de formação, ajudando os irmãos a amadurecer na vida cristã e a caminhar em direção a Deus. O catequista, especialista em humanidade, conhece as alegrias e as esperanças de cada pessoa, suas tristezas e angústias (GS, n.1) e sabe colocá-las em relação com o Evangelho de Jesus (DC, 2020, n.113c).

É importante ressaltar, contudo, que o processo de maturidade pessoal é progressivo. Ele não se dá de um dia para o outro. Para que as pessoas estejam prontas para decisões e respostas, o acompanhador, inspirado na mistagogia divina, conduz o iniciante ao Mistério e ao encontro com Jesus Cristo, respeitando seu ritmo de tempo.

Segundo Costa (2014, p. 141), após considerar a característica presente na experiência mistagógica, em que o papel do evangelizador consiste em ser o pedagogo do Mistério, de mistagogo, vejamos em um breve resumo, como os Padres da Igreja recuperam, na ação evangelizadora, a dinâmica pedagógica da Revelação e do próprio Jesus.

A tarefa da iniciação consiste em introduzir o neófito no seguimento de Jesus, não somente na doutrina, mas numa abertura existencial, prática e afetiva. O termo “mistagogo” sugere à Igreja, de ontem e de hoje, conduzir pela mão o catecúmeno para que ele descubra sua forma pessoal de seguir o Senhor. Esse acompanhamento mistagógico ocorre não apenas no campo dos encontros específicos da catequese, mas também em caráter comunitário, na Igreja e como Igreja. No catecumenato primitivo, o candidato era acompanhado pela família, mas em especial por um padrinho da fé.

O intuito do acompanhamento espiritual não era de criar dependência, mas sim criar disposição para oferecer ao candidato o tempo necessário para que fizesse sua opção com liberdade. Consciente dessa perspectiva mística, “o catequista pressupõe respeito à liberdade de Deus e da pessoa a quem acompanha e que vai orientar e auxiliar o iniciado a perceber os sinais da presença de Deus em sua experiência vital” (COSTA, 2014, p. 142).

Outra constatação, conforme essa autora, é que o conhecimento da Sagrada Escritura e da doutrina apostólica, do mesmo modo, a vivência sacramental e

comunitária, tinham por objetivo auxiliar o iniciado, que passo a passo, também poderia fazer o seu discernimento com relação à fé cristã. Esse processo de acompanhamento, na formação cristã, respeita o ritmo pessoal e, atento ao desenvolvimento da compreensão, adesão e conversão, por parte do iniciado, revisa e propõe novos métodos para a transmissão dos conteúdos essenciais. Dessa forma, oportuniza-se a passagem da fé recebida para a fé decidida. Assim sendo, é a experiência da interiorização e amadurecimento que vai delinear a adesão e o compromisso com a fé.

Dessa forma, o processo de acompanhamento vai acolher o iniciado na sua “particularidade e alteridade, dialogando com ele, e, então, aprofundar uma experiência de fé, confiança, entrega, respeitando o processo pessoal, sua história de vida” (COSTA, 2014, p. 142).

4.5 MISTAGOGIA E OS DESAFIOS NA ATUALIDADE

Ampliando a discussão sobre a mistagogia e trazendo para o contexto atual, é importante apresentar alguns pressupostos teóricos sobre o tema. A mistagogia é um caminho que conduz ao encontro com Deus e que parte de uma existência que caminhe até a centralidade da pessoa, no seu mais profundo íntimo e, nesta experiência, “leva ao encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus” (COSTA, 2014, p. 714). Esta experiência leva a pessoa a superar a dupla tentação de desistir, perder a esperança de encontrar o sentido da vida ou de se realizar por si mesma, e ajuda a conduzi-la à abertura ao mistério que se oferece e que a faz ser.

Em sua enorme rede de relações, a mistagogia coloca-nos diante da origem da experiência de fé, perante Deus, e, a partir desta centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar de mediadores, como, por exemplo, os agentes da evangelização, os destinatários, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade e a sociedade.

Diante desse processo, as ações pastorais e pedagógicas são espaços de orientação e formação e não fins em si mesmos. São momentos privilegiados e fundamentais; enquanto mediações precisam estar atentos e abertos à escuta da

dinâmica da revelação na experiência pessoal e comunitária, nos textos sagrados, nos sinais presentes na história e nas interrogações indagadas pela sociedade.

Do mesmo modo, a mistagogia moderna deve evitar o alegorismo, pois esse poderá revelar-se indecifrável e abstrato. Antes, deverá confiar na força do Espírito, que se comunica através de palavras sóbrias e dos gestos sacramentais. “A missão do Espírito Santo é dar a inteligência do que Jesus Cristo se revelou, Ele é o mistagogo invisível” (CDC, 2018, p. 82).

Diante disso, emerge a necessidade de redescobrir e repropor a metodologia dos Padres da Igreja para responder aos anseios do homem moderno. As contribuições dos teólogos medievais auxiliaram a responder à exigência racional da adesão ao mistério, cujo patrimônio foi conservado nas orações e ritos litúrgicos. Desta compreensão, depende a participação no mistério eucarístico, e a catequese tem a tarefa de auxiliar os sacerdotes e os fiéis a compreenderem e realizarem as diferentes condições da celebração eucarística (CDC, 2018, p. 82).

A partir desse pressuposto, Lelo (2009, p. 128) recomenda que durante os encontros catequéticos sejam utilizados símbolos, celebrações, com o objetivo de propor uma “formação litúrgica que capacite o catequizando a interiorizar os principais gestos da liturgia e seu sentido profundo, colocando o fiel em contato com o mistério de fé celebrado”. Ao mesmo tempo, é fundamental propor vivências que eduquem para a acolhida do outro.

Por essa razão, é preciso ensinar a ouvir a Palavra, fazer partilhas, praticar a ação de graças, ser generoso e oferecer a vida como serviço do amor e dom de si a exemplo do lava-pés. Também é necessário pedir perdão, reconhecer a presença e o direito do outro. Atitudes como essas, pequenas vivências, colocam o Evangelho em ação e realizam o sacramento em seu efeito primeiro como símbolo pertencente a este mundo. Por conseguinte, a mistagogia impele a catequese a interagir com mais atenção à liturgia e promover uma participação interior e frutuosa, dispondo da espiritualidade que brota da teologia litúrgica (LELO, 2009, p. 129-130).

É interessante acrescentar, para essa reflexão, o que diz o RICA em seu parágrafo n. 237, enfatizando o tempo da mistagogia. Para encerrar “o tempo da mistagogia, realiza-se uma celebração ao terminar o tempo pascal, nas proximidades do domingo de Pentecostes, até mesmo com festividades externas”.

Além disso, segundo as contribuições de Reinert (2019, p. 25), “esse tempo, da mistagogia, sem dúvida alguma, por meio de seus objetivos específicos”, refere-se à nova evangelização. Ele convoca para um processo constante de formação permanente, continuidade do acompanhamento pastoral, após a recepção dos sacramentos, quando, por algum motivo, este é interrompido. É um tempo inspirador para pensar a pastoral de maneira conjunta e gradual, superando as lacunas e projetos pastorais pós-sacramentos, consequência de uma herança sacramentalista, que aponta apenas aos sacramentos em si.

Lima (2016, p. 262), por sua vez, afirma que mistagogia não é apenas o último tempo do catecumenato, mas perpassa todo o processo iniciático. Desde o primeiro anúncio ou primeiro tempo, já existem elementos mistagógicos: orações, assinalações, bênçãos que o próprio introdutor ou catequista faz. Durante todo o “tempo da catequese (segundo tempo), multiplicam-se os ritos, orações, leitura orante da Sagrada Escritura, celebrações, meditação e retiros”. Tudo isso é mistagogia. Através desses exercícios da prática cristã, o catequizando ou catecúmeno vai mergulhando no mistério de Jesus e de sua comunidade de discípulos.

A mistagogia ou catequese mistagógica está unida a tudo o que é litúrgico, celebrativo, orante, contemplativo e seu sentido abrange as expressões da fé cristã mediadas pelos sinais, símbolos, as artes, a pintura e a música. O processo de iniciação à vida cristã, com a riqueza de seus diversos elementos, conduz, por um lado, a um verdadeiro equilíbrio entre o emotivo, sentimental, experiencial e o encantamento pelo mistério de Cristo; por outro lado, a uma integração entre a dimensão racional, doutrinal e sistemática da fé. No itinerário catequético, por muito tempo, predominou a dimensão doutrinal, ou seja, o uso dos catecismos doutriniais.

Hoje, acentua-se, na prática catequética, a dimensão da *experiência* ou *contato vivo* (grifo do autor) com Jesus Cristo. Objetiva-se levar os catequizandos a uma experiência da fé. “O processo iniciático faz com que nossa ação evangelizadora alcance o necessário equilíbrio entre ambas as dimensões” (LIMA, 2016, p. 263).

Em síntese, “a catequese propriamente dita caracteriza-se pela transmissão da doutrina cristã, pelo ensino, através da Sagrada Escritura e dos ensinamentos da

Igreja (Catecismo)”, incorporando elementos mistagógicos que vão sendo assimilados durante todo o processo catequético e de formação permanente. (LIMA, 2016, p. 264). Desse modo, a maneira que o catecúmeno é conduzido e educado para as “realidades que revelam o Mistério, tanto os símbolos e gestos, quanto palavras e ações se tornam caminhos e itinerários para o aprofundamento da fé, bem como, para o seu amadurecimento em Cristo” (PAGNUSSAT, 2018, p. 26) e, conseqüentemente, para o discipulado e para a missão.

4.5.1 Discipulado

O processo de iniciação catecumenal culmina no discipulado, ou seja, no encontro com o Senhor, na participação da liturgia e na missão eclesial. A pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã, juntamente com a pastoral sacramental, aponta para a necessária vivência do que os sacramentos significam (CNBB, 2017, 107, n.49).

Desse modo, a dimensão missionária da Iniciação à Vida Cristã completa-se com a Eucaristia. E, uma vez revestidos pelos sacramentos, os catecúmenos recebem a graça de incorporar-se na identidade de Cristo e sua ação missionária, porque Ele é o missionário enviado do Pai. Nesse sentido, os recém-iniciados, incorporados à Igreja, são os continuadores da missão de Jesus. Diante disso, podemos assegurar que: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo” (AG, 2007, n.2). (PAGNUSSAT, 2018, p. 31-33).

Da mesma forma, como assevera Belloso (2005, p. 202), a “Eucaristia é o núcleo vivo da evangelização, pois nela se tornam atual e real a mesma cena de Cristo com os seus, na qual ele dá aos seus discípulos o dom da missão”: “Como o Pai me enviou também eu vos envio”. Então, soprou sobre eles e falou: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,21-22).

Para Belloso (2005, p.202), através da cena da ressurreição descrita e da eucaristia, é possível “contemplar o sacramento eucarístico como o acontecimento no qual a missão de Cristo é prolongada através da missão da Igreja”, graças à presença da ressurreição de Cristo na comunidade eclesial de hoje. Na

continuidade de seu pensamento, aqueles que desejam evangelizar devem permanecer à escuta da Palavra e receptivos à força do alto, com a qual serão revestidos (Lc 24,29; At 1,8), pois, com efeito, a evangelização não é fruto da iniciativa e poder do homem, mas da iniciativa e poder do Senhor.

Portanto, “a Igreja se constitui ao redor da eucaristia para poder se tornar presente – com sua mensagem e sua caridade solidária – no meio de homens e mulheres de todos os povos” (BELLOSO, 2005, p. 202). A Igreja da eucaristia caminha e deverá caminhar pela mesma estrada que o Senhor trilhou: da pobreza, obediência, serviço e entrega de si mesmo aos outros, em especial, aos pobres e excluídos. Portanto, na eucaristia, dá-se a interação entre Evangelho e vida. Os leigos batizados pedem hoje mais do que nunca essa espiritualidade que supõe interação (BELLOSO, 2005).

O Evangelho de Jesus Cristo é proclamado na comunidade hermenêutica da Igreja, sobretudo no ato da celebração eucarística. A proclamação é o ato público de comunicar a mensagem de forma que ela seja interpretada, entendida e vivida pelas pessoas. Na vida real, com suas relações e seus problemas, seus medos, lutas e esperanças, dramas semiocultos e alegrias fecundas: “até lá chega o Evangelho, luz da vida cotidiana, que recebe um impulso de bem-aventurança e de transfiguração” (BELLOSO, 2005, p. 203).

Esse autor aprofunda o sentido do mistério eucarístico, explicando que se pode entender a experiência de Santa Teresa de Ávila que dizia: “Obras, obras, quer o Senhor” (BELLOSO, 2005, p. 203); a São João da Cruz, que afirmava: “Na tarde daquele dia, seremos examinados pelo amor” (BELLOSO, 2005, p. 203). Ressoarão sobretudo as palavras de Jesus, que brotam no ambiente eucarístico – de ação de graças -, sugeridas por São João: “Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós” (Jo 13,15). “Inteligência, vontade, sensibilidade, amor, ação: toda pessoa é vivificada pela fonte eucarística. Toda pessoa é iluminada e transfigurada pela luz de Cristo, cume de todo o edifício sacramental e de toda a vida cristã” (BELLOSO, 2005, p. 203).

Outra consideração importante, para Pagnussat (2018, p. 32), é que os sacramentos recebidos devem provocar uma mudança na vida da pessoa, cuja postura no mundo necessita ser percebida mediante seu comportamento como

sendo atitudes do próprio Cristo. Os sacramentos contribuem para assumir uma postura pautada no Evangelho de Jesus Cristo para a promoção da dignidade humana. Não é necessário apenas conhecer intelectualmente a ação de Deus na vida; é preciso que essa ação torna-se fonte de vida e sentido para todos. A comunidade dos iniciados é chamada a atualizar e interpretar a ação salvífica de Jesus para poder seguir o caminho proposto por Ele. A adesão a Cristo exige um novo estilo de vida.

Assim, pela ação do Espírito, o recém-iniciado é convidado a viver sua vocação cristã no serviço e no testemunho. Na “Eucaristia se realiza plenamente a transformação do ser humano e do mundo, nela tem-se a antecipação do Reino de Deus entre nós” (PAGNUSSAT, 2018, p. 32). O lava-pés (Jo 13,1-17), para o discípulo-missionário, é o modelo e a fonte de espiritualidade para todo o cristão.

Após a recepção sacramental, a prática celebrativa da liturgia será a forma de viver integralmente a graça da iniciação como incorporados em Cristo. “Pela liturgia, o cristão manifesta sua relação de filiação e comunhão com a Trindade, assumindo o mistério de salvação” (NUCAP, 2019, p. 68). A plenitude do dom da fé recebido no Batismo coincide com a participação na vida nova marcada pelos critérios evangélicos das bem-aventuranças e não mais pela ordem instituída.

Antes de concluir o capítulo, convém, ainda, ressaltar alguns aspectos evidenciados pelo Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP (2019), a partir do documento da CNBB 107. Durante o processo da iniciação cristã, a personalidade do discípulo vai formando-se, pois ele já está habilitado para discernir seu projeto de vida à luz da Palavra de Deus, tendo como base para a conformação existencial a Páscoa do Senhor. O discípulo aprendeu a discernir sobre suas atitudes, escolhas e objetivos, a partir da missão que descobriu para si, ao encontrar-se com o Mestre e a prática do Reino. De acordo com a missão, para qual o Senhor o enviou, é chamado a formar um novo estilo de vida, com fidelidade ao desígnio divino que encontrou através da fé, oração, escuta da Palavra em seu coração e nos acontecimentos ao seu redor. É o Espírito que lhe inspira a fortaleza e a sabedoria para cumprir a missão confiada pelo Pai, a qual constitui o seu plano de amor ao discípulo e que Jesus chamou de vontade do Pai. Por isso, a preocupação fundamental do discípulo deve ser aquela de cumprir a vontade do Pai.

Assim como Jesus, que disse: 'O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra' (Jo 4,34), ou mesmo quando nos ensinou a orar: 'seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu' (Mt 6,10). E mais ainda no horto das oliveiras, quando sua oração chega ao auge, 'Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua!' (Lc 22,42).

Como podemos observar, ao cumprimento dessa vontade “condicionará a realização do discípulo em seguir Jesus até a cruz” (NUCAP, 2019, p. 72). No entanto, continuará em aberto uma divergência aparente em assumir a cruz e encontrar realização pessoal ao mesmo tempo. A sabedoria da cruz, como exercício de amor fraterno, é caminho fundamental no seguimento de Jesus.

Na continuidade da reflexão, o Nucap (2019) ressalta ainda que descobrir e seguir a vontade de Deus faz o discípulo tomar outras decisões diferentes daquelas que a princípio tinha programado. Como exemplo, podemos mencionar o testemunho da primeira discípula, Maria Santíssima, que, meditando sobre a dificuldade da missão, respondeu: “Eis aqui a erva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Em suma, o dinamismo do discipulado conduz o cristão por um caminho aberto, guardando as surpresas próprias do caminho que presume “confiança máxima no Espírito em continuar a missão de Jesus Cristo até a casa do Pai” (NUCAP, 2019, p. 73).

Enfim, a mistagogia está presente em todo o processo de evangelização, que conduz os fiéis para a vivência sacramental e a experiência de fé. O aspecto mistagógico perpassa o momento litúrgico, celebrativo e orante. A Catequese auxilia na compreensão e realização das celebrações eucarísticas e acompanha o catecúmeno no discernimento do seu projeto de vida à luz da Palavra de Deus. Enquanto batizado, é chamado a participar ativamente da missão de Cristo e assumir um novo estilo de vida. Desse modo, a pedagogia de Jesus mestre, educador e mistagogo é modelo de itinerário catequético.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo catequético catecumenal tem por finalidade o encontro vivo com Cristo. Este encontro envolve a pessoa em sua totalidade. Durante o percurso da pesquisa emergiu a importância de cultivar a mística do encontro, a exemplo do encontro de Jesus com a Samaritana. Trata-se, portanto, de um processo que não pode ser reduzido realização de tempos e etapas, ou de esquemas rígidos e uniformes. Os itinerários catequéticos exigem acompanhamento no amadurecimento das atitudes de fé e conscientização de ser discípulos missionários chamados a participar ativamente no anúncio do Evangelho, tornando presente o Reino de Deus no mundo.

Em virtude disso, o catecumenato de adultos é definido como um espaço na comunidade para a evangelização contínua de adultos, não só para aqueles em preparação para os Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, tais como, Batismo, Eucaristia e Crisma, mas também para todos aqueles que querem ter oportunidade de fazer aprofundar sua fé, compreender sua Igreja e aprender sobre a Palavra de Deus.

Pode-se afirmar que o percurso histórico da catequese na Igreja nascente, conhecido por Catecumenato, consistia num itinerário de iniciação à fé e de mergulho na vida nova de Jesus Cristo. Este processo foi considerado como momento de instrução, de aprendizado, de transmissão da doutrina cristã, aprofundamento da fé a partir das Escrituras e ensino dos Apóstolos, conduzido pelos catequistas, chamados de doutores.

Entre os séculos III e IV, surgiu a catequese mistagógica, aprofundada pelos Padres da Igreja. É o momento forte e determinante no processo de evangelização, no conhecimento e adesão da fé cristã. A mistagogia é a pedagogia do mistério, uma experiência que respeita e facilita a relação de diálogo e o aprofundamento entre a dinâmica da revelação e a dinâmica existencial daquele que crê, orientando uma metodologia que permite um processo de sistematização teológica e pastoral da evangelização. Neste período, são introduzidas pelos Padres da Igreja novas práticas ligadas principalmente à oração, celebrações litúrgicas, ritos, exercícios de vida cristã e de acompanhamento pessoal.

Em decorrência do desaparecimento do catecumenato e da expansão do cristianismo, a Igreja enfrentou problemas políticos, eclesiais e teológicos relevantes que interferiram também na sistematização e na organização do catecumenato. Ainda convém lembrar que, em tempos de crises do catecumenato e/ou de seu desaparecimento, ele foi substituído pelo catecismo. Com a retomada do catecumenato, de modo particular com o RICA, com suas devidas adaptações, constitui uma importante mediação para impulsionar a maturidade de todos os fiéis à fé.

Levando-se em consideração esses aspectos, vale ressaltar que, com a renovação catequética, buscou-se superar um ensino catequético doutrinal. A catequese recupera as dimensões bíblica, antropológica, cristocêntrica, litúrgica, comunitária, sob o impulso do Vaticano II, restabelecendo, assim, o catecumenato com a retomada da dimensão mistagógica.

Logo, o Diretório Geral para a Catequese (DGC, 2003) contribuiu significativamente na condução deste processo, reforçando a necessidade da formação não só do catequista, mas também das pessoas da comunidade envolvidas neste processo. Compreende-se, então, que a mistagogia é a ação de toda comunidade e, por sua vez, a comunidade introduz os catecúmenos ou catequizandos nos mistérios da fé.

Em face dos dados apresentados, a Catequese vai adquirindo mais visibilidade na Igreja, sendo considerada um processo constante de renovação, conforme, aponta o novo Diretório para a Catequese (DC, 2020, Introdução, n. 1-10). O documento enfatiza que a Catequese não pode ser uma atividade isolada do contexto histórico e cultural em que se realiza. É imprescindível ressaltar que a caminhada catequética está sempre em movimento, atenta aos novos tempos, às realidades, e que os desafios estão sempre persistindo no ideal de alcançá-los.

Com base na literatura pesquisada, considerou-se a Catequese com Adultos um processo contínuo. Ela é estabelecida como prioridade pela Igreja, sendo que o ponto de chegada não é a recepção dos sacramentos, mas tornar-se discípulo missionário de Jesus Cristo e anunciador do Reino de Deus numa sociedade em constantes mudanças. Esta tarefa é permanente.

Constatou-se, também, que, diante do crescente número de pessoas que buscam pela Catequese de Adultos, a Igreja deve estar aberta e a serviço da pessoa humana. A Igreja, portanto, “é chamada a ser a casa aberta do Pai” (EG, 2013a, n.47). Nesse sentido, o crescente número de pessoas que buscam pela fé, além de desafiar a Igreja, representa uma nova tarefa pastoral. O acompanhamento dessa busca é um direito de todo batizado. Cabe, portanto, à Igreja, como mãe, acolher, analisar e avaliar a situação individual de cada pessoa e conduzi-la para o encontro com Deus.

Isso posto, enfatizamos a necessidade de uma catequese adequada com a história e a cultura do grupo, bem como a aceitação da originalidade e da pluralidade de cada pessoa, nessa perspectiva, o diálogo permanente entre as pessoas, e entre estas e a estrutura da evangelização, seus conteúdos, instrumentos e metodologia, certamente possibilitará um itinerário mistagógico-litúrgico-sacramental.

Com efeito, a mistagogia apresentou-se como a arte de conduzir os fiéis para dentro do mistério celebrado, revelando-o através de cada rito e gesto. Deste modo, a pedagogia de Jesus mestre, educador e mistagogo apresentou-se como modelo de itinerário catequético. Os traços educativos da pedagogia de Jesus indicam o agir antes e pós a sua ressurreição. Sua aparição aos discípulos, depois da sua morte, é um acontecimento pelo qual Deus mergulha na história humana, um acontecimento no qual Jesus de Nazaré é transformado pelo Espírito de Deus e levado para a própria vida de Deus.

Sendo assim, o magistério do Papa Francisco, além de resgatar os elementos fundamentais da catequese conciliar, enfatiza nos seus ensinamentos a necessidade de uma fé celebrada, pois não é possível comunicar o conteúdo da fé ao homem e à mulher contemporâneos sem introduzi-los no verdadeiro sentido da liturgia cristã. Dessa maneira, celebrar a fé significa tornar a vida de fé uma fonte única e inesgotável do Mistério de Cristo.

Concluiu-se que o resgate da experiência mistagógica como fonte e referencial para a dinâmica da catequese e da evangelização atuais constitui um processo de transformação e de inculturação da fé.

REFERÊNCIAS

ALBERICH, Emilio. **Catequese Evangelizadora, Manual de catequética fundamental**. Adaptação para o Brasil e a América Latina: Pe. Dr. Luiz Alves de Lima. Brasília, DF: Editora Dom Bosco, 2013.

ALBERICH, Emilio. Binz, Ambroiese. **Catequese com Adultos, Elementos de Metodologia**, 2. ed. São Paulo: Salesiana, 2001.

ALDAZÁBAL, José. **Gestos e Símbolos**. São Paulo: Loyola, 2005.

ALVES, Artur Luís Delgado Farinha. A Comunicação da Fé Segundo Santo Agostinho. Catequese aos não iniciados ou principiantes. Dissertação de Mestrado em Teologia Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, Lisboa, 2014. In: NERY, Irmão José. **Catequese com adultos e catecumenato. História e proposta**. São Paulo: Paulus, 2019. Disponível em: <https://repositório.ucp.pt/bitstream/10400.14/16956/1/De%20catechizandis%20Rudib%20%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20da%20F%C3%A9%20segundo%20Santo%20Agostinho.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. **Diretório Arquidiocesano da Iniciação à Vida Cristã**. Comissão da Animação Bíblico Catequética. Curitiba: Editora Arquidiocesana de Curitiba, 2013.

BELLOSO, Josep M. Rovira. **Os sacramentos: símbolos do espírito**. Tradução José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENTO XVI, Papa. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**. Documentos Pontifícios, 6. Brasília: Edições CNBB, 2011.

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est* sobre o amor cristão**. Documentos Pontifícios, 1. Brasília: Edições CNBB, 2006.

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal ***Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. Roma, 22 de fevereiro de 2007.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2002. Reimpressão – 2013.

BOROBIO, Dionísio. **Celebrar para viver: liturgia e sacramentos**. São Paulo: Loyola, 2009.

BOROBIO, Dionísio (org.). **A Celebração na Igreja**. I: Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. 7. ed. Brasília. São Paulo: Paulus, 2008.

CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO DE OSASCO. **Querigma e Mistagogia**: caminhos à iniciação cristã. 2. Reimpressão - 2018; São Paulo: Paulus, 2011.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã**: Um Processo de Inspiração Catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2009. (Estudos da CNBB 97).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2015-2019**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2015 (Documento 102).

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã**: Itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017 (Documento 107).

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Divina Revelação. 7 de dezembro de 1965. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa 7 de dezembro de 1965. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Declaração *Gravíssimum Educationis*. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Declaração *Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as religiões não cristãs. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre a missão dos leigos no mundo. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus*, sobre a função pastoral dos bispos na Igreja. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Orientalium Ecclesiarum sobre as Igrejas Orientais*. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Optatam Totius*, sobre formação sacerdotal. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis, Perfectae Caritatis*. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto Unitatis Redintegratio, sobre o ecumenismo**. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Catequético Geral**. Tradução de E. Royer. São Paulo: Paulinas, 1971.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **A Conversão Pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja**. Documentos da Igreja, 63. Brasília: Edições CNBB, 1. Ed. 2020.

COSTA, Rosemary Fernandes. **Revista Pistis Práxis**, Teologia Pastoral, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 693-718, maio/ago. 2014.

COSTA, Rosemary Fernandes. **Mistagogia hoje**: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

COSTA, Rosemary Fernandes. **A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.

DORE, Joseph. **Jesus**: a enciclopédia. Coordenação de Christine Pedotti. Trad. de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de patrologia**. Trad. De Orlando dos Reis e Carlos de Almeida Pereira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FORTE, Bruno. **Em busca do amor. Moralidade católica e sexualidade humana**. Edições Loyola: São Paulo, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Lumen Fidei* a luz da fé**. Documentos Pontifícios, 16. Brasília: Edições CNBB, 2013b.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Documentos Pontifícios 17.1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2013a.

GOEDERT, Valter Maurício. **Sacramentos**: maravilhas da salvação. São Paulo: Paulinas, 2. Ed., 2004.

GRILLO, Andrea. **Ritos que educam**: os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

JOÃO PAULO II. ***Catechesi Tradendae***. Exortação Apostólica pós-sinodal. A voz do Papa 93. São Paulo: Paulinas, 1980.

KASPER, Walter. AUGUSTININ, George (edd). **In la sfida della nuova evangelizzazione. Impulsi per la revitalizzazione de lá fede**. Roma: Queriniana, 2012.

LELO, Antonio Francisco. **A iniciação cristã. Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho**. São Paulo: Paulinas, 2005.

LELO, Antonio Francisco. Pedagogia Catecumenal: Moda ou Herança? **Revista de Cultura Teológica**, v.17 – n.66 – Jan/Mar 2009.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da modernidade**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LIMA, Luiz Alves. **A Catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã**. São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Marco Conciliar.

LIMA, Luiz Alves. SCHIMITT, Paulo Stippe. O Querigma Cristão. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v.32 – n.1 – Jan/Abr 2017.

MICHELETTI, Padre Guillermo Daniel. A Figura do Introdutor/Acompanhante no Processo Catequético da Iniciação à Vida Cristã. In: Sociedade Brasileira de Catequistas/SBCat. **A Catequese a Serviço da Iniciação à Vida Cristã**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

MIRANDA, Mário de França. **Libertados para a práxis da justiça**. São Paulo: Loyola, 1980.

NERY, Irmão José. **Catequese com adultos e catecumenato. História e proposta**. São Paulo: Ed. Paulus, 2019.

NOCKE, Franz-Josef. Schneider, Theodor (org.). Doutrina Geral dos Sacramentos. Tradução de Ilson Kayser. **Manual de Dogmática**, volume II. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2012.

NUCAP – Núcleo de Catequese Paulinas. **Discipulado: a partir do documento da CNBB n.107**. São Paulo: Paulinas, 2019.

ONATIBIA, Ignácio. **Batismo e Confirmação; Sacramentos de Iniciação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

PAIVA, Vanildo. **Catequese e Liturgia: Duas faces do mesmo Mistério**. Reflexões e sugestões para a interação entre Catequese e Liturgia. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAGNUSSAT, Leandro Francisco. A Mistagogia nos Sacramentos de Iniciação à Vida Cristã. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 41, n.152, jul-dez 2018, p.23-33.

PARO, Thiago Aparecido Faccini. **As Celebrações do RICA: Conhecer para bem celebrar**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2017. 3. reimpressão – 2018.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. Tradução de Álvaro Cunha; Revisão de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulus, 1982.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Tradução de João Vitor Gonzaga Moura. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2020.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a Revelação. A revelação divina na realização humana.** São Paulo: Paulinas, 2010.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé.** São Paulo: Paulus, 2004.

RAHNER, Karl. ***Uditori della parola.*** Roma: Borla, 2006.

REINERT, João Fernandes. **Paróquia e Iniciação Cristã:** a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015.

REINERT, João Fernandes. **Inspiração Catecumenal e conversão pastoral.** Revista Vida Pastoral, ano 60, n. 325, 2019.

ROUTHIER, Gilles. À l'origine de la pastoralité à Vatican II. In: **Laval théologique et philosophique**, Laval, v.67, n.3, p. 443–459, out. 2011.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO - **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos - RICA.** 5. ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2013.

SÃO PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo.** Roma, 8 de dezembro de 1975.

SÍNODO DOS BISPOS. XI Assembleia Geral Ordinária. A eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. **Lineamenta**, 2004. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20040528_lineamenta-xi-assembly_po.html. Acesso em: 01 fev. 2021.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da Vida Cristã. Uma teologia do batismo-crisma.** São Paulo: Loyola, 2001.

THEOBALD, Christoph. **Le christianisme comme style** : Une manière de faire de la théologie en postmodernité. Paris: Les éditions du Cerf, 2007.